CAMÕES

CENTRO DE ESTUDOS PORTUGUESES
ILCSE - ARARAQUARA
BIBLIOTECA N.º 1395

CAMÕES

ESTUDO HISTORICO-POETICO

LIBERRIMAMENTE FUNDADO

Sobre um Drama francez

DOS SENHORES

VICTOR PERROT, E ARMAND DU MESNIL

POR

ANTONIO FELIÇIANO DE CASTILHO

2.ª Edição

Copiosamente accrescentada nas notas

TOMO I

LISBOA

TYP. DA SOCIEDADE TYPOGRAPHICA FRANCO-PORTUGUEZA

6, Rua do Thesouro Velho, 6.

1863

A SUA MAGESTADE

O SENHOR D. PEDRO II

IMPERADOR DO BRASIL

Tu, que entre amor dos teus, e universal assombro,
firme num sceptro immenso, os olhos no porvir,
volves, joven Atlante, um aureo mundo ao hombro,
e sorrindo-lhe luz lhe ensinas a florir;

filho, e gloria, do heroe semi-deus em dois mundos,
cuja urna eu c'roei, como um votivo altar;
ou como o teu colosso em palmares fecundos
musas do teu Brasil hão-de cedo engastar;

se o destino um diadema em teu berço ha lançado,
d'esse don casual não me attrae o esplendor:
tens mais nobre diadema! eterno! conquistado!
quem mede em ti o sabio, esquece o Imperador.

Sobre paços de reis, e sobre um tecto ignoto,
póde um astro de Deus commum resplandecer:
tu no solio, eu no exilio, um do outro tão remoto,
ambos damos um culto ao merito, ao saber.

Quantas vezes (quem sabe?) o estudo á mesma hora
nos haverá raiado igual inspiração!
como na minha lira estás fulgindo agora,
talvez um canto meu lá te encha o coração!

Não me julguem vaidoso: os ocios teus campestres,
meu Cesar, não sei eu que me têem junto a ti?
e que entre a profusão d'autores nossos mestres
tu sonhas sonhos meus, folheando o que escrevi?

Alma irmã da minh'alma; ó tu, cuja poesia
mais que a minha feliz, não se exhala em vãos sons;
mas povoa de bens infinda monarchia;
verte a povos sem conto os mais formosos dons;

poeta omnipotente; acceita o meu tributo.
Não é mais que um retrato; um livro; um nada: sim;
mas num germen contém-se incalculavel fruto;
mas ás vezes um nada encerra bens sem fim.

Feliz eu! feliz tu! feliz teu vasto imperio,
se outra vez neste livro attentos olhos pões!
renascem Grecia e Lisia em melhor hemispherio!
cantam, sem mendigar, Homeros e Camões!

De toda a parte o genio, artes, sciencia, estudo,
vão de teu solio á sombra encher os fados seus;
regenera-se a terra! o teu favor fez tudo;
carpiste sobre um vate... e fizeste-te um deus!

Ilha de S. Miguel
4 de agosto de 1849.

Lisboa 30 de abril
de 1862.

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.

A QUEM LER

(Da primeira edição)

O germen do presente drama nasceu francez; e tão francez, ou tão pouco portuguez, que passado assim para os nossos ares, infallivelmente, e para logo, pereceria. De Camões, não tinha mais que o nome; da terra e dos tempos de Camões, coisa nenhuma. O que por lá lhe deu vida e fortuna, que a teve, e muita, foi o enredo, a disposição, o bem calculado e acertado dos lances; tudo isso me pareceu tomar-lhe, e o tomei; modificando-o todavia, e accrescentando-o copiosamente. Obtido assim o terreno, e a maior parte dos alicerces e paredes mestras, edifiquei sem me importar cujos fossem os materiaes. O alheio, e o proprio, tudo ahi vai travado: ha scenas inteiramente copiadas; ha fallas, e scenas, e quasi actos, inteiramente novos; mas essa é uma questão mesquinha, que eu não quero tratar aqui: o drama francez tambem está impresso; confronte-os quem entende da póda, que não ha mais dizer. A malsins, que não sabem ler, não dou eu

satisfações. Quem tem portas chapeadas, dorme as noites a bom levar, sem pensar nos ratoneiros vadios. Sempre assim foi, desde que ha mundo: quem não trabalha, murmura; quem não sabe, ou não póde, ou não quer erigir a sua casa, escreve com carvão ou com a ponta do pau pasquinzinhos chochos e chilros pelas paredes novas: pois escrevam, e morram, quando for tempo; que hão-de ter famoso epitaphio, e ficar sendo muito lembrados!..

Gosto d'aquella fabula chim! Os zangãos invejosos puzeram-se a zumbir na presença de Wishnu que a cera e mel das abelhas eram um *plagiato* feito ás flores, e por tanto lhes não pertenciam a ellas. Que fez Wishnu? riu-se, e não os esborrachou; respondeu-lhes que fizessem elles iguaes roubos; que elle se obrigava a trocar-lhes o seu mal estreado nome no de abelhas; e que em quanto o não conseguissem, tivessem paciencia de viverem tão pouco, e tão mirradinhos. Peço a algum leitor mais desoccupado que explique este apólogo chim ao meu visinho critiqueiro ali da outra rua.

O livro que apresento, não lhe quero eu chamar favo; digo só que, assim como a abelha trabalha no seu favo, trabalhei eu nelle; e, segundo uns juizes muito bons que o visinho da outra rua não conhece, posto se chamem Mendes Leal, João de Lemos, Serpa Pimentel, Sebastião Ribeiro de Sá, Luiz Ribeiro de Sá, Palmeirim, Souza Lobo, Silva Tullio, Palha, Cunha Souto Maior, Cazal Ribeiro, Viale, Pereira da Cunha, Latino Coelho, etc. tem

para portuguezes assaz de doçura e muitissimo cheiro (que é o que mais importa) ás coisas da nossa terra.

Mas é isto realmente um drama? ahi está outra questão impertinente; (esta não sei se foi levantada pelo visinho critiqueiro!... parece-me que elle não chegava a tanto) se eu fosse obrigado a sentenciar, havia de dizer que não: quanto a ser drama, o primeiro, o francez, o embrião, era-o muito mais do que estas folhas; pois cabia num theatro, e na paciencia d'uma platéa, o que ao meu escrito não succede; accrescendo ainda que não ha companhia nacional bastante para o desempenhar. Logo, se não é drama, o que é? eu sei!... será um livro; será um folheto; será uma poesia; será um estudo de costumes e linguagem; será um mytho, como hoje dizem; um mytho de miserias e vergonhas, que nem se inventaram para Camões, nem com elle se acabaram, mas se renovam, e se hão-de renovar sempre, e em toda a parte; em summa, será o que quizerem, que nessa contenda me não metto eu. Uma vez que os sabedores já assentaram em que o retrato do poeta, o do rei, e o da gente e viver d'aquella edade, me sairam parecidos; uma vez que todos elles concordam em que um portuguez legitimo póde ler tudo isto, que eu aqui puz, entendel-o, e nelle saborear-se; uma vez, sobre tudo, que esta leitura deixe nos animos uma vergonha saudavel, e santo horror contra o infame desamparo, com que os poderosos permittem fenecer á mingua bons engenhos, desherdando assim a pa-

tria, e o futuro, de minas de oiro a troco de ceitis e algum sorriso; que seja drama, ou não; que fosse originalmente portuguez, ou persa; eis ahi disputações com que eu não tenho nem quero ter nada que ver.

Se muitas vezes processei e sentenciei desabridamente obras minhas; sem que m'o hajam a fatuidade, me relevarão dizer d'esta, que, de quantas tenho publicado, me parece ella a melhor; e se traducção é, traducção mais original que muitos originaes.

Por aqui me cerro: de não poucos pormenores litterarios, e de alguns historicos, me caberia por ventura dar razão; mas... para que? não ha trabalho no mundo mais perdido, que o andar respondendo a criticas: se ellas são judiciosas, nem todas as argucias as desfazem; se nescias, por si se apagam como as espumas. Quanto a satyras, os homens honrados não as fazem; os villões fazem-nas sempre; porque, dizem elles, e dizem bem, que a Carta Constitucional lh'o não prohibe.

O que nem satyras nem criticas hão-de lograr, é tirar-me cá de dentro a satisfação de haver já feito verter, e vertido eu mesmo, muito boas lagrimas sobre as desaventuras do meu poeta; lagrimas, que, verdade é, para nada lhe servem já a elle; mas que para outros, poderá ser, venham ainda a aproveitar.

Permittisse-o Deus! menos ruim fadario seria então o nascer poeta...

ADVERTENCIA

D'ESTA EDIÇÃO

Sai este livro pela segunda vez á luz passados doze annos desde a sua primeira impressão em Ponta Delgada.

Revi-o attentamente, e não julguei dever alterar no drama coisa alguma, com quanto lhe reconheça, e agora com mais viveza do que então, defeitos e maculas de mais de um genero. Não é contumacia nem incorrigibilidade; é só porque essas que seriam e são maculas e defeitos para o theatro, mudam logo de nome e de natureza se a obra se avalia como estudo e livro; e isso unicamente é que eu pretendi que fosse.

As notas, que intitulei *para se lerem,* têem, se me não engano, algum valor mais que o texto; não pela execução litteraria, mas sim por offerecerem á consideração muitas propostas de coisas boas, todas exequiveis, e quasi todas muito faceis.

Perdoem-me, se é orgulho desmedido, mas não posso deixar de transcrever o que a respeito d'ellas declarou pessoa de summa autoridade, o nos-

so bibliographo o sr. Innocencio Francisco da Silva no tomo primeiro do seu Diccionario, pag. 132.

«Nas notas — diz elle — se tratam questões de «summa importancia sobre pontos historicos, «scientificos, litterarios, e criticos.»

Sou utilitario contumaz; não o posso já dissimular. Se é doença, como a alguns parece, prevejo que hei-de morrer d'ella.

Fiz pois ás notas o que não fizera ao drama: reestudei-as; ampliei-as com mão larga; entresachei-lhes novas. O total cresceu a ponto que o volume da primeira edição houve agora de se dividir em tres.

Contém-se no primeiro o drama, com a noticia complementar da sua representação no Brasil. As notas formam o segundo e terceiro.

Quem os ler todos terá de confessar, queira ou não, que nunca houve para o multiplice e universal monumento de Camões operario mais zelozo do que eu.

A certos criticos de fila que me abocanham em nome do poeta, e, para o glorificarem a seu modo, me levantam testemunhos, só tenho para dizer aqui á puridade que se jamais o leram a elle, e o entenderam, o de que é licito duvidar, a mim nem me entenderam, nem parece que me lessem.

Decididamente a escola primaria está muito longe de ser o que devia.

INTERLOCUTORES

LUIZ DE CAMÕES:

(Edade, cincoenta e cinco annos; estatura meã; cego do olho direito; semblante um tanto carregado; indole franca e generosa; humor entre melancolico e jovial. Trajo de soldado, pouco luzido no 1.° acto; no 2.°, 3.°, e 4.°, com galas cortezãs, tabardo de capuz frisado, luvas de polvilho; no 5.°, com trajos pobres e capa preta).

D. SEBASTIÃO, REI DE PORTUGAL:

(Edade, vinte e quatro annos; estatura meã; formoso de rosto, branco e ruivo; olhos azues; presença soberana; esforçado, e altivo. No 1.° e 3.° acto, disfarçado em habitos burguezes simplices; no 2.°, em galas de côrte: capa de pano preto, o capuz com botões de diamantes e as faldas até ao joelho; calças vermelhas com poucos tufos e quasi lisas; barrete chato de velludo, carregado sobre a testa, quasi até ao sobrolho, e adornado com um cordão d'oiro, diamantes e perolas; botas largas de cordovão preto até ao joelho, com esporas doiradas; cinto e espada tambem doirados: no 4.° acto, guerreiro, e real, segundo o retrato que vem em Faria e Sousa, excepto a corôa que é suprida por capacete).

MARTIM GONÇALVES DA CAMARA:

(Escrivão da Puridade; ambicioso, invejoso, e vingativo. No

2.° acto, vestido á côrte, e nao guerreiro; no 1.°, 3.°, e 4.°, em disfarce burguez).

D. AFFONSO DE NORONHA:

(Gentil-homem da Real Camara; edade, pela de Camões; trajo decente, mas vulgar no 1.° acto; no 2.°, 3.°, e 4.°, vem cavalleiro).

EMBAIXADOR DE CASTELLA:

(Aspecto e expressão de politico manhoso, disfarçado em ruim capa; excepto no 2.° acto, em que ostenta magnificencia castelhana, qual a seu cargo e pessoa cabe).

ANTONIO:

(Jáo; captivo de Luiz de Camões; mancebo robusto; côr tostada; trajo indiatico; genio amante, impetuoso, e poetico; briosa segurança na postura, nos movimentos, e no fallar).

MONSIOR DE SAINT-POL:

(Gentil-homem francez; mancebo concertado; vestuario da côrte de Caterina de Medicis).

REAL:

(Sobrinho de Martim Gonçalves; casquilho mui ridiculo, vaidoso, affectado, saltitante; edade assaz verde).

LEÃO:

(Outro mancebo do Paço; frivolo, e ignorante; trajo de ceremonial).

DIOGO:

(Estalajadeiro; bom homem, palreiro, e obsequioso; cara de paschoas; trajar humilde).

MIGUEL:

(Adelo; avelhacado; trajar plebeu).

MANOEL:

(Pagem particular de Martim Gonçalves; homem feito, robusto, refalsado; pellote e espada).

PAULO:

(Moço mais somenos de Martim Gonçalves; vestido mui ordinario; modo de fallar, e ademanes, de simples; pellote sem espada).

D. CATERINA D'ATAYDE:

(Entre trinta e quarenta annos; formosa, grave, como quem se creou no estrado da Rainha D. Caterina; mas sabendo, segundo a occasião, ser estremosa no amor, ou energica no odio; expressão de rosto naturalmente magoada, como ao seu estado convem; no 2.° acto, vestida de gala; no 3.°, conserva o mesmo trajo, mas coberta com um manto, e capuz, assim como no 4.°; no 5.°. traja de dó).

1.° CORTEZÃO.

2.° CORTEZAO.

3.° CORTEZÃO.

UM ARAUTO.

UM EMBUÇADO.

UM MENINO:

(Pobre e rotinho).

UM ERMITÃO DA SERRA DE CINTRA.

UM MOIRO ASTROLOGO:

(Opa negra de cauda semeada de meias-luas e signos cabalisticos de diversas côres; barrete ponteagudo e muito alto, cingido d'uma serpente de oiro, cuja cabeça com tres linguas vermelhas lhe serve de cimeira; barbas brancas, até á cinta; debaixo do braço esquerdo um livro negro; na mão direita uma vara côr de fogo).

FADA MARINHA:

(Opa verde-mar, roçagante, barrada de perolas; veo branco e raro, da cabeça até aos pés; toucado fantastico de conchas, buzios, ecoraes; sobre o peito bordada de oiro a Esfera d'El-Rei D. Manoel; pendente do pulso direito, varinha de condão branca e doirada).

MARTE:

(Segundo o ritual mythologico).

SERAFINS:

(Que não serão menos de seis. Coroados de flores brancas com harpas doiradas nas mãos).

CORO DE DIABOS.

PESSOAS QUE NÃO FALLAM

A RAINHA D. CATERINA:

(Avó de D. Sebastião, sessenta annos, alta, e de gentil aspecto, trajo real, e de viuva).

PRINCEZA D. MARIA:

(Filha d'El-Rei D. Manoel, tia de D. Sebastião; cincoenta annos; robusta, formosa; vestido afogado, de velludo preto, com bo-

tões de oiro no collarinho; corôa de rubis e diamantes no braço; na cabeça uma lista de oiro, e uma coifa de rede do mesmo).

LUIZA SIGÊA,

JOANNA VAZ,

PUBLIA HORTENSIA DE CASTRO:

(Poetizas da Academia da Princeza D. Maria).

ANGELA SIGÊA:

(Musica da mesma Princeza).

UMA DONZELLA DA RAINHA:

(Vestida de velludo preto).

OUTRA DONZELLA DA PRINCEZA:

(Vestida de damasco branco; e ambas ellas cobertas de joias tanto no pescoço como nas mangas, com coifas de fio de oiro até meia cabeça; cabellos bem assentados na testa, algum tanto crespos, mas não entrançados).

CAVALLEIROS.

GENTIS-HOMENS.

DAMAS DA CORTE.

ALABARDEIROS:

(Vestidos de pano preto, com capas compridas até meia perna, saios com faldas pelos joelhos, e botas de cordovão preto, largas; e alabardas ás costas).

SUMILHER DA CORTINA.

CHARAMELEIROS.

TROMBETEIROS.

TIMBALEIROS.

PAGENS DA TOCHA.

PASSAVANTES.

REIS D'ARMAS:

(De Portugal, Algarve, e India).

A acção passa toda em Lisboa, no anno de 1578 desde San-João até o Natal.

AOS ESPECTADORES

PROLOGO

(Recitado antes de se erguer o pano, por uma figura de capa e espada e sombreiro de dó como se costuma nas Quebras dos Escudos.)

Nenhuma palavra sobre a obra da arte. A poesia, sente-se; não se discute. É como o Sol; como o Amor; como a Alma; como Deus. Não se finge, onde a não ha; onde a ha, não se lhe resiste. Silencio pois sobre a obra da arte.

Para vida, ou para morte, os corações a sentenciarão a final.

Outra é a nossa missão neste momento: predispor-vos para que vos interesseis no que vai passar perante vós; e arrancar d'ante-mão espinhos, em que talvez crítica inconsiderada folgaria de

ver enlear-se a Musa; e seu antigo e honrado manto feito pedaços.

Para suscitar-vos attenção, curiosidade, avidez, bastou um nome: Camões! É porque Luiz de Camões, portuguezes, é a maior e a mais incontestada glória da nossa terra. É, senhores, um simbolo do nosso antigo valor, e amor de patria. É, damas, o vosso mais fino apreciador; o sacerdote mais ardente e sincero do vosso culto universal; o espirito mais gentil, e namorado, de quantos jámais cantaram magoas, e suspiraram alegrias. É porque, Soldado, Poeta, e Infeliz,—nas armas grande, grande nas lettras, nas desventuras inda maior,—recebeu, para venerado, tres sagrações das mais augustas! É emfim porque os desabrimentos de nossos avós para com elle, todos sentimos que é dever nosso reparál-os: uns, com loiros e incensos; os demais, e todos... com algumas lagrimas sequer.

Outro affecto, não menos santo e generoso, vos ha-de irresistivelmente prender ao espectaculo do seu martirio; affecto inextinguivel em corações portuguezes: o amor da patria.

A éra, que vai perante vós resuscitar, é porventura a mais solemne da nossa historia.

A Monarchia, fundada em Ourique, está para fenecer em Africa. A espada, que em mão do Primeiro Affonso desbravára Portugal de infieis, a mesma espada, em mãos de D. Sebastião, quatrocentos annos depois... se despedaça e perde em areaes de Berbería.

A torrente de glorias incriveis... parou a su-

bitas!... um insondavel abismo... enguliu (talvez para sempre!) um grande reino!...

Nesse abismo, nesse prazo de miserias inauditas, é que nos apparece... Camões, como um derradeiro lampejo, e um eco estrondoso do que lá vai!

Em Camões, e D. Sebastião,—nessas duas Columnas d'Hercules dos nossos truncados fastos,—nesses dois homens, ambos inquebrantaveis, ambos de alma fogosa e poetica, ambos coroados para holocausto, ambos mal apreciados em vida, e depois de espantosa morte, privados ambos de mausoleo,—nesses dois homens, ainda hoje vertentes de poesia para todo o mundo... estão assignaladas as extremas do antigo Portugal; do Portugal dos prodigios quasi fabulosos, que a razão acredita forçada sem os comprehender.

Eis o mundo que vamos devassar! Eis ahi os homens que vamos conhecer! Eis ahi as summas dores em que vamos haver parte!

Preparae-vos pois, com animo religioso e agradecido, para esta especie de peregrinação á Terra Santa do Calvario de nossos Paes.

Os romeiros, despem os trajos vulgares, e arrancam dos corações as profanidades, para visitarem os logares consagrados de sua devoção; esqueçamos tambem nós momentaneamente a nossa edade, os nossos usos, as nossas crenças, (tão diversas!) os nossos affectos, (tão outros!) e até a nossa linguagem; filha sim, mas filha prodiga, vaidosa, e desprezadora, da que fallaram nossos maiores.

Ámanhã volveremos a atar o fio das realidades contemporaneas: hoje, sejamos todos, com fé e amor, portuguezes do Portugal velho; adoptemos os seus interesses; identifiquemo-nos com o seu pensar, com o seu fazer, com o seu exprimir. Para isso, bastará perguntarmo-nos a nós mesmos: ¿Revolvem-se hoje nos espiritos, interesses publicos para nós mais graves do que os de então o eram para então? ¿D'isto, em que lidamos, e que só nos parece importante, porque é nosso, curará tanto o porvir, e lerá tão attento as nossas paginas, como nós relemos, suando, palpitando, e rugindo, as d'essa edade? Quem o sabe!

Tudo passa; tudo morre; tudo esfria; tudo esquece; todas as edificações se desatam em ruinas; sobre todas as ruinas se erguem edificações... para perecerem.

Algum dia seremos tambem nós antigos: (e Deus sabe se lembrados, ou se para lembrar!) Não deneguemos pois ao veneravel passado esta especie de culto, que dos vindoiros quizeramos por certo receber.

Entremos dispóstos, e saudosos, por essa Lisboa que foi, e que tantos terremotos transformaram; vivamos o seu viver; pratiquemos o seu praticar; aspiremos a sua alma; misturemo-nos com os seus moradores; penetremos nas poisadas humildes dos populares; nas vivendas faustosas dos senhores; nos Paços dos Reis, com suas pompas e festas; nas armadas navaes, com as palmas de D. Manoel ainda viçosas; por derradeiro... e sobre tudo... com a alma de joelhos, espreitemos, como para

sacrario, para o recanto nu e desconchegado, em que expira... o maior Poeta de damas e cavalleiros.

Quando esta cortina se erguer, dois seculos e meio se haverão aniquilado.

Ergue-se immediatamente o pano.

ACTO I

O theatro figura uma estalagem de poucas posses. No topo, uma portada, d'alpendre por fóra, e uma janella, que dizem para o caes. Á esquerda, uma porta para o interior da poisada do estalajadeiro. A direita, outra, no primeiro plano, para um quarto; e outra emfim no segundo plano para uma escada, que se não vê, e que desce para um aposento subterraneo. A volta da casa algumas cadeiras velhas de espalda, de coiro lavrado e pregaria grossa amarella. No meio da casa, sua banca ordinaria, com copos de estanho, e outros de côco lavrado, para vinho. Na parede do fundo um nicho com um Santo Antonio em vulto, com suas moedinhas de prata ao pescoço e flores já murchas. Ao meio da casa um lampeão pendurado e accezo. Junto á porta da rua um croque (ou vara com gancho) de dezaseis palmos.

SCENA I

DIOGO E D. AFFONSO DE NORONHA.

(Ao erguer do pano, anda Diogo azafamado a arrumar quartolas e infusas de vinho. D. Affonso vem do caes)

D. AFFONSO *(em voz baixa)*

Veiu alguem?

DIOGO

Senhor sim.

D. AFFONSO *(do mesmo modo)*

Ambos?

DIOGO

Senhor não; tão só um.

D. AFFONSO

Peccados meus!...

DIOGO

Não haja Sua Mercê cuidado, fidalgo; o outro é marca de primor que nunca falta.

D. AFFONSO

Que te não oiçam, Diogo! *(apontando para a porta do segundo plano da direita)*

DIOGO

Quanto a isso não haja Sua Mercê receio: — que me queimem, se o que além é em baixo *(apontando para a porta do segundo plano á direita)* póde pescar nem palavra de quanto se aqui falla. — Aquillo em seu tempo foi adega suterranea; eu é que engenhei d'ella aposentos; e sairam elles, que não ha mais ver. Têem umas paredes e portas, que nem carcere de Berbería. Nicolau de Frias, o architecto que El-Rei leva comsigo para Africa, não traçaria obra de melhor arte.

D. AFFONSO

E *(apontando para a porta do primeiro plano)* aquell'outro aposento, Diogo? conserva-se devoluto?

DIOGO

«Como barriga de monje em sexta feira maior.»

D. AFFONSO

Bom. *(Entre si)* Viva Deus, que assim andastes avisado, senhor Martim Gonçalves, no aprazar sitio para os colloquios! Como na vossa poisada grandiosa não ousaveis, tomastes por valhacoito esta bodega de má morte, de pouca freguezia, e no bairro mais remoto e escuso de Lisboa... Por vida minha, que sois previsto! Pena é que outro ponto de algum momento vos não occorresse, senhor Martim; rogae a Deus que por ahi se vos não vá a nau a pique! Deslembrastes-vos de mim... esqueceu-vos que havia perto de vós homem honrado e leal, que por isso vos odeia com rancor; que ama a terra patria d'alma e coração; que em summa tem a peito o desafrontar Camões. (*Em voz alta*) Diogo; ultima vez será esta, que o sei eu; mas por agora, é mister ainda que me ajudes. Continua a haver-te fiel, que a recompensa virá na cola do servir; á conta d'ella, toma. (*Entrega-lhe uma bolsa*) Breve tornarei. (*Sai para o caes*)

SCENA II

DIOGO, *só (a contar o dinheiro)*

E oiro!... Paga, que nem rei, o meu gentil fidalgo! Grande deve ser a alimaria que elle monteia, que assim lhe atira com bombardas grossas! Folgára eu de descobrir o que o traz ao socairo dos dois embuçados... Lá terá suas razões; *(bambaleando no ar a bolsa)* e de peso! que por isso dizem: «deixae caçar a forôa, que onde vai,

não vai á tôa». *(Repara em Miguel que passa pelo caes)* Para cá, Miguel primo! Não me passeis a porta «como cão por vinha de dezembro»; entrae.

SCENA III

MIGUEL, DIOGO.

MIGUEL

Boa noite nos mande Deus; vou-me com pressa.

DIOGO

Mas nunca será ella tamanha, que vos tolha refrescarmos aqui primeiro os bofes com uma vez de vinho. Que más fadas vos têem por lá trazido, que assim ha tempo largo, que vos não enxergo?!

MIGUEL

Que quereis, Diogo primo, se moramos tão arredados, que é, como quem dissera: um em Gôa, outro em Mazagão!

DIOGO

Boa affeição vos quizera eu; que «dos longes», em a havendo, «se fazem pertos». Dizei antes que vos não dá dos parentes. *(Ri)*

MIGUEL

De desaffeição me não queixo eu; de fraco para andarilho, sim. *(Ri)*

DIOGO

«Historias de Maria Castanha!» Coração havieis de pedir a Deus, que não pernas a Santo Amaro.

MIGUEL

Por vida de meu avô tôrto, que me ralais com esses vossos chascos!

DIOGO

Para ralações tenho eu droga, que nem fisico do Paço, nem Francisco Lopes, nem Garcia da Horta: tomae-m'a, e «dir-me-heis como canta». *(Enche-lhe o copo)*

MIGUEL

No fallar, sois ás vezes desabrido, Diogo primo; mas haveis bom natural d'entranha... *(bebe)* e bom vinho tambem... *(ri; Diogo vai para lhe encher de novo o copo)* Tende lá mão; não sou vasilha de tamanho lote; querieis agora ver-me aqui dançar as tripecinhas? sempre fui fraco dos cascos.

DIOGO

Embora, que vos não quero contradizer. *(Assentam-se)* Mas porém... que vento vos atirou cá para o bairro?

MIGUEL

Quiz ver a armada d'El-Rei, antes que se partisse.

DIOGO

Então El-Rei está já d'abalada; huum!

MIGUEL

Depois de ámanhã, dia do Senhor San-João, se diz que largará: (por peccados nossos). Vai-se foz em fóra por esses mares de Christo, em demanda dos moiros d'Africa, para lhes quebrar as soberbas e poderio: *(como quem segreda coisa de grande tomo)* aqui para nós: tonteria mais rema-

tada, não a poderia fazer Sua Alteza... ou Sua Magestade, como agora dizem. Os rios de dinheiro que já se têem gastado no aparelhar da armada e gente de guerra, e o que ainda para o diante se tem de gastar, das nossas bolsas são tomados.

DIOGO

Que remedio! «Alguem ha-de pagar o escote» e mais sabeis o adagio: «negro é o carvoeiro, branco é o seu dinheiro».

MIGUEL

Alguem, sim; mas porém o que me a mim destôa é que esse *alguem* somos sempre nós. Por mim digo, que mais mal quero eu á guerra, que á peste, que por ahi anda tão acceza, e já me levou minha mulher. Com a peste, morre um homem d'uma vez; com a guerra, ficamos por portas, que é morrer todos os dias aos pedaços. Já me entendeis...

DIOGO

O senhor Cardeal D. Henrique, o Clerigo-Governador, como por ahi o apodam, é quem mette na cabeça do Sobrinho essas ruins zizanias e fumaças de Cavalleiro Cruzado; e mais Luiz Gonçalves da Camara, o reverendo confessor d'El-Rei, a quem Deus guarde d'estes e quejandos.

MIGUEL

Espiritos guerreiros em clerigos! Tão ruim liga é essa, que só o diabo a tragaria.

DIOGO *(rindo)*

Se fossem elles cabos, ou homens de peleja, que houvessem os pellouros de lhes zunir pelas orelhas, já póde ser que foram mais pacatos; que

lá dizia o outro: «bem parece a guerra a quem é longe d'ella.» *(Canta)*

«¡Quien hubiese tal ventura
sobre las aguas del mar
como tuvo el conde Arnaldos
la mañana de San Juan!»

(Depois de breve pausa) Não sei o que d'esta jornada me está agoirando o coração... Dez réis de cominhos de gente que El-Rei leva...

MIGUEL

E que gente! a que é portugueza, vai forçada,— que se não vê por ahi senão prantos; e a forasteira... é forasteira. Dos nossos Cavalleiros de hoje em dia, não fallemos; fazem-se elles mui de ferro, por comprazer com El-Rei, que é das febras do diabo; mas mais afeminados nunca os vistes: basta ouvil-os. Fallam delgado, e mansinho... que nem noiva envergonhada; andam encostados a seus pagens, como as damas; no jogo da pella, os vi eu já que não passavam d'uma casa para outra, sem aquelles Cyreneos; e mas ainda íam gemendo com uns *hans* muito compridos, como se levaram ás costas a péça de Diu.

DIOGO

É verdade, é verdade. E o comêta! não vistes o comêta? Sôa que Pedro Nunes, o astrologo, fizera a El-Rei uns prognosticos!...

MIGUEL

Pois elle é isso só!... e a quantia de peixe espada que tem saído nessas praias!

DIOGO

Assim dizem; ainda que d'esse não comi eu.

MIGUEL

Até contavam que num d'elles se via pintada d'uma banda, uma cruz com dois açoites...

DIOGO *(á parte)*

Galhardo peixe para oratorio de freira!

MIGUEL *(continuando)*

E da outra banda, a era d'este anno de mil quinhentos setenta e oito!

DIOGO *(á parte)*

Peixe tabellião!...

MIGUEL *(continuando)*

E as vozes d'atemorisar, que se têem ouvido por varias partes!... E lá Entre-Douro-e-Minho aquelles Cavalleiros a pelejar nos ares!...

DIOGO

Tambem não vi, mas póde ser.

MIGUEL

E a fantasma de D. João, o 3.º, que appareceêra a Fr. Luiz de Moura profetisando tamanhos desastres!... E aquella sentida voz, que andou tantos dias ás orelhas de Vasco da Silveira: *ai!!! ai!!!... ai!!!...* sem elle vêr ninguem!

DIOGO

Que Vasco da Silveira?

MIGUEL

Um dos coroneis, que vão com El-Rei na armada. A final, parece que em Almeirim, esconjurando elle, para que se lhe amostrasse quem dava taes gemidos, se lhe descobríra um vulto negro, que foi crescendo!!... crescendo!!... crescendo!!...

DIOGO

T'arrenego!!...

MIGUEL *(continuando)*

E era de noite; e disse-lhe: *(alteando e engrossando a voz) Chóro por mim!!!... chóro por ti!!!... e chóro por quantos vão!!!...*

DIOGO

Quedo... quedo... fallae baixo, homem, que se nos ouvisse ora alguem!... Bem sabeis como vão os tempos; e mais ha sempre quem nos queira mal do que bem; olhae que El-Rei é como aquelle: *(apontando para a imagem de Santo Antonio)* eslá em toda a parte.

MIGUEL

Será verdade o que se diz? que não dorme?

DIOGO

Verdade, e reverdade; diz que antes da meia noite se alevanta, e se vai com um pagem, ou sosinho, correr fadário como alma penada, sabe Deus por onde... por essas praias alem... que sei eu?...

MIGUEL

Elle, falla-se em que lê muito.

DIOGO

Lá isso, lê. Mas cuido que por isso mesmo é que traz a cabeça como galeão sem leme. Não lhe praz, senão o que é arriscado, ou temeroso.

MIGUEL

Serão alguns amores escondidos...

DIOGO

Amores!... aquelle!... mais José do Egypto nunca o vistes. Onze mil filhas lhe confiára eu,

se as tivera. Essa é outra que os seus padres directores, (Deus me perdoe!) lhe têem amartellado: que fugirá mais asinha d'uma donzella, que de seiscentos ginetes moiriscos.

MIGUEL

E eu mais asinha fugíra d'um só ginete moirisco, que de seiscentas donzellas; e vós, Diogo?

DIOGO

Não m'o pergunteis, que não são para mim fortunas d'essas. Mas, tornando a El-Rei: que me dizeis d'aquella, de se andar á luta como selvagem negro, de noite, na matta! sitiosinho que até de dia põe pavor!

MIGUEL

E o passar, tambem de noite, no bergantim, por entre as torres de Belem e San-Gião, sabendo que por ordem sua deviam os artilheiros atirar a quem passasse, como de feito atiraram; que m'o contou João Gallego, que lá teve no estaleiro o bergantim a correger!

DIOGO

Cá para mim, o que mais d'El-Rei me dá em que scismar é o ir-se elle pelo escuro com Sancho de Toar, atravessarem o Tejo, saltar só na praia d'alem, ir-se ali ter das bandas do Rastello um desconhecido, e apartarem-se ambos a praticar só por só, duas e tres horas largas; e isto tantas vezes!...

SCENA IV

MIGUEL, DIOGO, UM EMBUÇADO.

MIGUEL *(cotovelando a Diogo e mostrando-lhe com os olhos o Embuçado)*

Sth.... Sth.... *(Diogo levanta-se e vai para o Embuçado)*

EMBUÇADO

Deus vos salve! (1)

DIOGO *(tirando o barrete)*

Outro tanto: lá está já em baixo quem por vós espera. *(Vai-se o Embuçado pela porta do segundo plano á direita)*

SCENA V

DIOGO, MIGUEL.

MIGUEL

Quem é o framengo?

DIOGO

Não o vedes? É um homem.

MIGUEL

Uma capa cuidava eu que era... mas, pois homem o dizeis, já vos creio; a que vem?

DIOGO

A tratar ahi com outro encapuzado da sua laia. Que me mellem, se os eu conheço; o que

(1) Miguel, Diogo, o Embuçado.

sei, é que me hão tomado d'aluguel aquelle aposento suterraneo ha oito dias; têem já vindo emparedar-se nelle umas tres ou quatro vezes; pagam bem; e das comidas que para lá ponho, nem migalha provam.

MIGUEL

Aposto eu que se vos não déra de ter muitos freguezes d'ess'arte! Mas, dizei-me; nunca vos tentou a curiosidade, que os escutasseis?

DIOGO

«O que não fez Fuão, fal-o-ha Beltrão:» outrem por mim o faz.

MIGUEL

Enigma é esse, que me desatina... Sempre vos digo que a prematica que manda pagarem os embuçados tresentos réis para o meirinho, que os prender, não é de todo parvoa; serão elles alguns gravadores de moedas, como João Gonçalves, e virão para ahi fabricál-as falsas? De curiosidade me vou comido... Com Deus vos ficae: breve farei volta por cá. Agora vou-me ahi a casa d'um visinho vosso com quem me importa fallar por via d'um vestuario de ermitão, que diz que representa ámanhã no Auto que se faz no Paço. Inveja vos hei, que levais vida folgada d'estalajadeiro; uma hora vos quizera de adelo, para me não tachardes de desamoravel. *(Enxergam-se na rua, perto da porta, Antonio e Camões)* Olhae, Diogo! aquelles dois forasteiros, se me não engano, andam á busca de poisada... Lançae-lhe o croque, que melhor é pescar hospedes, que paguem, que sair com elle correndo a fisgar ladrões e arrua-

dores. Jesu Maria! que um d'elles pelo carão é perro moiro! *(Retira-se Camões, e vem entrando Antonio)*

DIOGO

. Separaram-se...

MIGUEL

Não vos caiu a melhor sorte; ficareis com o moiraz.—Deus vos guarde! *(Vai até á porta, mas volta por curioso)*

SCENA VI

MIGUEL, DIOGO, ANTONIO.

DIOGO *(vai-se de barrete na mão para Antonio, e com profunda reverencia o salva)*

Que me digais, dom estrangeiro, o que de mim dispondes, e da poisada; que tão vossa é ella, como eu.

ANTONIO

Um aposento.

DIOGO

Pesar meu!... Um temos ahi... mas só lá para o cabo do serão o hão-de despejar. Mas porém... eu verei...

ANTONIO

Em summa: havereis onde albergar dois homens: meu Senhor, e eu?

DIOGO *(attonito, á parte)*

Seu Senhor!... Visto isso, é captivo! Forte bruto! *(Encaixa na cabeça o barrete, que na mão tinha)* E

tem um dizer despejado, e uma segurança de rosto, que nem que fôra gente!

ANTONIO

Deu-te ar na lingua, que te emmudeceu!

DIOGO *(á parte)*

Não te dê cuidado; agora verás se tenho presa a lingua.

ANTONIO

Sim? ou não? Responde.

MIGUEL *(á parte, para Diogo, com ironia)*

Vá: respondei-lhe; que vol-o roga Sua Mercê.

DIOGO *(á parte, para Miguel)*

Respondo, respondo. *(Para Antonio, com voz e ademanes de altivo)* Sabe que mais? os estalajadeiros d'esta terra, não são creados de ninguem; se servem a todos, é porque mui bem querem; o costume por cá em se fallando com sujeito da minha arte, é tratal-o como quem é; nanja como a um pedaço de negro, ou captivo; portuguezes captivos, é fazenda que não ha.

ANTONIO *(encolhendo os hombros e com gesto de menoscabo)*

Mentes, villão infiel! Escravos vejo eu por ahi a rôdo. E o primeiro és tu. Quando pouco ha fantasiavas que seria eu principe, ou senhor, não te prostravas a meus pés?!...

DIOGO

Rasgo era esse de cortez, para quem os sabe conhecer.

ANTONIO

Tanto que fallei em meu Senhor, desdobraste-te de repente, como arco onde estallou a corda,

e eis-te ahi impertigado e arrogante! De altivezas tuas me rio; mas por conselho te dou, que d'aqui ávante me não tornes com ellas a tentar. Adverte nisto, para que, se jámais nos tornarmos a vêr, commigo outra vez te não enganes!...

DIOGO *(á parte)*

O carocho é gracioso!

ANTONIO

Aquelle que eu appellido meu Senhor, em verdade o é; mas não como tu cuidas; nenhum interesse nem cubiça me lançou grilhões aos pés: livre nasci, livre mamei o leite de minha mãe, e hei-de morrer livre. Só impulsos de agradecido animo, e affeição nobre, que não conheces tu, nem os da tua relé, me hão tornado captivo de um homem grande, que tambem tu não conheces, nem os teus. Este captiveiro, sim, que o tenho; quero-lhe; ninguem m'o desatará nunca: a morte só; nem sei se a morte! A vida me havia salvado esse homem; consagrei-lh'a. Ter-m'a-ha toda por sua. Nelle empreguei quanto coração me doára Allah; nelle cifro tudo: doem-me as suas dores; venturas suas me aventurariam; respiro nelle; com a sua alma sublime me engrandeço; ouso fallar com as suas palavras, que enfeitiçam; estas mormente, que um dia lhe escutei:

«Transforma-se o amador na coisa amada,
Por virtude do muito imaginar.»

Se toda a formosa ilha de Java, terra da minha meninice, me acclamára por seu Guno, não me ufanára como quando *amigo seu* me nomeia o

meu Senhor. Já me conheces; adeus, que me vou á procura de poisada. *(Vai para sair)*

DIOGO *(á parte, para Miguel)*

Sabeis que tem o perro gentis brios!

MIGUEL *(á parte, para Diogo)*

E assim m'o deixaes desarvorar?! *(Para Antonio)* Estrangeiro mano!... ó lá!...

ANTONIO *(tornando a traz)*

Que me quereis? Aviae. (1)

MIGUEL

Uma palavra tão só... Meu primo (que este é meu primo carnal) meu primo não sabe o que diz...

DIOGO *(á parte, para Miguel)*

Sus, sus, patrão Miguel!

MIGUEL *(a Antonio)*

De ignorancia lhe nasceu o offender-vos, que não de ruim animo; fallastes-lhe como a irmão, espinhou-se: que muito?! se o coitado, não sabe nem til lá d'essas vossas linguas indiaticas! *(Voltando-se para Diogo)* Porque lias-de tu advertir, que ali o nosso amigo, se estivesse praticando, supponhamos agora... com um Samorim, ou um Maioral, ou, como elle diz, um Guno lá da sua terra, não se expressaria por diversos termos.

ANTONIO *(com desprezo)*

Parvo!

DIOGO *(á parte, a Miguel)*

Comtigo é. *(Alto para Antonio)* Pois... Senhor estrangeiro, já confesso... que errei; se o desejais, ir-vos-hei mostrar o aposento...

(1) Diogo, Miguel, Antonio.

ANTONIO

Onde é?...

DIOGO *(abrindo a porta do primeiro plano á direita)*

Aqui. *(Entra com Antonio para o quarto)*

SCENA VII

MIGUEL, *só.*

Parvo! aquillo foi para meu primo; d'esta feita não fallou indiatico, senão portuguez de lei. *(Torna Diogo a apparecer)*

SCENA VIII

DIOGO, MIGUEL.

DIOGO *(á parte)*

Certamente o *parvo* foi para meu primo. *(Para Miguel em voz baixa)* Que lhe quereis? Como a irmão vos trata: é como se estivera praticando com os Gunos da sua terra.

SCENA IX

OS MESMOS, E ANTONIO.

DIOGO *(voltando-se para Antonio que vem entrando)*[1]

Que me dizeis do agasalho? *(Para Miguel, em*

(1) Miguel, Diogo, Antonio.

voz baixa) Bem hajais, primo, que em quanto o diabo esfrega um olho, me mettestes dois hospedes em casa.

MIGUEL *(saindo)*

Com Deus vos ficae.

DIOGO

Vinde ámanhã, que accenderemos fogueira; bailareis com as moças, se vos aprouver, e botaremos uma cã fóra; já que faltastes ao meu Santo Antonio, não me falteis ao meu San-João, que vol-o não houvera de perdoar.

MIGUEL

Veremos. *(Indo para sair, encontra-se á porta cara a cara com Camões)*

SCENA X

CAMÕES, DIOGO, ANTONIO.

CAMÕES *(fallando entre si)*

A minha Senhora D. Caterina! se o é! inda a inclinação lhe não mudou; que bem me lembra como folgava de ir rezar á egreja de Sant'Anna! Mal haja o remoinho do povo ao sair do templo, que a esgarrou d'estes meus olhos, tão cançados de a chorarem ao longe. *(Para Antonio)* Bem vai, amigo Antonio; já déste per ti só a primeira passada nestas novas partes da politica e sublimada Europa. *(Para Diogo)* E bem, burguez honrado? sois conchavados no ajuste?

DIOGO

Ás mil maravilhas; deixae-me tão só o tempo

de vos arrumar a estancia, que pouco ha ainda que a despejaram, e prestes vos entrego a chave.

CAMÕES

De que estancia fallais? filosofos somos; um cubiculo nos basta com um só catre e dois escabellos.

DIOGO *(á parte)*

É jovial o escudeiro! pois sou contente; que, de sisudos tristes, me livre Deus. *(Caminha para o fundo do theatro, e volta logo)* É verdade!... e as vossas arcas? onde as deixastes?

CAMÕES *(perplexo)*

As minhas arcas... *(á parte)* dou que nos toma por morgados da Beira, ou capitães-mores das armadas da India!

DIOGO

Quereis que mande por ellas?

CAMÕES

Não tem pressa. *(Á parte)* Cá me entendo...

DIOGO *(para Antonio em tom bondoso como quem deseja reconciliação)*

«O que lá vai, lá vai». *(Sai pela primeira porta da direita)*

SCENA XI

CAMÕES, ANTONIO.

CAMÕES

Perguntar pelas arcas ao filho prodigo!... Quatro livros, alguns cadernos, e um crucifixo, eis-ahi todo o fardel; pouco mais. O meu Antonio ámanhã irá buscar isso á nau (*Com respiro largo*) Deus

louvado, que já um'hora em Lisboa me torno a ver alfim! (*Chegando-se para a janella do caes*) Salve Lisboa minha! minha velha, minha formosissima cidade!... Para ti me torno a cabo de dezasete annos de trabalhado desterro, mais pobre, e mais poeta que nunca!... Nem já de mim te lembrarás, terra madrasta! e a mim, nem o dormir te me desluzia da memoria; que entre sonhos vela o coração dos namorados. (*Imaginativo*) Que muito! se o meu cubiçado Pomo-de-oiro, a minha Perola-de-Cleópatra, o meu Anjo-do-paraizo, d'estes muros a dentro resplandecia!... Além, além vive a dama por quem eu sou contente de ser triste... por quem mil vezes morreria, se o pudera!... Além, além vive! de suas paredes me está revendo para os olhos d'alma a claridade de sua formosura! além, além vive, que só para lá se revolve este coração como agulha de marear, que busca sempre a sua estrella! A ella porém... alembrar-lhe-hei eu ainda porventura? Ah! que se acaso... Porque assim olhas para mim, Antonio? Louco te pareço?

ANTONIO

Oh! que não. Entendera-vos o mundo, e entendera-vos ella, como vos eu entendo! E não me esquece ainda, quando aquillo cantaveis tão docemente:

«As lagrimas da infancia já manavam
com uma saudade namorada;
o som dos gritos que no berço dava
já como de suspiros me soava.
Co'a edade o fado estava concertado,

porque quando por caso m'embalavam
se d'amor tristes versos me cantavam,
logo me adormecia a natureza,
que tão conforme estava co'a tristeza.»

CAMÕES

Quando alguma vez, como agora, me colho ás mãos a fantasiar venturas, de mim mesmo me rio.

ANTONIO

E porque?

CAMÕES *(encostando-se no hombro de Antonio)*

A ventura! *(depois de longa pausa)* Peregrinei assaz de terra e marés; e segundo naquell'outra canção o escrevi:

.....«Deixei a vida
pelo mundo em pedaços repartida:»

era tudo percorrer apoz a ventura; e ella a me fugir diante! Nunca cheguei, onde de longe a vira branquejar, que ao meu chegar não levantasse o vôo para mais longe! ¿O bom, e tão valioso amigo, que me havia cá de amparar, não nos falleceu no mar quando já avistavamos Cintra? *(Com o sorrir magoado)* A ventura!... a ventura!...

ANTONIO

Quiçá a alcançareis aqui. Nem sempre a patria vos será madrasta.

CAMÕES

Boa sorte sem boa cabeça, não a póde haver,

Antonio; e a minha (mal peccado!) é das mais ruins, que nunca hei visto.

ANTONIO

Antes a não ha mais para loiros, segundo todos dizem, e o diz tambem meu coração.

CAMÕES

Melhor a conheço eu, que tu e elles; ruim é, ruim foi, e ruim tem de ser até ao cabo: ganhára muito em a trocar pela de qualquer chatim judeu, ou mercador da rua nova; nunca a pude obrigar a deitar contas, e negociar o porvir! Em troca porém, vieram por seu pé tomar nella aposentadoria, a briosa altiveza, e... e a loucura... sob o nome de poesia; e para ventoinha tal, querieis vós malbaratar os loiros!... Dae-os antes a quem bem saiba as contas de Frandes, e carregue nos portos do Oriente caravellas de seda e beijoim. Ide-vos com o tempo; que para esses sós quer elle que sejam os triunfos. Loucura e altiveza, eis todo o meu haver; que por derradeiro... só me servirá talvez de salvo conducto ahi para o hospital.

ANTONIO

Mal cuidais quanto me affligis, fallando nisso...

CAMÕES

Grave semrazão! O hospital são uns formosos Paços, e quasi tamanhos como os da Ribeira, onde El-rei assiste. De siso t'o digo, Antonio, d'estas duas coisas, ambas tristes e temerosas, côrte e hospital, não é o hospital a de que eu mais tremo. Que importa!... apesar de ambas quero muito á minha Lisboa, á minha donosa e ingrata

Lisboa! Mal o presumia eu, quando, annos ha, me partia d'ella, Tejo abaixo, na nau San-Bento, com Pedro Alvares Cabral; que a minha ultima despedida foi esta: «Terra ingrata! Fica-te; que me não has-de tu comer os ossos!» Dizia-lh'o; mas entre lagrimas. E lá pelo teu Oriente, nem dia, nem hora, nem instante, nem velando, nem dormindo, nem em trabalhos, nem em gostos, nem perseguido, nem festejado, me esquecia d'ella. Era-me tirana; mas era patria. A ti porém, Antonio meu, é destêrro verdadeiro. E se nella te aguardasse tambem a ti a minha desaventura! Como poderias perdoar-lhe tu? Com que te consolarias, não vendo cá o teu berço, nem o teu rio Chiamó, nem as arvores que primeiras te riram em menino, nem as sepulturas de teus paes?

ANTONIO

Descançae, Mestre; acostumei-me a pensar todos os vossos pensamentos; ao que vós chamais patria, chamarei patria; e querer-lhe-hei, por vós, e como vós. Nenhuma força de vós me apartará em quanto eu viva: só a vossa vontade poderá tanto... mas d'essa me não temo eu.

CAMÕES

Agra tarefa te impões, meu pobre Jáo!

ANTONIO

Folgára eu... que podesse nest'hora o meu sangue mercar para vós as ditas que mereceis.

CAMÕES

Animo! e ávante Luiz de Camões! se tens em Lisboa mil fidalgos villões por inimigos, tens pa-

ra os contrapezar um amigo: unico sim, mas tambem na amisade unico.

ANTONIO

Inimigos dissestes? Heis de m'os dar a conhecer.

CAMÕES

Sim, sim, inimigos; e com mais para temer que os Migueis Fios-seccos, e os Barretos lá da Asia: um escrivão da Puridade, um Martim Gonçalves, e um cardeal D. Henrique; dois como reis de quem o coitado de mim se aventurou outr'ora a dizer verdades. Elles, me negociaram o desterro; e morte em cadafalso me houveram negociado se se atrevessem.

ANTONIO

Guapa caridade de christãos! E a nós outros chamam barbaros gentios... e nos mandam prégadores de sua fé!

CAMÕES

Como ora voltei, reviverão seus odios.

ANTONIO

Pois que revivam; não os tememos.

CAMÕES

Assim, meu leão silvestre! Assim! sempre indomito e rompente! Mas cuidado, que não estás aqui em palmares ou sertões; prohibo-te loucuras, sob pena de me agastar comtigo. *(Ouve-se correr um sino ao longe, o qual continúa até ao fim da falla)* Ah!... escuta!... uma campa que tange!... não é batter de horas, não; tocar das trindades deve ser. Esta campa... sempre esta campa!... Que me quererá agora! Quero-te dizer is-

to, Antonio; esta campa de Sant'Anna sabe a minha vida; ponto por ponto a podéra relatar: pregoou a um tempo, o mortorio da mãe, e o baptismo do filho. Bradava e gemia por ella, alma gentil, que se partia descontente d'este mundo, para se ir aos ceos; e repicava triunfal pelo filho, que encetava viver de dores e trabalhos. Na infancia, isto. Mancebo e donzel, sempre ella tambem foi commigo: ambas as vezes que larguei Lisboa desterrado, ambas a ouvi soar á hora do meu apartamento: fugiam as praias do Tejo: Lisboa se nos ia pela pôpa a esvair no horisonte; no ouvido attento me vinham acabar de morrer uns sons confusos, como apagados suspiros de cidade remota; ninguem os percebia já, senão eu, que os ouvia pelo coração; reconheci-os; eram ainda vozes d'esta campa de Sant'Anha! Extrema despedida da minha terra. Quando hoje, ante manhã, vinha a nossa nau Santa-Fé remontando o Tejo, que nós debruçados na amurada alongavamos olhos pela escuridão á busca de Lisboa, não percebemos um som mortiço?... Recorda-te, e reconhecerás que era esta mesma campa. Assim que, magoas e alegrias, todas ella me ha apontado. (*Cala-se o sino*) D'esta vez... bem poderá ser que me annuncie... morte.

ANTONIO

Sempre o mesmo! Quereis ora que me vá á poisada do senhor D. Affonso de Noronha?

CAMÕES

Sim, sim; que, se eu tardasse em lhe dar novas

de minha tornada, não m'o houvera elle de perdoar; escuta porém, Antonio...

ANTONIO

Senhor meu?

CAMÕES

Que ninguem sonhe, nem sequer o meu amigo D. Affonso, o desamparo e mingoa em que jazemos. Se a desaventura porfiar... então... veremos o que importa fazer.

ANTONIO

Percebi; far-se-ha como dizeis.

CAMÕES

Vae ora; e faze volta breve.

SCENA XII

CAMÕES *só (acompanhando com os olhos a Antonio, que se ausenta)*

Por vida minha, que homens de tão fina tempera não os cria o Occidente; se alguns produz.. é por descuido; e nunca duram muito esses taes. Viva Deus! vou estrear nova era! Quaes fados me aguardarão porém? Cá tenho os meus designios (designios ha-os sempre); o que só me fallece, são meios com que os realisar: meios, digo, seguros, d'estes que surtem sempre seu effeito. Um regresso haveria, que são os emprestimos; mas dividas, são azos para naufragios; e de naufragios por mar e terra estou eu farto.

SCENA XIII

CAMÕES, DIOGO.

DIOGO (*que vem da primeira porta da direita*)

Tendes, senhor, o vosso hospicio já prestes e concertado.

CAMÕES

Bem hajais, honrado hospedeiro. Se vos perguntar alguem por Luiz de Camões, sou eu.

DIOGO

Com licença de Sua Mercê!... Luiz de Camões! O autor das trovas namoradas que por ahi se cantam na guitarra em saraus de senhores, e passatempos de villões! Que gentil arte de trovar! (*canta*)

«Menina formosa e crua
bem sei eu,
quem deixára de ser seu,
se vós quizereis ser sua.»

CAMÕES

Garganteais, que nem Mathias d'Aranda, o mestre de solfa na Universidade de Coimbra.

DIOGO

Dizei antes que nem a cachorrinha de Sua Alteza a Senhora Rainha, que dizem que é mais entoada que dez foliões da Arruda; mas, tornando ás trovas: aquell'outra... que perante ruins e praguentos se não diz... contra o senhor Cardeal, o Escrivão da Puridade e o Confessor d'El-Rei... é tambem do vosso engenho; cuido eu.

CAMÕES (*rindo*)

Por vida de teu avô tôrto que te cales.

DIOGO

Haveis razão: que essa trova é mais defeza e malsinada em Lisboa, que vinho de Bucellas em pagode de turquescos! Ainda mal, que bem caro vol-a fizeram pagar!... Com que emfim! sois o senhor Luiz de Camões!... Quem me houvera dito que se honraria jámais a minha poisada com receber-vos! Da casa, do que nella houver, e de mim, podeis fazer conta, como de coisas todas vossas. Já por fé vos amava; mas agora em tresdobro, senhor D. Luiz de Camões; cavalleiro esforçado, como poucos; e poèta para uma trova, como nenhum, segundo pregoam os entendidos. Havei-me por captivo vosso, que mais me ufanarei eu d'isso, que pagem da tocha, ou rei d'armas em ceremonial do Paço.

CAMÕES

Que vol-o pague Deus, amigo honrado! mal presumís o bem que me fazeis com taes palavras! Graças! outra vez graças!... (*á parte*) À fé que merecia elle outra casta de hospede (*vai-se pela primeira porta da direita*)

SCENA XIV

DIOGO, *só.*

Ámanhã apeio o rotulo que tenho por cima da porta com uma caravela doirada; quero mandar pregar outro mais soberbo: ha-de ser o re-

trato do senhor Camões, do meu hospede, pintado por Braz d'Avelar, com este moto que me ficou de um seu soneto

«Serás faro a soldados e a poetas.»

E o moto, da lettra do senhor Manoel Barata, mestre de escripta de Sua Alteza. Com tal chamariz, poderá a minha estalagem rir-se até dos Estáos do Ressío, com serem poisada d'Embaixadores. Estou que a lembrança não ha-de desprazer ao meu poeta. *(Chega-se para escutar á segunda porta da direita)* ¿E cá os nossos emparedados?... Tomára adivinhar o que estão fazendo!... É segredo d'abelhas em cortiço. Muito boa nunca a obra deve ser! Mas a mim que me arma! «se bons caldos mechem, que taes os bebam!» Lá chega o meu escutador de portas; e vem com um desconhecido! ¿Que farei agora, que aluguei a outrem o seu aposento? Adeus! que se agasalhe como poder! eu não hei-de pôr na rua o senhor Camões por via d'elle, nem de ninguem. *(Sai pela esquerda)*

SCENA XV

EL-REI, D. AFFONSO DE NORONHA.

D. AFFONSO

É aqui.

EL-REI

Nesta espelunca! A vos não conhecer eu, como vos conheço, D. Affonso de Noronha, suspeitára

que enganado me trazieis a um covil de malfeitores.

D. AFFONSO

E bem o póde Vossa Magestade dizer: encerrados nesta hora estão dois além. *(Apontando para a segunda porta da direita)*

EL-REI *(sorrindo)*

Continuais logo a teimar que nos atraiçoam? Imperrado sois nas ruins suspeitas! O amor e zelo, que á nossa pessoa haveis, vos allucinam.

D. AFFONSO

Oxalá que em méras suspeitas se fundára o capitulo que eu a Vossa Magestade fiz contra Martim Gonçalves! o que eu revelei, vi-o e ouvi-o; e Vossa Magestade em pessoa agora o verá, e ouvirá tambem.

EL-REI *(á janella muito attento)*

Tresvariais.

D. AFFONSO

Vossa Magestade sabe mui bem as invejas e malquerenças, que de muito ha entre Martim Gonçalves, e Sua Alteza o Senhor Cardeal, Tio de Vossa Magestade. Desde que a Regencia d'estes Reinos veiu ás mãos de Sua Alteza Eminentissima, Martim Gonçalves desesperado vendeu-se aos Castelhanos.

EL-REI

Oh! que gracioso sonhador de desvarios, que vós sois! Mas dêmos já de mão a tramas e conjurações; quereis que vol-o diga, D. Affonso? Desde que vos entregastes a esses pensamentos, já vos não conheço; mais vos queria ver qual ereis

d'antes: gentil-homem descuidoso, e cortezão aprazivel. Desenfademo-nos; lembrae-vos de que é esta a penultima noite que em Lisboa passamos.

D. AFFONSO

Por isso mesmo, Senhor Rei, é que eu mais vos supplico me attendais: Vossa Magestade a partir-se para Africa, e logo Portugal governado, ou desgovernado, por um velho, fraco, e malquisto do povo.

EL-REI *(sempre distraido)*

Credes que me deixasse eu aqui trazer com o fito de espiar, e prender traidores? Ás minhas justiças toca esse officio, que não a mim; não; não; se consenti em vos acompanhar disfarçado, foi porque d'esta estalagem, pelo sitio em que me dissestes que ficava, me occorreu que poderia, sem ser conhecido, nem importunado de passageiros, aguardar o signal da luz que além numa barca do Tejo ha-de apparecer. *(Aponta para o rio)*

D. AFFONSO

Uma palavra mais; a derradeira, Senhor Rei.

EL-REI

Pois que a derradeira é, dizei-a embora. Concluí; conclui.

D. AFFONSO *(ajoelhado)*

Rei, e Senhor meu: se d'aqui a tres mezes, em se tornando da jornada d'Africa, Vossa Magestade achar fechadas as portas da sua Capital, recordar-se-ha de como D. Affonso de Noronha ajoelhou ás suas reaes plantas.

EL-REI

Erguei-vos! Quem me já dera d'aqui longe! Mas por dar mate a importunações, vamos; fazei tudo; depressa. Que é o que de mim desejais? mas, adverti, que assim como eu vir brilhar a minha luz, de subito me ausento. Fallae.

D. AFFONSO

D'este aposento *(aponta para o quarto de Camões)* se ouve quanto se diz naquelle *(aponta para a porta por onde entrara o Embuçado)* que, por mais baixo, fica sendo por este dominado sem o cuidar. Para lá descem duas escadas: esta *(torna a apontar para a porta do segundo plano)* a unica de que se elles servem; e outra que para este quarto sobe: *(apontando outra vez para a porta do primeiro plano)* a porta, ao cimo d'esta segunda, está-lhes a elles encuberta com um almario corrediço; tem um ralo para escuta, e da banda de cá uma cortina que o disfarça.

EL-REI

Haveis jurado a Mafamede gastar-me de todo a paciencia, D. Affonso!

D. AFFONSO

Destapado o ralo, nenhuma palavra se diz em baixo, que de cima se não perceba claramente. Aqui tem Vossa Magestade o como, e por onde, logrei descobrir o crime d'alta traição, que entre elles se anda concertando. Vinde, Real Senhor, e já ficareis de todo convencido. *(Vai para abrir a porta do primeiro plano)* Fechada!

EL-REI

Ainda bem.

D. AFFONSO *(a vozes)*

Diogo! Diogo!

SCENA XVI

OS MESMOS, E DIOGO.

DIOGO *(vindo da porta da esquerda)*

Senhor meu... (1)

D. AFFONSO

Porque está esta porta fechada?

DIOGO

É porque... esse aposento... alugou-se.

D. AFFONSO

E eu, d'elle necessito; abri-o já, e logo.

DIOGO

Mas porém...

D. AFFONSO

Obedece, villão! (*Á parte*) Em tão pequeno escolho naufragar um Reino! (*Diogo entra no quarto de Camões, e volta logo a sair com elle*)

SCENA XVII

EL-REI, D. AFFONSO, CAMÕES, DIOGO.

CAMÕES (*a Diogo*)

Fallar-lhe-hei eu. Oh!... D. Affonso de Noronha!!...

D. AFFONSO

Camões!!...

(1) El-Rei, Diogo, e D. Affonso.

DIOGO

Conhecidos são (*vai-se pela porta da esquerda*)

D. AFFONSO

Ainda tenho esperanças.

SCENA XVIII

EL-REI, D. AFFONSO, CAMOES.

CAMÕES (*para D. Affonso*)

Fallou-te o meu captivo?

D. AFFONSO

Não. (*para El-Rei que se aproximou*) Real Senhor, a Vossa Magestade apresento Luiz de Camões.

CAMÕES

El-Rei!...

EL-REI

Muito folgo, Luiz de Camões, de conhecer alfim o autor de tão gentis sonetos; o autor d'*Os Lusiadas*, o mais nacional poema que nunca houve.

CAMÕES

É possivel... que Sua Real Magestade... poz os olhos nos meus versos!

EL-REI

Que admirais nisso? Versos que todos trazem na memoria e na boca, havia eu só de os ignorar? Não querieis que lêsse o Monarcha de Portugal um livro que é Thesoiro das Glorias Portuguezas? Querieis, meu primoroso poeta; oh! se o querieis! que para isso lá me fallaveis naquellas divinas estancias, que talvez não concorreram

pouco para a façanha que entre mãos trazemos da conquista d'Africa:

«Vós, poderoso Rei, cujo alto imperio
o sol logo em nascendo vê primeiro;
vê-o tambem no meio do hemisferio,
e quando desce o deixa derradeiro;
vós que esperamos jugo e vituperio
do torpe Ismaelita cavalleiro,
do Turco Oriental, e do Gentio
que inda bebe o licor do santo rio.»

Sabeis, Camões, que eu leio na propria lingua os poetas da antiga Roma; pois juro-vos que não achei em Virgilio mais formosos versos!

CAMÕES

«Os olhos da Real benignidade
ponde no chão: vereis um novo exemplo
de amor dos patrios feitos valorosos,
em versos divulgado numerosos.»

D. AFFONSO (*impaciente, á parte, mas para ser ouvido d'El-Rei*)

E instantes d'estes a perderem-se!

EL-REI

Com bem ruim hospicio vos contentastes, Cavalleiro!

CAMÕES (*jovial*)

Quiz tornar a ver Lisboa disfarçado.

EL-REI

Não sois vós homem para deverdes entrar nella d'esse modo; Reis são tambem os poetas; e mais que Reis, quando vos assimelham: pois em quanto

nós outros recebemos a corôa, vós vol-a cingis por vossas mãos, e as dais, se vos apraz. Amanhã vos espero nos meus Paços da Ribeira; quero que perante a Côrte, perante Cavalleiros, e Damas... Damas tambem, Luiz de Camões... me apresenteis *Os Lusiadas*, de vosso punho, e nos façais ouvir por boca de seu autor a morte de D. Ignez.

CAMÕES

Grande sois, e generoso, Real Senhor! Escureceis a fama de Alexandre: porque Homero, que elle sempre tinha á cabeceira, era já finado e antigo; e eu... todavia tenho como já lá dizia:

«Para servir-vos, braço ás armas feito;
para cantar-vos, mente ás musas dada.» (1)

EL-REI

Haveremos sarau que sobreleve aos de D. João III. ¿Sabeis que as donzellas, poetizas e musicas do estrado da Princeza minha Tia, nos hão apercebido um Auto como os de Gil Vicente, o qual mereceu a approvação do meu Chronista Mor Antonio de Castilho, bom dezembargador em causas de poesia?

CAMÕES

Não sabia, Senhor; encantais-me.

EL-REI

Que dizeis á ousadia feminil?

CAMÕES

Que mais devem as Musas favorecer ao seu sexo,

(1) D. Affonso, El-Rei, Camões.

do que ao nosso; e nós agradecer-lhes em dobro esses favores.

EL-REI (*para D. Affonso*)

Já vêdes, D. Affonso, que tenho tambem eu por amigos aos que o são vossos. (*Vai-se encostar á janella para observar o Tejo; vem da rua Antonio, saúda aos presentes, e recolhe-se pela primeira porta da direita*)

EL-REI (*que reparou attento em Antonio*)

Gentil mancebo é o indio! por um Gran-Vasco merecêra retratado, e esculpido por um imaginario como Affonso Lopes. Conheceil-o?

CAMÕES

Como a mim proprio; senão melhor.

EL-REI

Da India?

CAMÕES

Dos trabalhos.

EL-REI

Mais é.

CAMÕES

Na entrada do golfo de Sião eramos ambos naufragados, e salvámo-nos um com o outro; posso dizer que ali nascemos gemios, para havermos de morrer juntos.

EL-REI

Cá foi dito que d'essas aguas arrancáreis vós o vosso poema...

CAMÕES

E este homem; unicas riquezas que da Asia trouxe. Ainda assim, dez Lusiadas e cem Asias dera eu por um só amigo como aquelle.

EL-REI

Pertence-vos?

CAMÕES

Captivo meu lhe chamam, mas um ao outro nos pertencemos.

EL-REI

D'onde é?

CAMÕES

De Java, Senhor.

EL-REI

Terra de valentes, dizem, e cuido que o dissestes vós tambem.

CAMÕES

E onde cumprisse provál-o, proval-o-hia elle. Valente, e poeta.

EL-REI

Discipulo vosso?

CAMÕES

Discipulo meu? talvez; mas alumno da formosa natureza oriental, e inspirado de seus ares creadores. É a terra do sol e das perolas; é a terra das alterosas palmas; como não seria a terra dos poetas? Com elle me praz praticar devaneios e saudades; leio-lhe, ou lê-me elle, as minhas trovas, quando já de cór m'as não recita; e tudo me entende: assim o que digo como o que dissimulo. Muita vez me ha supprido elle só auditorio, e até mundo. Das affectadas friezas dos contemporaneos, a miude me consolei com os louvores ingenuos do meu indio. Por sua boca (*sorrindo*) (perdôe-me Vossa Magestade a vangloria) me parecia estar escutando ao longe a posteridade.

EL-REI

Bem! muito bem, meu poeta! quero que ámanhã em palacio m'o apresenteis. (*Para D. Affonso*) Já vêdes, D. Affonso, que não só aos vossos amigos agazalho, senão tambem aos amigos dos vossos amigos.

D. AFFONSO

Beijo-vos as mãos, Senhor, mas não vos esqueçais!...

EL-REI

Para outra vez será.

D. AFFONSO (*para Camões, baixo*)

Não chegares tu duas horas mais tarde!...

CAMÕES (*baixo*)

Que has dito?

EL-REI

Alfim a luz! Viva Deus! (*para D. Affonso, que faz pelo deter*) mais me releva que isso tudo, o que d'além me está chamando; ficae-vos; até ámanhã, meu Luiz de Camões. (*Sai pela porta do fundo*)

CAMÕES (*fazendo-lhe reverencia*)

Senhor.

D. AFFONSO (*seguindo a El-Rei com os olhos*)

Sebastião!... Sebastião!... a Deus praza que não venhas ainda a arrepender-te e sem remedio!

SCENA XIX

D. AFFONSO, CAMÕES.

CAMÕES

Bofé, que para recebimento como o teu, não

valia a pena de haverdes corrido não sei quantas mil leguas de oceano! Que novas modas são estas que venho achar! Se jogo é, ou momos, dessalgados me parecem, por vida minha! Mas antes de mais nada, venha essa mão; agora não ha já ahi realezas que nos insombrem os affectos: é dar largas ao coração. Dize-me: acho eu em ti o amigo que deixei, como tu recobras em mim o que sempre houveste?

D. AFFONSO

Que nos jurámos nós á hora do apartamento?

CAMÕES

Amizade para em quanto vivos fossemos.

D. AFFONSO

Não somos nós ambos homens de palavra?

CAMÕES

Voto que sim.

D. AFFONSO

Somos vivos?

CAMÕES

Graciosa pergunta!

D. AFFONSO

Mais graciosa, ou mais parvoa pergunta, é logo a tua.

CAMÕES

Ávante!

D. AFFONSO (*á parte*)

Não quero que os traidores em saindo me descubram. (*Em voz alta*) Á fé que largarás para logo tão ruim poisada.

CAMÕES

Certo que não; bem sabes... que tive eu sem-

pre fantasias; é esta mais uma; cá me entendo; apraz-me o ninho.

D. AFFONSO

Zombaria semsabor! Vem, amigo...

CAMÕES

Para onde?

D. AFFONSO

Para a minha poisada, que é tua.

CAMÕES

Não aporfies, que não troco a estancia pela do Preste João.

D. AFFONSO

Não aporfiarei, pois que não hei tempo para malbaratar. Com Deus te fica; até breve.

CAMÕES

Tambem não: ainda agora nos encontrámos, e já nos haviamos de apartar! A que vem taes pressas? Desferis vela já hoje para Africa? Pratiquemos d'espaço. Dize-me antes de tudo: quando, pouco ha, estavas aqui, só por só com El-Rei... creio que cheguei importuno, e vos atalhei na conversação.

D. AFFONSO

Não t'o nego.

CAMÕES

Mas, do meu aposento, que pretendieis vós outros?

D. AFFONSO

Segredo é esse que te não posso descobrir.

CAMÕES

Bem fazes logo em o guardar. Fallemos d'outra coisa, que faz mais ao meu proposito: visto como

devo ir ámanhã a palacio, importa me dês o roteiro d'essa paragem aparcellada, e me faças, como experimentado, relação fiel do que por lá corre. Não quero haver-me boçal, que digam praguentos e zombeteiros que sou chegado d'além mundo. Não te pergunto se és ainda valido; pois te vejo *Achates* do real *Eneas*. Novas quero sobretudo da tua formosa prima, a minha senhora D. Caterina d'Atayde.

D. AFFONSO

D'ella te lembras ainda?

CAMÕES

Oh! e quanto! Dize-me: fallava ella alguma hora no pobre desterrado?

D. AFFONSO

Muito... mas que te dá a ti d'isso?

CAMÕES

Já te não lembra como eu a idolatrava?

D. AFFONSO

Sim; mas dezasete annos ha isso.

CAMÕES

Pois idolatro-a agora como ha dezasete annos.

D. AFFONSO

Tu! Tu queres-lhe ainda?

CAMÕES

Sim: quanto mais longe d'ella me sentia, mais sentia ir-se-me entranhando pelo coração a dentro o seu amor; este amor, só com o mesmo coração m'o arrancariam; que já dos dois fizeram um só a razão e o costume. Enigma é, e enigma sou eu proprio, que te não sei explicar: sei que a amo; em tudo o mais, achar-me-has ainda,

qual fui sempre, mudavel de hora a hora, e só constante na inconstancia; mas este amor é a alma da minha vida. Se me dissera alguem: (*com vehemencia*) D. Caterina, aquella tua Natercia, aquella musa dos teus mais amados e mais amantes versos... D. Caterina já te não ama, olvidou-te...

D. AFFONSO (*olhando a furto para a segunda porta da direita*)

Mais baixo, mais baixo!...

CAMÕES

D. Caterina, quer bem a outrem;... o que isso me dissera, Affonso, déra commigo morto de repente.

D. AFFONSO (*á parte, mas em voz alta sem advertir em que o está Camões ouvindo*)

Fôra inaudita barbaria!...

CAMÕES

Barbaria inaudita, o quê? explica-te!

D. AFFONSO

Não me inquiras...

CAMÕES

Hein!... é casada!...

D. AFFONSO

E se o fôra?... que fizeras?

CAMÕES (*com impeto*)

Basta: adeus.

D. AFFONSO

Furioso estás! quem te disse que D. Caterina é já casada? Pretendem, sim, de a casar...

CAMÕES

Sisudo fallas?... Não está casada? Com quem a

pretendem casar? Como o chamam? Falla: quem é? de repente!

D. AFFONSO

Martim Gonçalves.

CAMÕES

Martim Gonçalves! Justo Deus!

D. AFFONSO (*á parte*)

Dado é o primeiro bote.

CAMÕES

Roubára-me a liberdade; roubára-me a terra do nascimento; ficava-me D. Caterina; até essa me quer agora roubar! a primeira e segunda morte, perdoou-vol-as Camões; mas esta derradeira... esta não, senhor Martim Gonçalves! que nesta vai condemnação, e inferno juntamente!

D. AFFONSO

Antes de nos apartarmos, aqui, pela cruz da tua boa e fiel espada, e pelas memorias dos bons tempos em que na India se apertou a nossa amizade, me jura que te não irás vêr com esse homem. Temeridade grande seria; e arriscar tudo sem proveito.

CAMÕES

Palavra te dou.

D. AFFONSO

Nella confio; voltarei logo.

CAMÕES

Adeus.

D. AFFONSO (*á parte*)

Ah! senhor secretario! juro a Deus que me heis de pagar caro tudo isto! (*Sai D. Affonso pela porta do fundo*)

SCENA XX

CAMÕES (*só*).

Ai! D. Caterina! se ainda chegaria eu a tempo! Valer-nos-ha o ter El-Rei por mim. El-Rei... mas porém a minha ida a palacio?... amanhã!... e como? se não tenho mais galas que este saio gastado! que monta? (*em tom resoluto*) Grã côrte era para o seu tempo a d'El-Rei Herodes; mas o Baptista lá se apresentou com o seu saial de pelles de cordeiro.

SCENA XXI

MIGUEL, CAMÕES.

MIGUEL (*que entra desassocegado*)

Onde será Diogo? que o não vejo!

CAMÕES (*á parte*)

Quem vem ora lá? oh! é Miguel! o corretor d'adelos, a quem eu soía de mercar! a ponto m'o depara a Providencia! (*Saúda-o*) Miguel mão!

MIGUEL

Beijo-vol-as, senhor escudeiro; quem sois vós porém?

CAMÕES (*á parte*)

Galharda novidade, que seja mais desmemoriado o acredor que o devedor! (*Alto*) Tão demudado venho eu!...

MIGUEL

Oh! perdoae-me, que vos não conhecia, senhor

Luiz de Camões! dou-vos os emboras pela feliz tornada *(á parte)* e a mim tambem.

CAMÕES

Verdade é que ainda cá tornei.

MIGUEL

Soava entre o povo que ereis morto d'um pellouro.

CAMÕES

Só isto lá deixei (*apontando para o olho*)

MIGUEL

Ainda bem.

CAMÕES (*á parte*)

Dirão ainda os meus inimigos, que nada tenho de Homero?

MIGUEL

Pois que alfim chegastes, louvado Deus, será prazo de me pagardes o rolzinho que vos cá ficou.

CAMÕES *(á parte)*

Cuido que errei o alvo; vinha para um emprestimo, e logo encalho numa divida. (*Alto*) Quando vos aprouver fallaremos d'isso, honrado mercador; não agora, que estou com pressa. Sabeis que me vou ámanhã ao Paço?

MIGUEL

Sim!... ao Paço!...

CAMÕES

Sim: e logo me lembrastes vós, para me aprestardes um tabardo que vista em logar d'isto.

MIGUEL

Eu não desconfio... mas porém... o rolzinho atrazado?...

CAMÕES *(continuando sem attender na interrupção)*

Quer-se um vestido que não desdiga do acto... coisa em summa, que me não deslustre, nem a vós; já me entendestes.

MIGUEL

Peregrinamente! quereis um trajo lustroso; ha-de-se arranjar... porém... o nosso rolzinho velho?...

CAMÕES

Valha-vos Deus com o vosso rolzinho velho! Não vêdes que vol-o quero remoçar?

MIGUEL

Entendamo-nos; quanto me dareis aqui mesmo de contado?

CAMÕES

De contado!

MIGUEL

De contado e recontado.

CAMÕES *(à parte)*

Açoitado te vira eu antes de uma hora, onzeneiro algoz! Quando não tenho senão quinze cruzados!... (*alto*) Dez cruzados, Miguel amigo.

MIGUEL

Quereis zombar!

CAMÕES

Nunca menos o quiz; dizei-me porém: em quanto tachais vós o tabardo?

MIGUEL

Trinta cruzados, pelo baixo. Tabardo novo de Bristol fino, com forro de seda, e capuz frisado, e par de luvas de polvilho «que vos ride de mais França.»

CAMÕES

Assignar-vos-hei escripto de quarenta cruzados; é honesto lucro!

MIGUEL

Vêde lá o que dizeis.

CAMÕES (*com altiveza*)

De minha palavra duvidais vós?

MIGUEL (*á parte, em quanto Camões está contando os dez cruzados*)

Se lhe eu incampasse o tabardo que o senhor Real me largou a outra semana com cento por cento de perda... ageitando-lhe á feição do corpo, fica-lhe ao pintar, e eu, faço veniaga.

CAMÕES

Em que vos determinais?

MIGUEL

Venham embora os dez cruzados.

CAMÕES

Toma-os, filisteu, e sume-te!

MIGUEL

Ámanhã havereis um tabardo, que nem cortezão galã em procissão de Corpus Christi. Havei prestes o escripto que dissestes.

CAMÕES

Contae com elle.

MIGUEL (*da porta*)

Olhae, se me levais tambem esta divida a viajar até á India, como a outra,

«Por mares nunca d'antes navegados.»

CAMÕES

Ó lá... quereis commigo repicar de discreto, se-

nhor Miguel! para tanto vos não dá o nosso ajuste!

SCENA XXII

CAMÕES, *só.*

Haverei emfim com que ir ao Paço. Deus sabe quanto esta gala me deixa pobre! Mas idéas d'essas, desviál-as da fantasia.

SCENA XXIII

O MESMO, o EMBAIXADOR DE CASTELLA, E MARTIM GONÇALVES (*que saem da segunda porta da direita e se encaminham para a da rua)*

EMBAIXADOR

Até ámanhã por noite!

CAMÕES *(ao recolher-se para o quarto repara nelles e repete á porta)*

Até ámanhã por noite!

MARTIM GONÇALVES

Camões em Lisboa! *(sai)*

CAMÕES *(apertando a subitas o punho da espada)*

Martim Gonçalves!

FIM DO ACTO I

ACTO II

Sala nos Paços da Ribeira, alcatifada, e com as paredes adereçadas de razes, representando batalhas portuguezas. No topo, suas portas rasgadas, que dizem para a varanda da Pella. Esta, adornada d'estatuas, deixando ver o Tejo, semeado de numerosa frota para Africa; a frota carregada de luminarias. Portas lateraes, duas a cada parte, com reposteiros de velludo vermelho, com as armas reaes bordadas a oiro. Entre as da esquerda um estrado atapetado de velludo verde, com espaldar de sobre-ceo. Aos dois lados do espaldar, assentos de brocado de oiro. Todos os demais assentos da sala são tamboretes rasos, e almofadas de brocado para Damas.

SCENA I

MARTIM GONÇALVES, *só.* (*Ao levantar do pano, está sentado no lado esquerdo da sala nos coxins, junto á boca do theatro. Apoz breve silencio, ergue-se*)

Ingreme é em verdade a facção a que me abalanço! e lembrar-me eu, ao que podéra haver chegado, sem correr estes perigos de ser traído, cas o houvesse ficado Regente d'estes Reinos! que es-

trada larga e sem limites, não é uma regencia! quando esse em cujo nome se rege é um principe como D. Sebastião, mancebo impetuoso, indomito, que se arremeça ás guerras cegamente, sem deixar apoz si mais que um throno... vasio!... Oh!... que não sei eu ambição, que de regencia tal se não desse por bem paga! e quem me antepozeram? quem!... Um Cardeal Henrique. Não pensemos mais em tal; que me importa elle? e elles? e todos?... Hei dado palavra a D. Philippe II e recebido a sua... hei-de ser vice-rei. Formoso titulo! e mais formoso, cerceada a primeira metade! Quem sabe!... móres prodigios se têem visto. Menos era Barba Roxa, o Pirata, e lá se coroou em Africa por suas mãos! Senhor Embaixador! (*Vem entrando da segunda porta da direita o Embaixador de Castella*)

SCENA II

MARTIM GONÇALVES, o EMBAIXADOR DE CASTELLA.

EMBAIXADOR

Como vamos, senhor D. Martim? não ha novidade?

MARTIM GONÇALVES

Nenhuma.

EMBAIXADOR

Sempre é certo sair-se El-Rei ámanhã?

MARTIM GONÇALVES

Certissimo.

EMBAIXADOR

Tudo á medida do desejo nos vai vingando. Bem vos podeis vangloriar: que a vós se deve...

MARTIM GONÇALVES

Adulais-me: se, de vingarem nossos designios, se pode alguem vangloriar, é esse o Cardeal, por vida minha; se elle não fôra, nunca porventura se houvera D. Sebastião determinado em vestir armas por um moiro, e passar os mares por desagravar a um Muley Mahamet.

EMBAIXADOR

Sem duvida que não: mas, quem ha hi que isso não saiba? Sem guerra, não se ausentava El-Rei; sem El-Rei se ausentar, não havia regencia...

MARTIM GONÇALVES

E sem regencia, adeus Cardeal, que se finava de paixão.

EMBAIXADOR

Heis-de ser vice-rei, senhor D. Martim.

MARTIM GONÇALVES

Houvestes novas do Escurial?

EMBAIXADOR

Não: espero o correio antes da noite. Em elle chegando, na estalagem do caes nos avistaremos como hontem.

MARTIM GONÇALVES

Hei por mais seguro... que noutra qualquer parte pratiquemos.

EMBAIXADOR

Dar-se-ha que nos descobrissem?

MARTIM GONÇALVES

Não digo... mas, hontem, ao sair, vi na casa da entrada um homem que me conhece: verdade é, que me não percebeu elle, mas, como bem póde ser que lá esteja aposentado, bom arbitrio será o precavermo-nos.

EMBAIXADOR

Approvo a cautella; porém como?

MARTIM GONÇALVES (*considerando*)

Em minha casa, defenda-nos Deus!... Quando menos o cuidassemos, podia El-Rei apparecer-nos. Emfim, por em quanto, não alteremos coisa alguma no costumado. Já por um dos meus apaniguados mandei averiguar se o individuo poisa na estalagem; se disser que sim... algum outro asilo desencantaremos. Até á noite.

EMBAIXADOR

Descançado vou; que em vossa prudencia fio tudo. El-Rei, despede-se esta noite da Côrte; aqui serei, que não devo faltar ao ceremonial.

SCENA III

OS MESMOS, E CAMOES (*que vem da segunda porta do lado direito, magnificamente vestido*)

MARTIM GONÇALVES (*á parte*)

Oh!... Camões!... por elle aguardava eu. *(Para o Embaixador)* Escusae-me de vos acompanhar. É chegado escudeiro com quem me releva praticar, antes de entrarmos ao Conselho. *(O Embaixador e Martim Gonçalves, sobem pela esquerda do*

tablado, em quanto pela direita vem Camões descendo)

CAMÕES (*entre si*)

É Martim Gonçalves; o outro porém?... se me não engano, já o vi... hontem cuido que foi; na estalagem... Ausentam-se!... não... lá volta Martim Gonçalves.

SCENA IV

MARTIM GONÇALVES, CAMÕES.

MARTIM GONÇALVES (*cortejando*)

Senhor Luiz de Camões!

CAMÕES (*cortejando*)

Senhor Martim Gonçalves!

MARTIM GONÇALVES

Por fortuna tenho, ser o primeiro que vos dê os emboras da tornada.

CAMÕES

Senhor, beijo-vol-as.

MARTIM GONÇALVES

Não vos pergunto se bulicio de viagens, e tumulto de pelejas vos deixaram hora para poetardes, que adiante de vós cá nos tinha chegado a vossa musa com obra que anda nas palmas, e bem mostra serdes ainda o mesmo peregrino engenho d'outro tempo. Acceitae-me os parabens!

CAMÕES

E vós, senhor Martim Gonçalves, sois ainda como noutro tempo gran valido?

MARTIM GONÇALVES

Senhor sim.

CAMÕES

Acceitae-me egualmente os parabens.

MARTIM GONÇALVES

Peçâmos logo ambos á Providencia que nos mantenha no que somos, por annos largos.

CAMÕES (*com ironia*)

Á Providencia!

MARTIM GONÇALVES

Da Providencia vos rides!?

CAMÕES

Não d'ella, senão de que vós a tomeis na boca.

MARTIM GONÇALVES

Porque?!

CAMÕES

Porque para um valido bastára dizer *El-Rei:* São os reis a Providencia dos validos.

MARTIM GONÇALVES

E a dos poetas qual é?

CAMÕES

Os poetas são feituras de outro rei mais alto e não dependem senão d'elle. Boa dita lhes é; que menos azos dão assim a cegas inconstancias da fortuna.

MARTIM GONÇALVES (*a parte*)

Puxemos a pratica ao meu proposito. (*Alto*) Vindes achar na côrte muitos rostos novos, senhor Luiz de Camões; estes annos ultimos nos hão dizimado a fidalguia: uns, levou-os a peste, que tão brava tem andado; outros, leva-os das salas do Paço, para os estrados das damas, a furia do casar, que é outra peste que vindes achar em Lisboa mui acceza.

CAMÕES (*á parte*)

Já o entendo. (*Alto*) Mas vós proprio, senhor...

MARTIM GONÇALVES (*á parte*)

Tomou a pella; joguemol-a.

CAMÕES

Deveis andar á la moda da fidalguia...

MARTIM GONÇALVES (*fingindo-se admirado*)

Pois quê! já vos hão dito?

CAMÕES

Que estaveis para casar?

MARTIM GONÇALVES

Que me estava eu... maravilhais-me!

CAMÕES

Dar-se-ha que me enganassem?

MARTIM GONÇALVES

Não, não, verdade vos disseram. Mas dizei-me ora aqui á puridade: quando ouvistes que requestava eu para mulher a minha senhora D. Caterina d'Atayde, não ficastes... espantado?

CAMÕES

Espantado! eu... de quê, senhor?

MARTIM GONÇALVES (*á parte*)

Começa de me enlear: ateimemos. (*Alto*) Não sabeis quanto me ufano de que homem do vosso estofo me approve a determinação; que não faltam por ahi ruins ciosos que m'a acoimem de loucura.

CAMÕES (*á parte*)

Não terei mão no fel, que me não rebente!

MARTIM GONÇALVES (*insistindo*)

E vós? ficaram-vos acaso em Lisboa alguns amores que vos tentem a seguir o meu exemplo?

CAMÕES

Que sei eu! Esse casamento... vosso, está para breve?

MARTIM GONÇALVES

Não é bom em casamentos correr pela posta.

CAMÕES

É que podem ás vezes recrescer difficuldades inesperadas.

MARTIM GONÇALVES

Que difficuldades quereis vós que me recresçam?

CAMÕES

Tal cavalleiro vos julgo eu, que não acceitareis dama que vos desame...

MARTIM GONÇALVES (*remontando-se em altiveza; quasi ameaçador*)

Se em melindres e pontos d'honra quereis ora doutrinar-me, heis-de saber, senhor Luiz de Camões, que doutrinações taes, de ninguem costumo recebel-as.

CAMÕES

Já o creio; a escóla onde se ellas tomam é arriscada: porventura á conta d'isso a evitareis.

MARTIM GONÇALVES (*mais ameaçador*)

Senhor Luiz de Camões!

CAMÕES (*no mesmo tom*)

Senhor Martim Gonçalves! (*Reprimindo-se*) Mas fallemos sem rebuço, que chegado é o lance de largarmos ambos nossas mascaras de vidro.

MARTIM GONÇALVES (*á parte*)

Curioso estou do que dirá.

CAMÕES

Comedias, faço-as, quando me apraz; mas não as represento nunca: esta porém me é sobre todas enfadonha.

MARTIM GONÇALVES

A mim não menos.

CAMÕES

Senhor Martim! ambos nós queremos á mesma dama.

MARTIM GONÇALVES

Inda mal para vós, senhor Camões.

CAMÕES (*continuando com vehemencia*)

Queremos ambos á mesma dama, e não o ignorais!... o alvoroço com que me haveis recebido... entendi-o eu; aguardando-me estaveis; pretendeis ora saber, se homem sou para me arrostar comvosco nesta nova luta. Sabei por tanto que o sou; e para mais ainda, se cumprir. Jura solemne vos juro aqui, por vida de minha senhora D. Caterina d'Atayde (mais solemne jura não a sei, nem a quero) juro-vos, que até ao derradeiro arranco, e minha ultima gota de sangue, vol-a hei-de disputar.

MARTIM GONÇALVES *(zombando)*

Talvez que me hajais lido no interior. Como quer que seja porém, com isto só vos respondo: nem cuido que hajamos de chegar a taes extremos; nem que possais vós tolher a D. Caterina d'Atayde...

CAMÕES

Vel-o-hemos.

MARTIM GONÇALVES

Vel-o-hemos. Porém adverti que se jámais

transpozesseis os limites que as leis da honra, e as da cortezania vos assinalam, haveria quem, mau grado seu, vos tornasse a desterrar, como ha dezasete annos.

CAMÕES

Entendo-vos: nobre sois no ameaçar; como generoso nos feitos. Mas adverti tambem, que se ainda hoje sois o mesmo que ha dezasete annos, póde ser que já Portugal o não seja; não o é de certo El-Rei; nem o é tão pouco Luiz de Camões. Todos tres hemos crescido; em quanto vós... só não mingoastes, porque vos não era já possivel. Sei quem folgára de me reenviar ao desterro; e até de ser meu carcereiro e meu algoz: mas sei tambem, que o não ousará. O que a honra não véda, véda-o o medo muitas vezes.

MARTIM GONÇALVES

O que já pude, posso-o ainda hoje.

CAMÕES (*com hombridade*)

Tentae-o! (*caminha para o fundo do theatro*)

MARTIM GONÇALVES (*á parte*)

Tens razão. Para temperas indomitas, como a tua, o desterro é pouco, o veneno e o ferro nada são. Quer-se arma que lhes traspasse a alma, que lhes decepe os brios e a soberba: essa arma terrivel, é a injuria ou o desprezo. Encontral-os-has. Vai, vai, gigante de soberbas! lá verás, como com um sopro te derribo. (*Alto para Camões*) Ouvi que apresentaveis hoje os vossos Lusiadas a El-Rei: bons applausos vos desejo, senhor Luiz de Camões! Vai dar principio o conselho; com Deus vos ficae. (*Sai pela segunda porta do lado esquerdo*)

SCENA V

CAMÕES, *só*.

Bons applausos, disse! se entendo a linguagem de cortezãos refalsados, bocejos quiz dizer, aborrecimento, e menoscabo. (*Depois de alguma pausa*) Hora solemne da minha vida é esta! Sentenciados vão ser a final os meus destinos! Riqueza, gloria, bemaventurança, tudo hoje haverei conquistado, ou perdido sem regresso. Tremo, sem querer: a placidez glacial d'este filisteu de palacio, me apavora! Oh! não quero pensar senão em D. Caterina! Deus meu! já vos não peço mais que o seu amor! Forçoso é que a eu veja, que lhe falle; como porém? Ah! é ella... (*D. Caterina vem da primeira porta do lado direito. Camões lhe vai ao encontro. Descem juntos para o proscenio*)

SCENA VI

CAMÕES, D. CATERINA.

CAMÕES (*com jubilo*)

Caterina!

D. CATERINA

Camões!

CAMÕES

Já posso morrer; que está alfim realisado o meu sonho de tantos annos! torno ainda a vêr-te! Era a unica ventura que a Deus supplicava,

em desconto de tantas dores. Tenho-a, e ainda o não creio, Caterina! Hei medo de acordar, Caterina minha!...

D. CATERINA

Dezasete annos, sim; dezasete seculos os diria eu, se os não houvera contado de dia a dia, e pranteado de hora a hora! Luiz! Luiz! que mal lhes haviamos nós feito! (*caindo em si, e reprimindo-se*) Não vos sabia aqui! quando viestes?

CAMÕES

Hontem sobre a tarde, na *Santa Fé.*

D. CATERINA

Vistes já o vosso amigo, meu primo D. Affonso de Noronha?

CAMÕES

Vi.

D. CATERINA

Que vos disse?

CAMÕES

Tudo. Disse-me tudo, Caterina. Já sei que Martim Gonçalves vos pretende; mas não o temo.

D. CATERINA (*á parte*)

Ai! presentimentos, presentimentos!

CAMÕES

Não, não o devo temer, pois sei que na memoria vos andou sempre o desterrado; não é assim, Caterina? Natercia minha? minha de outro tempo, minha hoje, e sempre minha, não é assim?

D. CATERINA

Sim, Camões; lembrava-me de vós; e muito.

CAMÕES

Teu primo, hontem... (deixa-me desabafar comtigo; deixa-me alfim queixar com quem se dóe das minhas dores) hontem D. Affonso rasgou-me este pobre coração, sem o cuidar...

D. CATERINA

Elle!...

CAMÕES

Sim; foi elle quem me disse as altivas pretenções de Martim Gonçalves á vossa mão, a esta mão, que, perante Deus e o meu amor, nem já é vossa, senão só minha.

D. CATERINA (*enleada*)

Mas...

CAMÕES

Fez mal, fez mal teu primo, e podera-me haver morto; porque, em vez de se explicar de repente, começou de balbuciar, atalhou-se, e não queria concluir. Que havia de eu cuidar, senão que eras já casada!

D. CATERINA

Mas porém...

CAMÕES

Um homem que, volvendo em si de um mortal paroxismo, se achasse num sepulcro, ás escuras, sosinho, atado de pés e mãos, sem poder desprender-se, nem bulir, nem clamar... não curtíra nesse prazo mais angustia do que eu, sentindo-me vivo ao pé da minha esperança já defunta!...

D. CATERINA *(no auge da turbação)*

Basta, Camões, basta; não prosigas... é horrivel!

CAMÕES

Que has tu!

D. CATERINA

Nada... nada... só te peço, pelo teu amor t'o peço, evita Martim Gonçalves; deixa-me ausentar.

CAMÕES

Já, Caterina! deixar-me já, Caterina, sem primeiro me confortares, Caterina! quando me vês perplexo! perdido! naufragando num oceano de incertezas e terrores!... mercê, senão já amor! compaixão... caridade... Caterina, caridade!...

D. CATERINA

Meu Deus! meu Deus! se elle vem!...

CAMÕES

Mas elle já veiu; já nos vimos.

D. CATERINA

Fallou-vos?

CAMÕES

Fallou.

D. CATERINA

Divina misericordia!

CAMÕES

Oh! que me redobras os transes! que turbação é essa? explica-te; que receias? porque hei-de evitar Martim Gonçalves? Porque me queres fugir?

D. CATERINA (*com voz mortiça*)

Sou...

CAMÕES

O quê?!

D. CATERINA (*em voz que mal se ouve*)

Sua mulher!

CAMÕES (*apertando-lhe os pulsos com impeto de desespero colerico*)

Sua mulher! que has dito? sua mulher!... sua! sua... Oh! D. Caterina d'Atayde!

D. CATERINA

Luiz...

CAMÕES

Tu, tu... casada! com esse homem... não zombes assim, que seria matar-me...

D. CATERINA

Sou-o.

CAMÕES (*apertando com força a testa*)

Ai! que arrenegarei da Providencia! (*rapido e com voz afogada*) Agora entendo a D. Affonso; enganou-me, por me não matar; mas elle, Martim... villão, villão, que me has escarnecido! Santos do ceo! (*Depois de breve, mas profundo scismar, dá dois passos, tremulo e vagaroso, para D. Caterina, e recomeça com voz, que na morosidade, e no tom indica, não só o tumulto dos affectos, que o senhoreiam, mas o quanto forceja por se fingir dessassombrado*) Vamos... quedo estou... bem vês!!! dize-me tudo... quero saber tudo... nada ommittas... seja o que fôr... não importa... homem sou, que não morre... bem vês... e tambem... Mas, que ia eu perguntar-te? (*com mais rapidez, mas em tom mais confidencial*) Ah! sim! El-Rei... dize-me: El-Rei entrou tambem neste conluio de vergonhas? que as ha aqui, e vilissimas... entrou; não entrou?...

D. CATERINA

Não! não!..

CAMÕES

Então, de que artes se valeram elles, que tiranias empregaram para te obrigarem?...

D. CATERINA

Bem sabeis, Camões, o que é Sua Alteza, a minha senhora Rainha, D. Caterina.

CAMÕES (*insofrido*)

Prosegui e abreviae!

D. CATERINA

Acostumada a reger mundos, e a receber pareas de tantos Reis, como houvera de sofrer ella que uma donzella de sua camara lhe descumprisse gostos, ou fantasias! que podia eu?... arrastaram-me...

CAMÕES

Foi logo ella quem te victimou?

D. CATERINA

Foi; matou-me, cuidando bemfazer-me.

CAMÕES

E tu?... tu não lhe resististe?...

D. CATERINA

Oh! Camões! e que resistir! fiz quanto cabia em posses de mulher... confessei a elle proprio que o não amava, que trazia est'alma abrasada em outro amor... louca e perdida de saudades... que não podia ser sua, nem elle receber-me, sem affronta; não me respondia! rogei-me a seus pés, carpi-me, beijei-lh'os, levantei as mãos, invoquei a sua lealdade, invoquei o ceo! sempre o mesmo... sempre calado... frio... immovel... inflexivel, como estatua!... O mais que logrei, foi ver-lhe ao cabo no semblante alguns assomos de

compaixão, fingidos talvez... sem duvida fingidos!

CAMÕES

Covarde! saião! Opprobrio de gentis-homens!

D. CATERINA

Disse-me D. Affonso que da India vos tornaveis breve; reaccenderam-se-me as esperanças; cuidei que no espaçar o prazo podesse alcançar o livramento... suppliquei me outorgasse um mez: — o meu Camões me deffenderá, ou com elle fugirei— pensava eu entre mim. Correram dias, vieram naus e caravelas do Oriente, e novas que eu tanto anhelava, sem chegarem! tantos via a cada hora desembarcar... e nunca vós!... Só faltava uma semana; a cada um de seus dias me fui apegando, como naufraga que já principiava de esmorecer. O ultimo raiou... e nada! Foi correndo... e o mar deserto! Chegava a noite... Oh que noite para mim, Luiz de Camões! não t'a sei pintar, mas bem m'a adivinhas tu! Na varanda da Pella, ali, naquella varanda, que senhoreia a extensão das aguas, ali estava eu sosinha, com minhas penas. O mar era quedo e espelhado, alumiava-o a lua cheia, estendia por elle a vista; ermos! e ao cabo d'elles, mais ermos! até o infinito! nem uma vela, nada! que cevar de angustias! de mim propria havia eu dó em tamanho desamparo.

CAMÕES

Oh! Caterina!

D. CATERINA

E agora mesmo, cuidais que não sou para muito

dó! Esta vida que me forçaram a viver de magoas desesperadas, e sem remedio, cuidais que muito por meu gosto a acceitaria?

CAMÕES

Maldita Rainha! maldita! para se distrair uma hora dos aborrimentos da velhice, coroou a tua alma gentil d'eternos espinhos, Caterina, e despenhou esta minha num lago de leões! — roubou-me o teu amor!

D. CATERINA (*com força d'affecto*)

Não, não; corações como os nossos, não se roubam; estado e nome... trocaram-m'os elles, não os affectos. Já vos não lembra que mulher fui sempre?

CAMÕES

Inda mal que o não poderei nunca deslembrar.

D. CATERINA

Animo! façamos por ser grandes e valorosos na desgraça. Já não serei vossa esposa, que o não posso; d'outra sorte vossa, ainda menos, que o não devo; mas (o ceo me perdôe estas palavras) na alma e no coração, vossa hei-de ser; só vossa, vossa toda, em quanto viva. Casadas estavam já nossas almas, quando um sacerdote metteu esta mão gelada na de Martim Gonçalves. Esse consorcio não o desataram elles; que não podiam.

CAMÕES (*esmorecido*)

Não requeiras de mim valor, que me fallece; tal viver de saudades e zelos, tal inferno de Ticio e Tantalo... se tu pódes soffrel-o, Caterina, nem imaginal-o sequer posso eu, sem esmorecer. Penuria, fome, desnudez, venha tudo! venham car-

ceres, desterros, e affrontas! homem sou para lhes ter rosto. Mas cuidar... mas saber-te em posse d'outrem!...

D. CATERINA

Não te haveres tu esquecido de mim... (*Martim Gonçalves apparece na segunda porta da esquerda*)

CAMÕES

Não blasfemes! que o não desejavas.

MARTIM GONÇALVES (*á parte, avisinhando-se*)

Um colloquio furtivo! Já!...

D. CATERINA (*á parte*)

Martim!

CAMÕES (*á parte*)

Oh! elle! ainda bem. (*Quer-se ir para Martim Gonçalves*)

D. CATERINA (*detendo-o, diz á parte para Camões*)

Modera-te, ou me despenho.

SCENA VII

CAMÕES, MARTIM GONÇALVES, D. CATERINA.

MARTIM GONÇALVES (*para D. Caterina*)

Boas fadas nos andam hoje encaminhando, senhora; aqui mesmo encontrará eu, pouco ha, o senhor Luiz de Camões; e egual fortuna lograstes vós. Já certo lhe havereis dado os emboras da tornada.

CAMÕES

Quando vós entrastes, senhor Martim Gonçalves, acabava eu de pôr os meus rendimentos ás plantas da minha senhora D. Caterina d'Atayde.

MARTIM GONÇALVES

Sim!... dou que ainda ignorais... (*Toma a D. Caterina pela mão*) Apresento-vos, senhor Luiz de Camões, a minha esposa.

D. CATERINA (*á parte*)

Deus meu!

MARTIM GONÇALVES (*em meia voz, para Camões*)

Aporfiareis ainda em me disputar a mão de minha esposa?

CAMÕES

Não zombeis agora; aconselho-vol-o eu, senhor Martim!...

D. CATERINA (*a parte, em voz baixa*)

Tremo!

CAMÕES (*á parte*)

Quem m'a déra agora ausente!

D. CATERINA (*despedindo-se*)

Senhor Luiz de Camões...

CAMÕES (*reverenciando*)

Senhora minha...

MARTIM GONÇALVES

Ausentais-vos, D. Caterina?

D. CATERINA

Senhor sim; se me quizesseis acompanhar...

MARTIM GONÇALVES (*em tom de cortezia*)

Com mil vontades, senhora.

D. CATERINA (*á parte*)

Sequer, não os deixarei a sós.

MARTIM GONÇALVES (*para Camões*)

Até logo, cavalleiro. (*Para D. Caterina*) Ainda porventura não sabereis que o senhor Luiz de Camões, é, porque assim o digamos, o heroe do

sarau que esta noite dá El-Rei? Sua Magestade ha aparelhado para o nosso poeta um triunfo condigno á sua alta fama; vinde, que pelo caminho vol-o irei contando. (*Saem Martim Gonçalves e D. Caterina, pela segunda porta da esquerda*)

SCENA VIII

CAMOES, E DEPOIS ANTONIO.

CAMÕES

Oh! que não sei como tive mão em mim! Foise; não importa; volveremos a nos encontrar; o dia não é findo. (*Entra Antonio pela porta da direita*) Vem, vem, amigo; que te pareço depois da muda? não saiu da empreza com honra o nosso Miguel? vamos; não quero a tão luzidas roupas affrontal-as com semblante carregado. Fostes em vosso tempo, senhor Luiz, o mais afamado donzel, o mais fino galã, de quantos se apavonavam ao sol nesse terreiro; tenho que ainda as alcatifas de palacio se lembrarão de mim; por mim, digo, que reverdeço nestas salas, como em ares meus mui naturaes. Dize-me tu, meu Jáo: quem me visse ora tão resplandecente e risonho, reconheceria em mim o cavalleiro mais capa em collo, e maltrapilho de todas Hespanhas?

ANTONIO

Entendo-vos, senhor meu, que para isso já de annos vos estudo: a outro enganareis vós; a mim, não; forçais as palavras, e o rosto, ou de soberbo, para que vos não saibam as penas, ou de cançado d'ellas, a ver se vos aturdís.

CAMÕES

Sim, sim, meu fiel Antonio; estou-me ensaiando aqui, para não inspirar compaixões a soberbos, que lh'as não quero; ajaezei-me, como cavallo de alardo; e contentamento, ostental-o-hei, que sóbre para quebrar olhos a inimigos. Que importa o que vai n'alma! Não vi eu já truão de praças, com o coração em carne viva, a fazer rir as turbas! e o gladiador de Roma não se adestrava para morrer com graça! Serei eu menos do que elles? e melhor, dissera, sou eu mais do que elles? (*tornando-se a carregar no semblante*) o truão ao menos ao pellote pintalgado com que representa, chama-lhe seu; o sótão em que pernoita paga-o; se tem penas, afoga-as, e esquece-as; se o affrontam, pouco lhe dá, que não tem brios; não sabe o que é fama, não se mata a pedaços para a conseguir...

ANTONIO

Attentae, que vem gente.

CAMÕES

É verdade, já o meu papel me ia esquecendo. Apartemo-nos. (*Saem pelo fundo para a varanda, e desapparecem, em quanto pela primeira porta da direita entram em scena Leão e monsior de Saint-Pol*)

SCENA IX

LEÃO, SAINT-POL.

LEÃO (*seguindo com os olhos a Camões*)

Figurou-se-me ser Real... o cavalleiro que ora saiu... mas não era; enganou-me o tabardo, que me parecia todo o seu. (*Para Saint-Pol*) E bem,

monsior de Saint-Pol, como achais a nossa côrtesinha de Portugal? Quando vos lá tornardes para a vossa formosa França, havereis que dizer d'esta pobrezita algum louvor?

SAINT-POL

Da vossa Lisboa, se pode qualquer recordar gostoso em toda a parte.

LEÃO

Deveras!...

SAINT-POL

Deveras. Noite de San-João mais alegre, e estrondosa, nunca a hei passado. E aquelle porto!... (*apontando para o Tejo*) ninguem o tem senão vós.

LEÃO

Encantais-me; que vós outros, os francezes, com razão sois ruins de contentar: quem tem de seu a Paris, de todas as delicias se logra.

SAINT-POL

A formosura de Paris, se quereis que vol-o diga, tem melhores longes do que pertos: vista d'aqui, de Lisboa, parece coisa grande!

LEÃO

Deus vos livre, meu visconde, de que esse vosso chiste agora, transpozesse os Pyreneos! (*apparece Real saindo da primeira porta da direita*) d'esta feita é elle; o nosso Real.

SCENA X

LEÃO, REAL, SAINT-POL.

REAL (*entrou effeminadamente encostado no braço d'um pagem e gemendo de mimoso; apenas avistou*

os amigos, largou-o, despedindo-o com a mão, e correu para elles com toda a sua agilidade)

Pelo que vejo, senhores, tenho eu, sem o cuidar, o dissabor de me parecer com alguem! (*Para Leão*) *D'esta feita, é o nosso Real* te ouvi eu dizer; logo, tenho eu o meu Mercurio, como o Sósia da comedia do Camões; logo, ha hi outrem com o meu corpo, com o meu garbo; se assim é, doume a perros! cuidar eu que ninguem é eu, senão eu... e achar-me num santiamen convertido de eu em nós!... Mas, por vida vossa que me digais onde está ess'outro Real? cubica tenho de o conhecer. (*Caminha para o fundo do theatro como procurando*)

SAINT-POL (*á parte para Leão*)

Vêde-me aquillo, meu querido Leão; e dizei-me quem é que não ha-de levar saudades de Lisboa! Todo o mundo que vós corresseis, vos não apresentára raridade como este mancebo.

LEÃO

É que em verdade; não ha galã d'estrados mais cabal; anda sempre á moda que está para vir. É delicioso o nosso Real.

REAL (*voltando para elles*)

És um lisonjeiro, meu Saint-Pol! não digo... que não gózo de certa aura!

LEÃO

Qual aura!... és a fenix de todos os pintalegretes mais alfanados da nossa côrte: o que a mim me enganou, foi o tabardo do tal individuo, que era, sem tirar nem pôr, como o teu da semana passada; representou-se-me...

REAL

Que era eu? (*rindo*) ah!... ah!... ah!... devias de trazer o pensamento á caça de damas! não sabes que entre o Real presente, e o Real de oito dias atraz, ha sempre bons oito seculos de distancia?! Vêde-me este passo: inventei-o ha dois instantes; (*fazendo um passo de dança de ridicula affectação*) por ora, só é meu; o outro, que eu ha tres dias ideei, é já como dança de machatins d'El-Rei D. Sancho; dou licença que o imite quem quizer.

LEÃO

Não ha oiro de Sofála que te pague.

REAL

Agora por Sofála: será certo o que pouco ha me disse meu tio Martim Gonçalves da Camara, Escrivão da Puridade d'El-Rei, que se tornou a Lisboa Luiz de Camões?

LEÃO

Certissimo.

REAL

Tu conhécel-o, Leão?

LEÃO

Não.

REAL

Ha quem diga que tem seu engenho para armar uma trova.

SAINT-POL (*com ironia*)

Sómente, meu Real?

REAL

Famoso poeta! gósto d'elle! para mim tenho

que deve ser bonito como um urso, e conversavel como um selvagem.

LEÃO

El-Rei, segundo corre, anda com elle extasiado.

REAL

Quereis que vos ora conte a origem d'essa rica farça?

LEÃO

Conta; folgaremos de te ouvir, que estás hoje em maré de rosas; como sempre.

REAL

Antes de tudo: vós outros lestes *Os Lusiadas?*

LEÃO

Ler! eu não!

REAL

Pois folheei-os eu, não me lembra já onde... havia de ser... cuido que sim, na officina de um dos algibeteiros que me fazem roupas. Dei lá com o livro e corri-o, em quanto o official me tomava as medidas.

SAINT-POL (*para Leão*)

Se o coitado do poeta ouvisse isto!...

LEÃO

Que divertimento!

REAL

Porque haveis de saber que o madraço do meu poeta, traz enfeitiçadas com as suas rimas todas as mulheres e filhas dos nossos burguezes; não ha balaio de palmilhadeira em que não nas vejais abertas; é para rir, como se debulham em lagrimas com a morte de D. Ignez; e enfiam de medo, em acertando com o côco do Adamastor.

LEÃO

Que vem a ser isso?

REAL

Quem! o Adamastor? é o brutaz de um gigante, que tem não sei quantas varas de comprido, que todo se definha e arrepella por lhe não querer dar ouvidos certa ninfa, que não é mais alta que outra qualquer femea.

LEÃO

Arreda, bruto!

REAL

Em summa, é o livrinho mais pêco e mais parvo, que nunca heis visto; uma salsada de sagrado e profano, que diz o outro meu tio, confessor d'El-Rei, que só queimando-o, e mais a quem no fez. Ali se vê Baccho, de roquete de clerigo, a adorar o Espirito Santo; a deusa Venus, mui mana par a par com a Virgem Maria; e... que sei eu?... É a procissão do Corpus-Christi mettida em rima. Ahi tendes vós o que são *Os Lusiadas*.

SCENA XI

OS DITOS, CAMÕES E ANTONIO (*que vinham da varanda, e ao entrar d'ella para a sala se detêem; Camões traz sobraçado um rolo de manuscripto*)

CAMÕES

De mim fallam, Antonio!

LEÃO

Que esfola gatos! não te sabia tão lettrado! porque não requeres de teus tios, os senhores

Gonçalves da Camara, te nomeiem censor do Santo Officio, para a impressão dos livros?

REAL

Os Lusiadas! por vida minha, que muito mais sabor acho eu ao pranto da Maria Parda! essas sim; que são trovas muito para cantar em cabo de banquete, num dia d'entrudo, ou Paschoa, por essas hortas de Chellas, com quatro damas de minha arte! (*canta*)

«A minha alma encommendo
a Noé e a outrem não,
e o meu corpo enterrarão
onde esteem sempre bebendo.»

Ou isto, ou:

«As armas e os barões assignalados!»

SAINT-POL (*á parte*)

Ordem do mundo! nunca bom engenho, sem matilha de nescios que o atassalhem!

REAL

O beijinho porém do tal volume, são as estancias onde o autor faz d'El-Rei o elogio mais poetico, isto é, mais desconchavado que se nunca viu... D. Affonso de Noronha, que é, já o sabereis, unha com carne com o trovista, abriu, como sagaz que é, perante El-Rei o livro, naquelle proprio passo do elogio, e lh'o leu. El-Rei, d'embevecido com tamanha dita, mandou lhe levantassem o desterro, e se tornasse o seu poeta para a côrte... Vêl-a aqui toda a historia.

SAINT-POL (*encolhendo os hombros com tedio*)

Oh!...

REAL

Uma coisa vos quero em secreto annunciar: meu tio, o Escrivão da Puridade, deu-me a entender que El-Rei não ordenára ao Camões lhe viesse hoje apresentar o poema, senão para dar azo a certa folia, que ha-de ser muito para rir; rir já se sabe á custa do senhor Poeta, Soldado, e Cortezão.

SAINT-POL

Parece-me, Real, que já derramais por fóra das medidas!

SCENA XII

LEÃO, REAL, CAMÕES, ANTONIO *(no segundo plano)* E SAINT-POL.

CAMÕES *(para Real)*

Senhor, não vos conheço eu; mas conheceis vós a Luiz de Camões?

LEÃO *(á parte, reconhecendo o tabardo)*

É elle! o meu segundo tomo de Real, a julgál-o pela capa!...

REAL

Mau pesar veja eu do diabo! aquelle é o meu tabardo!

SAINT-POL *(em voz mui baixa e rapida para Real)*

Por Deus, que vos caleis! não se affronta assim um cavalleiro!

REAL *(rindo)*

Ah! ah! está-me dando no gôto!

CAMÕES *(á parte)*

Porque assim firo eu nos olhos a estas maripo-

sas de palacio! (*para Real*) Uma palavra, mancebo!

REAL

Folgára de saber o que entre nós póde haver de commum! (*á parte para Leão*) a não ser o meu tabardo!...

CAMÕES

Nenhuma coisa: eu sou Camões.

TODOS

Camões!

CAMÕES

Sim, Camões; e satisfação vos requeiro. Não já (entendei-me bem isto) pelas censuras com que heis honrado o meu livro; que os livros, todos os podem julgar; cada qual com o seu muito ou pouco entendimento; mas sim, por me haverdes feito aggravo em minha honra; para o que, nem a razão, nem a religião, nem o direito, nem a cortezia, vos davam licença, nem vôl-a darei eu.

REAL

Mas...

CAMÕES (*como quem vai para descalçar a luva*)

Não refuseis!

REAL (*em tom de escarneo e ironia*)

Não me atireis luva, por mercê! que mui velho estilo é esse de reptar; já não somos em dias d'El-Rei D. João II. Por cartel se faz isso agora.

CAMÕES

Aprazae sitio e hora.

REAL

Para esta noite... entendo que não póde ser; não devemos perder a representação do Auto.

Huum! que dizeis vós? e por tanto... ámanhã... no Olivedo de San-Roque... ás seis horas. *(Á parte, e baixinho)* Eu farei que ás cinco já o cisne esteja engaiolado no suterraneo d'alguma torre.

CAMÕES

No Olivedo de San-Roque; ás seis horas. Lá serei.

REAL (*caminhando para sair*)

Com Deus vos ficae, boa noite, senhor meu. *(á parte)* E o caso é que o meu tabardo lhe assenta que nem pintura; está mais guapo e bem posto, que o Apollo no chafariz do Terreiro do Paço.

SCENA XIII

LEÃO, REAL, SAINT-POL, D. AFFONSO DE NORONHA, CAMÕES, E ANTONIO.

(Leão, Real, e Saint-Pol vão-se dirigindo para a varanda; D. Affonso vem entrando da segunda porta da direita, e Saint-Pol o detem e lhe segreda o que quer que seja. Os dois primeiros saem para a varanda, onde ficam passeando; Saint-Pol os segue, D. Affonso vai logo apoz elle, e na mesma varanda se ficam ambos animadamente conversando)

CAMÕES (*para Antonio*)

Que me dizes á boa policia e cortezania d'estas nossas terras?

ANTONIO

Que não sei se mais são para lastima, se para asco.

SCENA XIV

CAMÕES, D. AFFONSO, ANTONIO (*em scena, em quanto Leão, Real, e Saint-Pol continuam o seu passeio na varanda*)

D. AFFONSO

Será possivel o que me ora ha dito o visconde de Saint-Pol! um repto para duello, meu Camões!

CAMÕES

A ponto vens.

D. AFFONSO

Porquê?

CAMÕES

Tu hontem enganaste-me, D. Affonso. Mal adivinhas o que esse engano me sortiu!...

D. AFFONSO

Sempre contei com poder-te fallar, antes que subisses estas escadas... mas, responde-me; que desafio é esse?

CAMÕES

Ah! que se o tiveras ouvido!...

D. AFFONSO

De sobejo sei a quanto monta o seu atrevimento... Que admira! Sangue é d'elles; e com os seus exemplos se criou!

CAMÕES

Por todos elles me pagará logo este. Ir-me-has de padrinho. (*Ouvem-se do lado esquerdo tocar charamelas, que se vem aproximando*)

UM SUMILHER *(corre o reposteiro da segunda porta do lado esquerdo)*

UM ARAUTO (*apparece a ella bradando*)

Chega El-Rei!

D. AFFONSO

Alegra-te, que é chegada a tua hora.

CAMÕES

Tenho que te engana o coração.

SCENA XV

OS MESMOS, *acostando-se á parede do lado direito;* LEÃO, REAL, E SAINT-POL, *que vem da varanda correndo, e se enfileiram á mesma parte*; ANTONIO *fica no vão d'uma das portas da varanda, onde permanece em pé todo o tempo; da segunda porta da esquerda vem saindo* CHARAMELEIROS, TROMBETEIROS, TIMBALEIROS, ARCHEIROS, ARAUTOS, PASSAVANTES, REIS D'ARMAS *de Portugal, Algarve, e India,* PORTEIROS DA MAÇA, PAGENS, *com tochas,* D. CATERINA D'ATAYDE, DAMAS, *seguidas da* RAINHA D. CATERINA, *e da* PRINCEZA D. MARIA, CAVALLEIROS, *a maior parte d'elles com suas cotas d'armas,* MARTIM GONÇALVES, O EMBAIXADOR DE CASTELLA, *e por derradeiro* EL-REI. EL-REI, *toma logo assento no espaldar do estrado; a* RAINHA *em almofadas á sua direita, ficando uma dama em pé ao seu lado; noutras almofadas á esquerda, a* PRINCEZA, *com outra dama tambem em pé; as restantes damas estão de pé ao longo da parede fronteira a* EL-REI, *ficando todas as mais personagens no fun-*

do da sala, e ainda muitos pela varanda; MARTIM GONÇALVES, *e o* EMBAIXADOR, *são os primeiros junto ao estrado, seguindo-se á* PRINCEZA; CAMÕES *e* D. AFFONSO, *ficam juntos, á boca da scena, ao lado direito.*

CAMÕES (*em baixa voz para D. Affonso, em quanto dura nos circunstantes um susurro de conversação sumido*)

Quem é aquelle que está á esquerda d'El-Rei?

D. AFFONSO (*em voz baixa para Camões*)

O Embaixador de Castella.

CAMÕES (*como acima*)

Se quizeres alguma coisa d'elle, na estalagem onde poiso o encontrarás esta noite; que para lá se aprazaram, elle e Martim Gonçalves.

D. AFFONSO (*como acima*)

Como o sabes?... (*á parte*) Ah Martim Gonçalves, Martim Gonçalves, attentae por vós!

EL-REI (*faz signal a um dos arautos, para que se assente a Corte*)

UM ARAUTO

Manda o Muito Alto, e Muito Poderoso Rei, Senhor Nosso, D. Sebastião, que Deus Guarde, que se assente a Côrte. (*Assentam-se todos, ficando D. Affonso de Noronha entre D. Caterina, que é a primeira das damas junto á boca do theatro, e Luiz de Camões, que é de todas as figuras d'esse lado a primeira, para os espectadores*)

EL-REI (*para a Côrte*)

Lembrae-vos, senhores cavalleiros, de que já não haveremos outra noite nesta nossa boa cida-

de; façamos pela passarmos a sabor. (*Para o Embaixador*) Oiço que o verdor da minha edade, senhor Embaixador, traz em sobresaltos a El-Rei, meu tio, D. Philippe II de Castella... assocegae-o vós, relatando-lhe o que estais vendo... além, aquella frota; (*apontando para o Tejo*) aqui, em derredor de mim, parte da flor de Portugal, com quem ámanhã desfiro vela: tudo barões de boa linhagem, e grande prol. Com pelejadores tão esforçados, não ha já hi senão vencer. Venha o Auto.

ARAUTO (*ao reposteiro da segunda porta da esquerda*)

Manda o Muito Alto, e Muito Poderoso Senhor Rei, D. Sebastião, Nosso Senhor, que saia a figura do prologo do Auto.

SCENA XVI

OS DITOS E UM ERMITÃO (*que sai da segunda porta da esquerda, e se vai collocar perante El-Rei*)

ERMITÃO

Da Serra de Cintra por Deus enviado
por estes Grã Paços entrei da Ribeira;
a ver-vos, Rei Alto, cabeça guerreira
do reino esforçado.
E pois vossa frota lustrosa e possante
já sofrega dizem que aguarda a partida,
primeiro que o ferro soberba levante,
aqui virá logo, Senhor, quem vos cante
qual sorte dos fados vos foi prevenida.
E porém primeiro com manhas mui feias

sairá um moiro, que raiva e que brama;
mas não hajais medos; o Auto se chama
das Boas Estreias. (*Vai-se por onde viera*)

SCENA XVII

(I DO AUTO)

OS MESMOS, E UM MOIRO.

MOIRO

Em Tetuão me foi dito,
que um Grã Rei da christandade
immigo do nosso rito
tinha exercito infinito
no porto d'esta cidade.
Parti logo em continente;
porque, se fosse que a armada
punha prôa em nossa gente,
eu a sumisse afundada
de repente.

SCENA XVIII

(II DO AUTO)

OS DITOS E FADA MARINHA (*que vem da varanda*)

FADA (*sem reparar no Moiro*)

Eu sou a Fada Marinha,
a amiga dos marinheiros,

e d'esta terra, que é minha;
e vim ora a ella asinha
com cuidados verdadeiros;
que em mal dos meus lusitanos
ouvi ser vindo um moiraz,
grande enliçador de enganos,
que co'os feitiços que traz
fará sessenta mil damnos,
se lhe praz.
Mas eu porém determino
de estar sempre de vigia
contra aquelle cão malino;
e veremos se o seu sino
contra o meu sino aporfia. (*Reparando no moiro, á parte*)
Elle cá é. — (*Alto*) Moiro mano,
quanto folgo de vos vêr
neste Jardim Lusitano!

MOIRO

Sereia do mar Oceano,
hajais vós mui grã prazer!

FADA

¿Como d'Africa viestes?
que vos não senti passar!

MOIRO

Vim em nuvem pelo ar,
que é carroça mui mais prestes
que não galés pelo mar.

FADA

Grã poder é logo o vosso!
e em que vos determinais?

MOIRO

Em um grã feito, se o posso;
juntemos o poder nosso,
que assim poderemos mais.

FADA

Contente sou: mandae ora,
e eu farei o que bem seja.

MOIRO

Fazei que saia em má hora
a armada, porque se veja
que sois vós a imperadora;
e antes que em Africa apórte,
vosso grã mar a consuma;
heis sofrido um jugo forte;
quebrae-o; e trofeos d'espuma
lhes arvorae sobre a morte;
e eu me obrigo, que do Atlante
até ás pedras do Egypto,
vosso esforço a tudo espante;
tudo, Senhora, vos cante,
e vos beije o nome escripto
em diamante.

FADA (*á parte*)

O perro cuida embaír-me;
veremos nós quem se engana.
(*Alto*) — Senhor, não quero eximir-me;
e pois vosso ajuste é firme,
hermano allarés la hermana.
¿E vós sabeis bom conjuro
de bem damnado empecer?

MOIRO

Não no ha hi mais seguro:

conjuro de gallo suro
morto depois de comer,
com rins de demoninhado,
e olhos de sapo saltão;
conjuro mui temperado,
o qual me fôra ensinado
nas Covas de Salamão.
Tudo é dentro nesta vara,
que em eu riscando com ella,
logo uma fonte seccára,
e uma estrella se apagára,
que nunca mais fôra estrella,
nem se achára.
E mas se o vós quereis vêr,
co'uma palavra que eu der
de San-João em latim,
logo vereis a correr
quem me dá esforço a mim
em tudo quanto hei mister.
—Ora sus!
Moradores infernaes,
demonios que arrenegais
da agua benta e mais da cruz,
vinde já;
e trazei cem mil agoiros,
com que vençam nossos moiros
toda esta gente de cá. (*Bate tres pancadas com a vara no chão*)

SCENA XX

(III DO AUTO)

OS DITOS E UM BANDO DE DEMONIOS

DEMONIOS (*cantam, dançando em derredor do Moiro*)

Que nos chamas
d'entre as chammas,
poderoso!
Que nos tiras
d'entre as piras,
aleivoso!
Ha hi mandas!
que demandas?
tens demandas!
que nos mandas?
feia é a terra!
feio é o mar!
feio é o ceo!
feio é o ar!
feia é a noite co'o luar!
feio é o dia co'o solar!
presto avia, ou nos envia;
nos afunda na mais funda
da profunda do raivar.

MOIRO (*batendo com a vara no chão, e fazendo parar a dança macabra*)

Calae, manos.
Quanto ora digo, fazei:
ide aos astros soberanos

ler os destinos d'El-Rei,
mais os dos seus Lusitanos:
se virdes que são piedosos,
apagál-os e arrancál-os
esses taes;
mas a serem rigorosos,
assoprál-os, inflammál-os
muito mais. (*Dizendo estas palavras descreve no ar com a vara um circulo por cima da cabeça; a Fada neste lance lhe arranca a vara da mão, ao que os Demonios desparam uma gargalhada infernal, sem que os rostos se lhes vejam rir*)

FADA

Verei ora a vossa vara
o poderio que encerra!

MOIRO (*em grande confusão*)

Quereis rir!
para nada vos prestára!
hontem a cortei na serra
sem mentir;
sem ella não dera passo:
que sou gastado dos annos,
inda mal!

FADA

Mas quero eu ver mais d'espaço
os seus feitiços e enganos,
e não al.

MOIRO

Mana, rosto de boninas,
manso abril de Alexandria,
meu amor,
Deus vos chova perlas finas,

como a vara é sem valia,
nem valor.

FADA

Porque logo instais por ella?
ou me enganais, ou mentistes;
á la fé
que a verdade hei-de eu sabel-a. (*Quebra a vara, e sai d'ella muito fogo e estrepito*)

MOIRO

O meu poder destruistes!
já meu imperio não é! (*Travam os Diabretes ao Moiro, uns pelas roupas, outros pelas mãos, outros pelas barbas; e o levam com grande vozeria pelas portas da varanda até desapparecerem com elle. A Fada os vai seguindo de longe, até desapparecer tambem*)

SCENA XXI

TODOS OS DA CORTE *como na scena XVI, e o* ERMITÃO (*que vem da segunda porta da esquerda collocar-se novamente diante do estrado real*)

ERMITÃO

Depois que mettêra no charco infernal
ao perro maldito co'as tramas que urdia,
a Fada Marinha, que sempre vigia,
desvelos redobra co'o seu Portugal;
pois seu lhe ha chamado
já lá desde os tempos de Fuas Roupinho,
até estes nossos, por ver alastrado
de palmas contínuas seu campo marinho.

O infante de Sagres á luz das estrellas
com ella tratava segredos profundos;
Pedr'Alvares, Gama, pediam-lhe mundos;
e mundos não vistos lhe viam as velas.
Em summa, que sempre de amor se morrêra
por estes seus Lusos, Tritões humanados;
té que alfim aos d'elles juntando seus fados,
a Manoel ditoso seu dote off'recêra,
e esposos se uniram com laços doirados.
Por isso procura trazer dos planetas
a Vós, seu grã Neto, destinos propicios,
com que se destruam dos feros cometas
os negros auspicios.

SCENA XXII

(IV DO AUTO)

OS PRECEDENTES *(menos o Ermitão, que sai por onde entrára)* E A FADA MARINHA *(que vem da varanda)*

FADA

Ó sino de Salamão,
que lançado foste ao mar
pela sua benta mão,
e que éu logrei apanhar
em noite de San-João;
pelo poder e condão,
que o Altissimo te deu,
traze aqui, que o mando eu,
lá da Eternal Região

os Serafins mais amantes,
mais sabios, e mais galantes,
de quantos moram no ceo.

SCENA XXIII

(V DO AUTO)

OS PRECEDENTES, E UM BANDO DE SERAFINS *(que vem correndo das portas da varanda coroados de flores alvas, e com harpas d'oiro nas mãos)*

CÔRO DE SERAFINS *(cantando e dançando)*
Dançares teçamos
com festas e riso;
que a terra onde estamos,
inda é Paraiso.

MAIORAL DOS SERAFINS *(declamando)*
Que desejas, boa Fada,
Grã Senhora, e Grã Princeza,
nossa irmã?

FADA
Que me fadeis bem fadada
esta armada portugueza,
tão louçã.

CÔRO DE SERAFINS (*cantando*)
Mui abençoada
suas velas solte!
rica e laureada
presto presto volte!
leve e traga as velas
cheias e redondas!

riso nas estrellas,
musica nas ondas!
sereias amigas,
ao ir e ao tornar,
lhe cantem cantigas
de summo folgar!
para lá esp'ranças,
para cá victorias!
e sempre bonanças,
bonanças e glorias!

FADA (*declamando*)

Agora que a nossa armada
já tem condão mui certeiro,
falta El-Rei.
Quero aqui o escudo e espada
do Grande Affonso Primeiro.
Sus! correi.

SCENA XXIV

(VI DO AUTO)

TODOS OS PRECEDENTES (*excepto dois Serafins, que saem correndo pela porta do fundo*)

FADA

Quero mais o capacete
do Imperador Carlos Quinto.
Sus! voae.

SCENA XXV

(VII DO AUTO)

TODOS (*menos dois Serafins, que egualmente saem correndo pela varanda*)

FADA

Tudo triunfos promette:
agora, perros, consinto,
brasfemae.
Serafins, manos, rosinhas,
oh empireas borboletas
eternaes,
ide-me vêr os planetas;
se dão sortes, como as minhas,
tão reaes!
se topardes co'o Deus Marte
por acaso em sua esfera,
lhe pedi,
por Venus e por Cithéra,
que pondo tudo al de parte
venha aqui.

SCENA XXVI

(VIII DO AUTO)

OS PRECEDENTES (*excepto dois Serafins, que pela varanda se abalam correndo, e os dois primeiros que se tinham ido, e agora volvem pela mesma parte*)

UM DOS DOIS SERAFINS (*declamando*)

Aqui vem a espada e escudo

d'aquelle alto Affonso Henriques,
que lá jaz.

OUTRO SERAFIM

E porque te certifiques
de quão bem cumprimos tudo,
ouvirás:
batemos ao seu Moimento...

1.º SERAFIM

E elle bradou acordando:
— «Quem é lá?» —

2.º SERAFIM

Dissemos-lhe o nosso intento;

1.º SERAFIM

Abriu, e disse folgando:
— «Aqui está.» —

2.º SERAFIM

E nos deu o que estás vendo,
com estas palavras suas,
como lei:
— «Parta meu Neto, que entendo
que logo das gentes cruas
será Rei.» —

SCENA XXVII

(IX DO AUTO)

OS DITOS E O SEGUNDO PAR DE SERAFINS (*que tinha saído*)

UM DOS SERAFINS (*recem-entrados*)

Capacete diamantino!

inda c'roado do loiro
imperial!

2.º SERAFIM (*recem chegado*)

Por condão, que ha do destino,
nem montante, nem pellouro
lhe faz mal.

FADA (*tomando das mãos dos Anjos a espada, o escudo, e o capacete, e indo-os pôr aos pés d'El-Rei*)

Grã Principe, e flor de Reis,
se de Monarchas immigos
ricas pareas recebeis,
mais ricas hoje as haveis
dos vossos, mortos, e antigos.

SCENA XXVIII

(X DO AUTO)

OS MESMOS, MARTE E OS ULTIMOS DOIS SERAFINS, (*que vem da varanda*)

MARTE (*para a Fada*)

Senhora do mar profundo,
c'rôa das Fadas Marinhas,
que ordenais?

FADA

Que ao Primeiro, sem segundo,
Sebastião, glorias minhas,
assistais.

MARTE (*para El-Rei*)

Quizera-vos eu prendar,
Alto Principe excellente,

com algum don singular;
porque não ficasse á gente
mais nada que desejar;
mas porém,
meu coração esforçado,
já Vossa Alteza o lá tem;
que ha muito que m'o ha tomado,
e em si o guarda mui bem. (*Vai-se por onde entrára*)

SCENA XXIX

(XI E ULTIMA DO AUTO)

TODOS OS PRECEDENTES, *(menos Marte)*

FADA (*para os Seraſins*)

Oh reaes Pagens da Tocha
da Santa Virgem Maria,
dizei-me: nos ceos que havia?

UM DOS ULTIMOS SERAFINS (*que entraram*)

Um sino que desabroxa,
com muito grande alegria.

FADA (*para a Rainha*)

Recebei-me, e dae-me emboras,
pelo que o sino adivinha,
oh poderosa Rainha. (*Todas as Damas applaudem com palmas, que são repetidas pelo restante da Côrte*)

FADA (*para a Princeza*)

Oh Alta D. Maria,
Princeza de tantos bens,
dae-me, e tomae parabens. (*Damas e Cavalleiros applaudem, como acima*)

FADA (*para as Damas em geral*)

Lirios, papoilas, boninas,
aljofradas diamantinas,
cheirosas, e preciosas;
ramilhete desatado
em cima do Regio Estrado,
como em ledo altar as rosas;
vós, donzellas, vós, sereias,
havêi-me boas estreias
no que a vosso Irmão ouvis; (*apontando para o ultimo Serafim que fallou*)
pois que os vossos servidores,
têm de volver vencedores
d'esta jornada feliz. (*Applaude El-Rei primeiro, e logo todos os Cavalleiros*)

FADA (*para os Serafins*)

E pois não ha que mais queira,
cantae nessas harpas d'oiro,
que tanto bem seja eterno;
cantae-o, e por tal maneira,
que façais raivar co'o moiro
todos os coros do inferno.

(*O Côro dos Serafins canta acompanhado de suavissima toada de harpas e flautas invisiveis, e o dos Diabos lhe responde subterraneamente, acompanhado de trompas, bosinas e timbales*).

UMA VOZ DE SERAFIM (*cantando*)

Para os ceos partamos;
em volvendo a armada,
com palmas e ramos
faremos tornada.

OUTRA VOZ DE SERAFIM (*cantando*)

Faremos tornada
com palmas e ramos,
em volvendo a armada,
que nós vigiamos.

CÔRO DE SERAFINS

Anjos, não esquiva
benção lhe trazei.
Viva, viva, viva,
viva, viva El-Rei!

CÔRO INFERNAL

Em hora de prantos,
em hora mingoada,
em hora d'espantos
se parta essa armada
e cresça indomada
dos moiros a grei!

CÔRO DE SERAFINS

Anjos, não esquiva
benção lhe trazei.
Viva, viva, viva,
viva, viva El-Rei!

AS DAMAS DO SARAU (*cantando*)

Anjos, não esquiva
benção lhe trazei.

TODOS OS CAVALLEIROS (*cantando*)

Viva, viva, viva,
viva, viva El-Rei!

SERAFINS, DAMAS E CAVALLEIROS (*cantando reforçado cheissimo com acompanhamento de todo o instrumental*)

Anjos, com fé viva
benção lhe trazei.

Viva, viva, viva,
viva, viva El-Rei!

(*Os Serafins depõem cada um a sua corôa no estrado aos pés d'El-Rei, e saem todas as figuras do Auto*)

SCENA XXX

TODOS OS PRECEDENTES (*menos as figuras do Auto*)

EL-REI (*reparando em Camões*)

Em boa hora venhais, Cavalleiro Luiz de Camões!

CAMÕES (*acercando-se d'El-Rei*)

Mui Alto e Poderoso Rei; obediente aos desejos de Vossa Alteza, aqui venho pôr ás Reaes plantas o meu pobre volume, e beijar a mão Augusta que se estendeu sobre o poeta desvalido; só para gloria do meu Portugal, e de Vossa Alteza, o havia escripto; Vossa Alteza no acceital-o imprimiu nelle uma gloria nova, que é a minha.

EL-REI

Folgamos de o receber d'essas mãos, que tão gentis coisas hão obrado.

CAMÕES

Real Senhor, a mercê que me fazeis...

EL-REI

Empenhados nos confessamos ainda, eu, e a patria, para comvosco. Requerei afoitamente.

CAMÕES

Senhor: já que Vossa Alteza deseja animar-me para exemplo a futuros escriptores, permitta-me

colher eu mesmo ás suas plantas as minhas corôas. *(El-Rei annue com sorriso gracioso; Camões toma do estrado quatro corôas das que ahi deixaram os Serafins)* Agora, pois me é concedido o requerer afoitamente, requeiro que Vossa Alteza me permitta offerecel-as ás mui gentis Damas de sua Côrte, cujas são as rimas e solfas do *Auto das Boas Estreias*, com que hoje vimos aqui resuscitados aquelles saraus famosos dos Senhores Reis D. João III, e D. Manoel, que Santa Gloria hajam.

EL-REI

Aproximae-vos: Luiza Sigêa, Publia Hortensia de Castro, Joanna Vaz, Angela Sigêa. *(Todas quatro, levantando-se dos seus logares, se chegam modestamente ao estrado e ajoelham. Camões põe uma corôa em cada uma)*

CAMÕES

Acceitae, senhoras, por minha mão, e á conta do que a posteridade tem de pagar aos vossos nomes, capellas de anjos, com que vos brinda o mais poetico Rei da Christandade. *(As quatro beijam a mão a El-Rei, e voltam para os seus logares)*

EL-REI *(para Camões)*

Muito bem! outr'ora eram as Damas as que premiavam aos vencedores; hoje, que as vencedoras são ellas, era mister para as galardoar, um triunfador: tivemos um Camões. Mas o enlevo de vos admirarmos, quando, superior a invejas, applaudis franco os talentos alheios, não é bem que nos faça esquecer dos nossos deveres. *(Voltando-se para os Cortezãos)* Aconselhae-me vós outros, senhores: que premio póde haver condigno a

tamanho serviço, como este poema dos Lusiadas?

MARTIM GONÇALVES (*para El-Rei*)

Bem sabe Vossa Magestade que toda a Real Fazenda é pouca para os gastos da presente jornada...

D. CATERINA (*á parte*)

Ah!

D. AFFONSO (*á parte*)

Oh! vil! (*Antonio, que é um dos que tinham ficado á porta da varanda em pé, faz um movimento colerico para se arremeçar a Martim e reprime-se*)

UM GENTIL-HOMEM (*ironicamente*)

Donosa conjunctura para mercês!!...

OUTRO

Uma tença...

OUTRO

Cincoenta cruzados...

REAL

Alvará para que possa imprimir e vender as suas trovas... (*El-Rei assomado bate fortemente com a mão no braço da cadeira; a Rainha e a Princeza, fazendo ambas com a mão signal para que ninguem se levante, se retiram, acompanhadas cada uma com a respectiva Dama: a Princeza pela segunda porta da esquerda; a Rainha pela primeira do mesmo lado*)

EL-REI

Silencio! Que ousadia, senhores cavalleiros! perante mim, e perante o Homero de Portugal!...

CAMÕES (*avisinhando-se a Martim Gonçalves, e forcejando por conter a indignação, que aliás se lhe adivinha pelo olhar, pelo convulso, e pelo aper-*

tar a mão esquerda fechada, com as unhas da direita)

Senhor Martim!... Viestes para me montear! já ahi me andam os vossos mastins desaçaimados!... Cincoenta cruzados! Cincoenta cruzados pelos Lusiadas!... Ponhamol-os antes em almoeda!... já póde ser que algum moço das reaes estrebarias dos Estaos lançará mais!... Eu mesmo serei o pregoeiro!... (*Caindo em si, e voltando-se para El-Rei)* Perdão, Senhor Rei!...

EL-REI (*com autoridade*)

Avante, meu poeta; continuae! Ordeno-vol-o eu!

D. CATERINA *(á parte)*

D'alma e coração te beijara os pés, senhor Rei!

CAMÕES

Vileza e felonia é esta para rebentarem lagrimas de despeito! dezasete annos vaguei de desterro em desterro; sem acabar, porque tinha uma esperança; sem enlouquecer, porque trazia aqui (*apontando para a testa*) accezo um claro e sublime pensamento; sem cair, porque me arrimava em bordão seguro: este pensamento, esta esperança, este bordão unico, era o meu poema!... O meu companheiro nos carceres, o meu thesoiro nos naufragios, a minha alegria e consôlo nos trabalhos; e este poema, esta melhor metade de minha alma ou minha alma toda! os meus Lusiadas, ó portuguezes, labios que portuguez fallam, m'os põem hoje em almoeda!! Cincoenta cruzados? zombando estais!... não se entrega o ramo por tão pouco: venha ao menos um lanço, que pague o jornal do obreiro: *(Pregoando)* Cin-

coenta cruzados ! !... Quem mais dá pelos Lusiadas de Luiz de Camões ?! (*mudando de tom, e dirigindo-se successivamente a diversos aulicos*) Com duas ou tres arvores seccas das vossas mattas de Cintra, que mandeis vender para carvão, fazeis vós cincoenta cruzados !... (*voltando-se para outro*) Cincoenta cruzados vos dará qualquer alfaia velha, já aposentada nos desvãos da vossa rica poisada !... (*a outro*) Cincoenta cruzados ganhais vós ahi num só lanço da Pella ou de Tintinini ! (*a outro*) Cincoenta cruzados, qualquer adelo vol-os contará pela boa espada de vossos maiores, de que já vos não servis !... (*para Real*) Cincoenta cruzados valem só por si os vossos commentarios aos Lusiadas !... Vós, por cincoenta cruzados... Mas, venhamos a melhor concerto; de tão boa avença me colheis, que vol-os dou de graça... acceitae-os, e dae-me uma esmola de dois ceitis ! !... (*erguendo a cabeça e a voz com dignidade*) Mas quem vos havia dito que o meu livro era para vender ? O amor vende-se ? a gloria vende-se ? a alma vende-se? a qual de vós pedi eu oiro ?... quando me vistes estender-vos a mão, ou bater-vos á porta ?... Mercar o meu livro ! ! nenhum de vós tem de seu com que m'o pagar !... De quantos aqui somos, o unico rico e opulento, unico que póde, e costuma dar thesoiros, o unico que ha-de deixar a todo o mundo uma grande herança, sou eu... eu, senhores, Luiz de Camões ! ! !... Deveis sorrir, pois não conheceis o homem que vos falla ! e d'onde o conhecerieis vós ? ! Nas guerras d'Africa e Asia, não vos vi ; nos mundos do estudo e do pensamento,

nunca nos encontrámos: vós, viveis na gloria do que outros fizeram; e eu, na que eu mesmo criei para o meu Rei, para a minha patria, para a minha religião, e para mim. Se algum se dá por aggravado, dura razão lhe darei das minhas palavras, em m'a pedindo. Cincoenta cruzados!!! Senhor Embaixador de Castella, senhor Embaixador de França, senhores Embaixadores de todos os estados da Europa, ouvistes o valor dos Lusiadas no conceito de fidalgos portuguezes? ouvi-me agora a mim, que sei quanto amor de patria hei depositado no meu livro: em todas as vossas linguas hão-de ser os Lusiadas lidos e relidos, quando de todos estes arrematadores de monumentos nem os nomes já lembrarem. Vamos, Antonio. Tu, sim, que me comprehendes; tu, sim, que has-de sobreviver a estas sombras. (*Sai com Antonio pela segunda porta da direita: fica em todos os circunstantes um susurro, durante o qual, D. Caterina, que tinha seguido com o maior enlevo a falla de Camões, vai allucinadamente para se levantar e seguil-o*)

D. AFFONSO (*detendo-a e em voz baixa*)

Attentae que vos observam.

D. CATERINA (*mui turvada e tambem em voz baixa*)

A mim!... mas que disse eu? que fiz eu?...

EL-REI (*que tem estado como absorto, fica ainda por um breve espaço cabisbaixo, e depois ergue a fronte, e encara severo com aquelles de quem sairam os motejos*)

Outra pagina de vergonhas para a historia d'estes reinos!... (*levanta-se, todos o imitam*) O que ora haveis feito, é execrando, senhores, que vol-o di-

go eu!... Quiz, por vos fazer Real Mercê, congregar-vos aqui, para um Auto solemne de desagravo e remuneração: numa palavra, de justiça; nobre era o encargo!... Como o cumpristes vós? .. Ao poeta, a quem eu honro, affrontail-o de mendigo! Não sei se mais admire o arrojo, se a indignidade, se a insensatez! Quando outr'ora se decretavam triunfos, corria o heroe em carroça coroada as vias publicas por entre applausos até ao Capitolio; mas ao lado da carroça ia um vil escravo a vomitar-lhe injurias; acclamando-o, podieis imitar o povo heroico de Roma; podieis e devieil-o! quizestes antes imitar o escravo!!... A origem de tal escandalo, não a escrutarei, que vos affogára quiçá em ignominia!... (*para todos os cortezãos*) Ide, senhores cavalleiros; mantenha-vos Deus em Sua Santa Guarda! Ao romper d'alva, na praia do Rastello, onde antes de nos embarcarmos iremos encommendar o bom succedimento da jornada a Nossa Senhora da Victoria. Medo tenho do ruim agoiro, com que esta noite aqui a inveja nos estreou a nossa facção d'Africa! A coróa de um Monarcha de espiritos... foi apedrejada! (*Depois de uma pausa longa e solemne*) Aos pés do altar, em Rastello, ao romper d'alva. (*Ao som de charamelas vai saindo El-Rei e a real comitiva pela segunda porta da esquerda; o restante dos Cavalleiros, uns pela varanda, outros pela segunda porta da direita)*

D. CATERINA (*á parte*)

Cumpriu El-Rei com o que devia; agora... eu!

FIM DO ACTO II

ACTO III

Aposento de Camões na estalagem de Diogo. No topo, janella de rotula para o caes; á esquerda, a porta que diz para o casarão da entrada, onde passou o primeiro acto. A direita, a porta da escuta para o subterraneo, tapada com uma cortina. No canto do mesmo lado, uma alcova volante de biombos acharoados; pela porta d'esta alcova, se enxerga lá dentro uma camilha pobre. A unica mobilia do aposento, são dois escabellos, uma mesa ordinaria, com tinteiro e papel, e dois ou tres livros velhos de folio pequeno, encadernados em pergaminho. E noite. Na parede, por cima da banca, está pendurada uma lanterna entre um crucifixo pequeno de marfim, e a espada e escudo de Camões: o escudo, tem por divisa uma Fenix entre chammas; e no exergo, por mote, ARDO E VIVO.

SCENA I

CAMÕES, (*assentado*) DIOGO, ANTONIO.

DIOGO (*á parte para Antonio*)

Elle que tem?

ANTONIO

St!... não está bom.

CAMÕES (*erguendo-se arrebatadamente*)

Hei resolvido. Nem mais um dia, nem uma hora nesta inimiga terra! Outra vez a caminho, peregrino! Se tem espinhos o desterro, mais e peiores os tem para ti a patria! E eu a cuidar que repoisaria alfim! indignos!... farão que me vá morrer desesperado em regiões estranhas!... Quem me deparara agora a subitas algum trabalho excessivo e arriscado... um incendio com que lutasse!... uma pendencia mal ferida... um naufragio, ou um terremoto!... que sei eu?! tudo que me livrasse de estar ouvindo a tempestade que me vai cá dentro!

DIOGO

Malaventurado!

ANTONIO (*baixo para Diogo*)

Deixae-nos a sós.

CAMÕES

Falta-me o ar... Abre-me essa gelosia, Antonio... (*Attentando em Diogo*) Que haveis para me dizer, Diogo? (*Antonio vai abrir a janella*)

DIOGO

Eu, senhor cavalleiro, vinha...

CAMÕES

Vinheis... a que?

DIOGO

Vinha...

CAMÕES

Aviae-vos; vinheis pedir-me o que vos devo do aluguer: razão tendes; em vagabundos não ha muito que fiar!

DIOGO

De tal me defenda Deus, senhor cavalleiro!... quanto mais... que ainda hontem chegastes; que é o que me deveis?... coisa nenhuma: por mui pago me dou eu, de dar poisada a tamanho hospede! com honraria tal, nunca a minha estalagem esperara de se estrear! como vos ora recolhestes, lembrou-me vir dar uma vista d'olhos ao aposento, que vos não mingoasse cá alguma coisa.

CAMÕES *(em tom de arrependido, e com affecto)*

Ah! perdoae-me; cuidava...

DIOGO

Pelo que vejo, haveis coisa que vos magôa... *(Vai para sair)* Já sabeis; se houverdes mister de mim, é bater naquella porta, ou bradar por Diogo, que logo serei comvosco.

CAMÕES

Fica, fica, amigo; comtigo não hei eu que dissimular: saberás pois, que assaz, e de sobra, tenho por que me dôa, e desespere; não é verdade, Antonio? Mas que montam desprezos de ruins, onde estão branduras e affagos de bons, como estes, que vol-os descontam?

DIOGO

Desprezos!... Dar-se-ha que vos não fizessem lá o gasalhado que deviam? Sempre vos digo, com licença vossa, que a uns certos respeitos, que eu sei, mais valemos cá nós outros, os da arraia miuda, que toda a fidalgaria de Palacio: aqui mesmo (podeil-o crer, que vol-o digo eu) quando ás vezes ahi vinha ás noites um amigo, que se

nos punha a ler aquellas vossas rimas que ali tenho (bom livro !... bom livro !...) não era só eu e minha companheira que choravamos; eram quantos as ouviam... e havei-me por sem duvida, que para vos pagar o gosto de taes lagrimas, nenhum d'elles deixaria de dar o sangue das veias, se para vosso remedio lh'o pedissem.

CAMÕES

E é assim: semeou Deus na alma do povo um instincto do bem, tão seu, e uns tão altos espiritos incultos, que ás vezes o egualam com as maiores altezas d'esse mundo, quando as não excedem! Ao povo, ao povo só, se haviam de dirigir os bons engenhos, que não aos poderosos da terra; a seses, qualquer valor ou fama que se alevante, logo lhes põe medo !... Em se erguendo do pó quem os possa insombrar e encobrir com glorias proprias e verdadeiras, repulsam-no elles, agitam-no, flagelam-no, derrubam-no, esmagam-no: depois de morto... depois de morto... deificam-no. Oh! ditoso de quem morreu ! !... é a sorte que eu mais invejo !... os unicos que vivem e triunfam, são os mortos. (*Ouve-se na rua uma viola, que vem de muito longe avisinhando-se. Camões continuando*) Escutemos !... (*depois de largo espaço e embevecido na musica)* Poesia da noite!

DIOGO

É vespera hoje de San-João: algum descante...

CAMÕES

Ha quantos annos não oiço isto! (*pausa)* Noite de San-João na minha terra! Mais saborosas tris-

tezas tem uma só hora d'esta noite, que tudo quanto hei devaneado! Esta poesia não se escreve; vive-se! Quantos cruzados dariam por ella os cortezãos? (*para Diogo*) E vós, não fizestes fogueira?

DIOGO

Moiro que eu fosse a houvera accendido; estralava e reluzia, que nem uma Troya! Queimaram-se hervas de amores; bailaram os cachopos e moças da visinhança... antes vos quizera no meu quintal, que nos Paços da Ribeira.

CAMÕES

Certo!... (*ao passar a viola por baixo da janella, vai uma voz cantando o seguinte:*)

Mas venido es un tal dia,
que llaman señor san-Juan,
cuando los que están contentos
con placer com an su pan,
cuando á los desconsolados
mayores dolores dan:

CAMÕES

Conheço! conheço! donosa trova do Cancioneiro de Romances! decorei-a, que sempre me pareceu feita por mim e para mim, que assim é saudosa e magoada! (*Recita*)

Decidme vos, pensamiento,
¿dónde mis males están?
¿qué alegrias eran estas,
que tan grandes voces dan?
si libran algun cautivo,
o lo sacan de su afan,
o si viene algun remedio,

donde mis suspiros van?
No libran ningun cautivo,
ni lo sacan de su afan,
ni viene ningun remedio,
dónde tus suspiros van:
mas venido es un tal dia,
que llaman señor san-Juan,
cuando los que están contentos
con placer coman su pan,
cuando á los desconsolados
mayores dolores dan:
no digo por ti, cuitado,
que por muerto te tendrán
los que supieren tu vida,
y agora no te verán:
los unos te habrán envidia,
los otros te llorarán:
los que la causa supieren
tu firmeza loarán,
viendo menor tu pecado
que el castigo que te dan.

DIOGO

Até ámanhã, Senhor meu; com Deus vos ficae! e fazei por dormir; que «apoz dias dias vem,» e «uma hora melhor d'outra» diz o adagio.

CAMÕES

Oh! não ha-de ser esta noite que eu cerre olhos, meu Diogo! *(Vai-se Diogo pela porta da esquerda).*

SCENA II

CAMÕES, ANTONIO.

ANTONIO

Recolhei-vos porém á cama, e experimentae.

CAMÕES

Escusado... tenho a cabeça perdida... e tambem...

ANTONIO

Pois não quereis dormir, dizei-me: em que heis assentado por derradeiro?

CAMÕES

Saio de Lisboa; desamparo-a; fujo-a.

ANTONIO

Mas, saindo de Lisboa, onde quereis que nos vamos?...

CAMÕES

Eu não disse *nos*...

ANTONIO

Não entendo!...

CAMÕES

Vou-me eu só.

ANTONIO

Deixar-me-heis!

CAMÕES

Devo-o.

ANTONIO

Cada vez vos entendo menos! e sem vós, que ha-de ser de mim?... não póde ser, meu senhor! não é possivel...

CAMÕES

Lembra-te de Heitor da Silveira; lembra-te de quantos amigos me has conhecido, e que já não vivem... Hoje, até já creio nisto: o amar-me em extremo, dá morte; quando menos, dará infortunio grande. Infelizes ha, que são como apestados; e devo ser eu um d'esses.

ANTONIO

Embora... quero vêr... por isso mesmo... heivos de seguir, mas que o não queirais.

CAMÕES

Não estás ainda farto de penuria?

ANTONIO

Sêde e fome que importam, se estou comvosco?

CAMÕES

Crê no que te digo; faze o que te rogo: fica-te, e deixa-me abalar sósinho.

ANTONIO

Não ateimeis em me experimentar: sou vosso, é verdade; mas tambem vós, meu senhor, sois meu; eu, por escravo; e vós, por amigo.

CAMÕES

Admiravel feitura da Divina Bondade! Homem, com a raça humana me reconcilias. (*abraçam-se*)

ANTONIO

Agora que dispondes?

CAMÕES

Ir-nos-hemos com El-Rei.

ANTONIO

Outorgar-vol-o-ha elle?

CAMÕES

Que remedio haverá senão outorgar-m'o. Animo para me ficar em Lisboa, depois do que é passado, confesso que o não tenho! Pessoas ha hi, cuja só vista me abrasaria! fôra um lutar commigo proprio de contínuo; em vez que na guerra, com o remoinho dos successos, com o fervor das refregas, com o marulho e resaca dos perigos, com as alegrias e os cuidados das victorias, muito outro affecto se esfria, muita memoria se apaga, ou amortece. Já agora, aquella, (*apontando para a espada*) quero acabar de a gastar. (*Põe-se a reparar attento no escudo*) Vêl-o, Antonio! o escudo, com que salvei a vida de meu pae... (bom soldado tambem!) ao pé de Ceuta... quando lá deixei este olho... Era ainda em branco, como de donzel, quando para lá fui, e lá grangeei com que se adornasse da divisa que traz; terra é logo para mim de boa estreia, aquella d'Africa: da primeira vez me honrou; d'esta porventura me acabará, que será maior mercê. (*com um sorriso triste*) ARDO E VIVO! dizes ahi tu, minha Fenix: vamos a ver se algum caritativo pellouro de Berbería nos quebra alfim a ambos tão ruim fadario. Póde ser; mas em Lisboa, sei eu de certo que não resistiria nem um mez. Approvas, Antonio, o meu projecto de acompanhar El-Rei?

ANTONIO

Senhor... sim.

CAMÕES

Que horas são?

ANTONIO

Deram as onze ao entrarmos na poisada.

CAMÕES

Só?!... Noite é esta que não acabará nunca! não sei com que enganar o tempo! (*passeia a passo largo*) Pois hei-de ficar a debater-me commigo entre estas quatro paredes! faze tudo prestes para a partida *(sorrindo)* não gastarás muitas horas... Ah! em bem me lembra... ámanhã... é o meu duello com Real! o parente de Martim Gonçalves!... Não ser antes com o proprio Martim Gonçalves!... Oh!... Caterina! por mais que faça, não a destérro do coração; qualquer coisa m'a recorda... se a tornarei jámais a vêr!...

SCENA III

D. AFFONSO (*que entra*) CAMÕES, ANTONIO (*no segundo plano*)

CAMÕES

D. Affonso!... Oh! bemvindo.

D. AFFONSO

Muito ha que eu devêra ser cá, não é assim?

CAMÕES

Bem sabia eu, me não faltarias.

D. AFFONSO

Em transes estava... vejo-te porém sereno (mercê do ceo) e respiro...

CAMÕES (*em meia voz*)

Sereno eu!...

D. AFFONSO

Por minha fé, que não hei desperdiçado o tem-

po! andei trabalhando para ti... ou para mim... direi melhor, para ambos nós, que meus são egualmente os teus negocios.

CAMÕES

Que has feito?

D. AFFONSO

Logo o saberás. *(para Antonio)* Antonio?

ANTONIO *(aproximando-se)* (1)

Senhor meu!

D. AFFONSO

Não vi a Diogo quando entrei... mas não deve andar longe: vai-te para a sala d'entrada esperal-o; e como chegar, trazêl-o aqui. (*sai Antonio pela porta da esquerda*)

SCENA IV

D. AFFONSO, CAMÕES.

D. AFFONSO

Antes de uma hora haveremos aqui El-Rei.

CAMÕES

El-Rei!

D. AFFONSO

Já elle cá seria, se não fôra o Cardeal, que o tem dilatado. Quiz vir adiante para t'o annunciar, e dar ao estalajadeiro certas ordens, afim de me não desvairarem depois a attenção... Deixa correr mais uma hora... estás para vêr estranhas coisas. (*corre a casa por uma e outra banda, como quem examina o que quer que seja*)

(1) Antonio, D. Affonso, Camões.

CAMÕES

Cuido estar vendo a Philippe Persio quando andar medindo em Africa terreno para a nossa hoste; em vez d'elle, podia El-Rei levar-te para seu Divisador do Campo.

D. AFFONSO

E assim é, que ando eu a aparelhar terreno para uma grande batalha.

CAMÕES

Com bom apparato de arcanos principia o Auto!... discorres no aposento, como que houveras um grã thesoiro nelle enterrado.

D. AFFONSO (*com tom significativo*)

E quem sabe se o não haverei!

CAMÕES

E nesse Auto, que me tocará a mim? serei tambem figura? ou só espectador?...

D. AFFONSO

Espectador e figura. Não desejas tu vingança?

CAMÕES

Eu?...não...

D. AFFONSO

Quanto não folguei, e me ensoberbeci de te ouvir no Paço!... digo-te que estavas em hora fadada de inspiração! relampagueava-te o olhar, percebia-se-te lá por cima na alma o trovejar soturno da colera! fulminastel-os a esses mesquinhos, relé cainha de cortezãos bastardos!

CAMÕES (*com ironia*)

Sim, motejei e rugi.

D. AFFONSO

Não zombes... padeceste muito... e padeces!...

Fóra soberbas vãs! as tuas feridas d'alma, recata-as de todos! mas a mim, ao teu amigo, ao teu Affonso, descobre-as sem vergonha... que bem sei quão profundas são, e como sangram.

CAMÕES

Sim, sim, Affonso meu, por demais é o agitar-me; as frechas empeçonhadas que me elles cravaram no coração, não as desferro por mais que as sacuda. E perante El-Rei!... ver-me constrangido pelo respeito a encolher as garras de leão, que os houveram feito pedaços!... querer, e poder, e não ousar esbofeteal-os nem com a palavra!... insensatos!... sabem elles sequer a quanto se expozeram provocando-me! não sabem que eu podia fazer-lhes peior que arrancar-lhes as ociosas vidas? podia condemnal-os a viver: amarral-os ao peloirinho da posteridade, com grilhões, como os de Ticio, que ninguem, nem todos os Reis, nem todos os seculos os desataram! Insensatos!... semearem a injuria em alma que tem o segredo do porvir! Insensatos, e infames, que se conspiraram para affrontar num só lanço a tres Magestades, todas egualmente ungidas pela mão de Deus: o Engenho, o Infortunio, e a Realeza! por ella sobre tudo, mais que por mim mesmo, te confesso, me doí, e me indignei. Dos labios me estiveram por instantes rebentando aquellas palavras do meu poema;

.....Entre os Portuguezes
tambem traidores houve algumas vezes.

D. AFFONSO

Pois sabe que tudo isso, esses teus impulsos de

lealdade portugueza, esses teus brios de cavalleiro, essa tua luta de ti comtigo mesmo para te reprimires, para não ajuntares ás irreverencias, uma irreverencia nova; tudo, tudo te leu na alma aquelle grande Principe; e foi-te grato, bem no viste, esforçou-te. Coração porém que nesse prazo mais pulsasse em teu favor do que este...nenhum. Porque El-Rei só via em ti um offendido, e eu...dois: o poeta, e o amante.

CAMÕES

Cala! cala!

D. AFFONSO

E tenho eu, que mais padecia ali o amante que o poeta; mais a fenix que a aguia; porque a aguia, se não os esmagava com um açoite d'aza, era só por não querer. Mas o coitado do coração!... na presença do objecto idolatrado!...

CAMÕES

Reparaste nella tu? que disse?... que fez?... que mostrava no semblante?... córou?... entristeceu-se?... Por Deus que m'o digas!...

D. AFFONSO

Camões, Camões! não me havias confessado a tua dita!...

CAMÕES

Uma dita!... eu!... e qual?

D. AFFONSO

O seres d'ella amado com extremo! Ella propria o revelou sem querer: a turvação... as lagrimas a cair-lhe...

CAMÕES

Basta!... não me abales a determinação!... Ah! Martim Gonçalves! Martim!...

D. AFFONSO

Inda uma vez o tens de vêr...

CAMÕES

Onde vêl-o?

D. AFFONSO

Escuta... não quero por mais tempo dissimular comtigo. A El-Rei havia promettido calar-me; hoje porém toca-te haveres tambem quinhão em nosso segredo...

CAMÕES (*rapidamente*)

Cuido que o vou adivinhar ... agora recordo e combino tudo ... o Embaixador de Castella, e Martim Gonçalves, a raposa, e a minha cobra de capello, ajuntam-se a occultas neste covil! eram elles os que tu hontem desejavas tomar, como dizem, com o furto nas mãos. Vai ahi colluio de traidores! conspiram contra El-Rei, e o Reino! Jesu Maria! Martim revel e descoberto! estrella da minha ventura que te has sumido no occaso! poder-me-hias tu ainda ascender ao ceo!

SCENA V

DIOGO, D. AFFONSO, CAMÕES E ANTONIO.

D. AFFONSO

Por onde andavas? ouve; eu vou sair; dentro em meia hora voltarei. Os individuos que sabes, hão-de ser aqui á meia noite; tanto que entrem, virás dar-nos aviso.

DIOGO

Senhor sim; far-se-ha.

D. AFFONSO

Cautella que te não suspeitem!

DIOGO

Nas covas de Salamanca deveriam elles ter cursado com o proprio diabo, se a mim me suspeitassem: ide-me ora descançado quanto a isso.

D. AFFONSO

Vai sempre outra vez certificar-te se o almario falso, que encobre esta porta (*aponta para a porta da direita*) pela banda de traz, ao cima da escadinha escusa do suterraneo, está ainda como o deixámos; se se não conhece por fingido. Se o descobrissem, mallogrado era tudo.

DIOGO

Mais alguma coisa?

D. AFFONSO

Nada mais.

DIOGO

Tudo se fará, como Sua Mercê determina; mas, antes que me parta, duas palavrinhas quizera eu dizer-vos.

D. AFFONSO

Dize-as logo.

DIOGO

Veiu hoje ahi uma figura que dava ares de mercador: pediu-me uma botelha do melhor vinho donzel que na venda houvesse, e me rogou me assentasse com elle para o bebermos. «Braguez com braguez, e cortez com cortez,» diz o adagio; acceitei, e puzemo-nos a beberricar; entrou-me a fazer, como por demais, algumas perguntas de nonáda, que, se tinham alvo, não era eu besteiro que lh'o enxergasse...

D. AFFONSO

Nem o sou eu tambem, que enxergue o alvo de tal conto: abrevia, que não hei tempo para perder!

DIOGO

«Pois hontem (*arremedando a voz de Manuel*) ao «cerrar da noite—é elle quem falla—encontrei-«me ahi com um cavalleiro, conhecido meu, «chamado Camões; annos havia que nos topa-«ramos em Goa... quando é que elle desembar-«cou? cuido, que na vossa estalagem está poi-«sando.»

D. AFFONSO (*que tem estado distraido e se volta de repente a escutar com a maior attenção*)

Ah!

DIOGO

«Para raposo, raposa e meia,» dizia o outro; «tate, senhor Diogo!» disse eu entre mim; cerrei-me á banda, e nem palavra. Como viu que não saia coelho da moita, metteu-lhe o furão por outra parte, dizendo: «Não vos aconselhára eu «a que lhe fiasseis do vosso; salvo, se haveis al-«bergaria para a dar a peregrinos pelo amor de «Deus.»

CAMÕES

Que respondeste?

DIOGO

«Mentira não paga siza» e «uma mentira acar-reta outra...» á cautella, fui-o enganando; por-que a final de contas... Vossa Mercê... tem seus malquerentes; e poderia aquillo ser espia d'elles: que «mulher errada, e ladrão, nas obras se co-

nhece, e na cara não». «Pois, meu amigo, esse tal «senhor Camões.... não sei quem possa ser!... — lhe «tornei eu mui descançado — esse que vistes en- «trar na estalagem, segundo dizeis, pediu ahi uma 9vez de vinho, bebeu, pagou, e vistel-o: «matalo- «tagem a bordo, caravela ao mar».

D. AFFONSO (1)

Houveste-te, como quem és, Diogo honrado: (*para Camões*) era, sem falta, espia de Martim Conçalves. Não importa, espero que hão-de vir... Demo-nos pressa, vou-me ao encontro d'El-Rei... Fica-te; até logo, Luiz. (*vai-se pela porta da esquerda*)

DIOGO (*a Camões, indo já para sair*)

Pelo que vejo, andei sisudo!

CAMÕES

Salvaste-me. (*Vai-se Diogo pela porta da esquerda*)

SCENA VI

CAMÕES, ANTONIO.

CAMÕES (*desasocegado*)

«Não vos aconselhára eu que lhe fiasseis do vosso!...» Menos me affronta o dito, do que me magoou o tom, e o olhar, com que o pobre do vendeiro m'o repetiu. Estava-se percebendo que ainda lhe não passara a indignação de me vêr suspeitado no crédito. Mais quizera eu esta mão da penna decepada, do que deixar por qualquer

(1) D. Affonso, Diogo, Camões.

via de pagar-lhe. Como porém? estas galas que ora trago, são pennas de pavão postiças, que de só as olhar me corro. Vendel-as-hei; mas, não me pertencem; ... roubar a Miguel, para pagar a Diogo! ... (*senta-se á mesa e escreve*) (1) Antonio, ouve: se eu acabar neste desafio de ámanhã, vai ter com El-Rei, e lhe apresenta este escripto. (*lê*) «Deve Luiz de Camões a Diogo estalajadeiro cem cruzados.» El-Rei é generoso, e dobrará o lanço. Será a unica mercê que eu haja pedido ... e a ultima tambem que posso pedir; que para me sepultarem, lá se haverão como quizerem; ou que me não sepultem; que me dá d'isso? ... (*torna a escrever noutro papel*) Est'outro é para a senhora D. Caterina d'Atayde (*aqui apparece D. Caterina á porta do lado esquerdo*) (2)

SCENA VII

D. CATERINA, ANTONIO, CAMÕES.

CAMÕES

Quero que ella saiba que o meu pensamento derradeiro foi seu (*para Antonio*) em mão propria lh'o entregarás, e a occultas. (*reparando em D. Caterina*) D. Caterina! ... é possivel! ... Antonio, faze vela por fóra d'essa porta, que ninguem entre! (*Antonio sai pela porta da esquerda, e a fecha. Camões toma a D. Caterina pela mão*)

(1) Antonio, Camões.
(2) D. Caterina, Antonio, Camões.

SCENA VIII

D. CATERINA, CAMÕES.

D. CATERINA

Não me esperaveis!

CAMÕES

Temeria ousar tanto! ...

D. CATERINA

Agora, já não quereis morrer!

CAMÕES (*indo até á janella*)

E affoitares-te por este escuro da noite, pelo ermo e calado d'essas ruas! ...

D. CATERINA

Que te direi! sabia que estaveis desesperado; como querieis que attentasse por mais nada? ...

CAMÕES

Oh! Caterina! não será isto um sonho?

D. CATERINA

Maravilhais-vos? com isso contava eu, Camões...

CAMÕES

Maravilha? não; é um rapto de bemaventurança ...

D. CATERINA

Em verdade? ...

CAMÕES

Pois duvidais? ... com que juramento quereis que vol-o affirme? ... Por Deus, pelos teus olhos, pela minha espada, pelo meu amor, pela alma de minha mãe t'o juro.

D. CATERINA

Creio, creio ...

CAMÕES

A que vem esse teu olhar de enleada, gentil Natercia minha; fallecem-te expressões para me pintares a força do affecto que assim te impelliu atravez de tantos riscos a me vires encantar cá no fundo de tanta miseria? Taes expressões não as hei mister, porque em ti leio como em mim proprio; não, não serei eu que interprete em mal este rasgo de feminil heroicidade. Escuta; já pode ser que nunca mais sôe para nós hora de boas fadas como esta; não m'a escureças com vãos receios!

D. CATERINA

Receios! eu! ... Não, não me arreceio de nada.

CAMÕES

E de que te havias de arrecear, sendo eu comtigo? Intendo; sobresaltou-te o meu alvoroço. Que lhe queres? se te amo tanto, Caterina?...

D. CATERINA

Eil-a, eil-a ahi a palavra de que eu vinha tremendo! ... presumia ... esperava ...

CAMÕES

Que do meu amor te não fallasse? E de que outra coisa poderia fallar-te eu? Procural-a-hia por te aprazer; mas, se a não ha! ... não, não ha; só tu. D'este coração houveras dó, se agora o visses! (*vai tomando fogo*) Sereno?! ... placido?! ... se o eu estivera, cuidaria que estava morto! Frio, quando ao pé de mim te estou vendo! Frio, quando me digo a mim proprio, ébrio d'mor e ufania «vê, vê, como ella te quer, que para te vir consolar tapou a boca aos receios e melindres,

e nem dos juizos do mundo se lhe deu»! ... Como queres que não exulte? que não delire de alvoroço? que me não transverbere pelo semblante a felicidade? Tão poucos são os sacrificios que de ti me has feito? Continúa! mais! mais! um derradeiro! arroja a mascara! depõe essa tibieza, que não é tua! Restitue-me a minha Natercia, as suas palavras namoradas de endoidecer! as suas branduras, e aquelle sorriso d'abrandar penedos! Essas geladas mostras de frieza, deixa-as para aquellas que hão medo de fraquear: ás virtuosas, como tu, sua mesma virtude lhes é escudo.

D. CATERINA

Camões!

CAMÕES

Não sabes que ao transpores aquelles umbraes (*apontando para a porta da esquerda*) se converteu este humilde logar num templo sacrosanto!

D. CATERINA

Camões! Quem te não admirará! homem generoso, que entendeste o quanto eu carecia de animada... bem hajas! ... se pouco ha estava duvidosa e indecisa ... se resistia aos impulsos do meu proprio coração, que todo se esvoaça para ti... vês-me aqui arrependida. Perdoas-me, não é assim? Escuta-me ... vê se me podes intender isto, que te eu não sei explicar: fiz este caminho, andando, ou correndo, sem pensar em nada, sem reflectir; sustida, e impuchada, não sei porque mão invisivel! ... só áquella porta é que parei: inturvaram-se-me os olhos: retraí-me, como se

diante se me abríra um despenhadeiro ... mil temores, mil escrupulos, que me não occorreram quando me lancei á fuga, aqui me saltearam de improviso. Vês tu! ... quero que saibas tudo que por mim passou: «Que pensará Camões?—dizia eu em mim ...—e seelle, vendo este meu arrojo, me fallar do seu amor, que lhe poderei já responder?» Mas comtudo, queria ver-te ... determinei-me alfim a entrar, a fallar antes que me fallasses, a dizer-te: «Camões, a que estás vendo, não é D. Caterina, é tua irmã, tua irmã que vem tomar seu quinhão nas tuas magoas; não ha cruz sem mulher ao pé; venho ser eu a mulher da tua cruz!»

CAMÕES

Alma para padecer, tinha-a eu; dae-me outra, Deus meu, para a felicidade!

D. CATERINA

Que scena, meu Camões! que barbaros! Como vos martirisaram! oh! e quanto mal não quiz eu á minha fraqueza! temi de perder o siso. É verdade. Quando te vi sair tão allucinado, senti atear-se-me cá dentro a desesperação que em ti levavas. Então, é que de mim se apossou um pensamento ousado, um pensamento de mulher; (que para ellas não ha impossiveis;) «quem o póde salvar, sou eu;» exclamei; «sou eu; e hei-de salval-o!!»

CAMÕES

Muitas vezes o hei pensado, mas nunca tanto o senti como agora: que pobre interprete d'alma não é a lingua!

D. CATERINA

Se já vos não doem as vossas dores, por bem paga me podeis dar (*Apontando para a carta que na mesa está*) Que me dizieis naquella carta? (*vai para a tomar*)

CAMÕES (1)

Pois sabeis! ...

D. CATERINA (*apontando para a porta*)

Eu estava além ...

CAMÕES (*com muito affecto*)

Ler! ... não; por mercê, conversemos!

D. CATERINA (*lendo para si*)

Despedidas!

CAMÕES

Sim; mas esta vida que eu, pouco ha, daria de barato ao primeiro que m'a quizesse tomar, defendel-a-hei agora, que por vossa, mais que por minha, lhe quero muito.

D. CATERINA

Oh! bem me dizia o coração, que te era entrado um pensamento mau! Medo havia de chegar já tarde! a tua agitação me amedrontava! Eras cá tão longe de mim, e eu lá a ver-te e ouvir-te! ponto por ponto te podéra referir tudo quanto pelo animo te ha passado, desde que te arrancaste do palacio ...

CAMÕES

Dize...

D. CATERINA

Quando á poisada chegastes, vinheis fóra de

(1) Camões, D. Caterina.

vós... fallecia-vos o ar... começastes de correr no quarto a passo cheio, a contar uma e uma as esperanças finadas, e as feridas do coração!... logo, alçando a voz para amaldiçoar...

CAMÕES

Isso é!

D. CATERINA

Então? não vos ouvia e via eu?

CAMÕES

E ouviste-me tambem bradar por ti?

D. CATERINA

E não acudi eu? não sou aqui?

CAMÕES

Oh!

D. CATERINA (*inflammando-se*)

Não é d'hoje, meu Camões, que eu adivinho angustias vossas! muito ha que ando comvosco!... peregrinei por esses desterros, avergada de vossos pesares e desalento!... comvosco pelejei e fui ferida!... comvosco naufraguei!... comvosco me carpi todas as horas do nosso apartamento!... Oh! que se o descanço e justiça com lagrimas se mercaram neste mundo, justiça e descanço houvereis vós ha muito! que bastantes, e bem ardentes as derramei!

CAMÕES

Nesta hora devêra eu morrer, que me voava aos ceos carregado de jubilos e amores. Mil mercês, por vossos menoscabos e affrontas, senhores gentis-homens de Portugal! as covardes mãos vos beijo, que assim me grangeastes a hora mais doirada de minha vida!...

D. CATERINA

E eu abomino-os... a todos... desalmados!... que lhes havieis feito?!

CAMÕES

Ainda tu m'o perguntas? não sabes, Caterina, que um só homem os havia contra mim conjurado? um homem, a quem eu ousára dizer que te amava?

D. CATERINA

Oh! Luiz!...

CAMÕES (*descontente*)

Barbara pergunta! malvindas palavras foram essas vossas!...

D. CATERINA

Ah! perdoae-m'as!... bem sabeis que vos não quizera eu nunca triste!...

CAMÕES

De tudo me estava agora esquecendo; nem odios, nem zelos me já lembravam...

D. CATERINA

Malaventurada de mim!...

CAMÕES

Era ás portas do ceo, e outra vez me despenhaste para a realidade, para o meu inferno... d'aqui a pouco me dirás tu: «Já quer alvorecer... lá vem o dia... é forçado apartarmo-nos.» (*lança-lhe os braços*).

D. CATERINA (*assustada*)

Ouvi-me, ouvi-me, Luiz de Camões... não, não, não; não é possivel; tu não queres por certo uma ventura que me deshonrára, oh! que não... mais subido é teu amor, que o sei eu.

CAMÕES

Não... sim, sim... mas queres que eu te deixe ir para elle?... que te restitua a elle?... que...

D. CATERINA

Luiz! respeita a mulher da tua cruz!... (*arrancando-se-lhe dos braços com um grito*) Meu Deus!... (*põe-se a escutar*).

CAMÕES

Dize: queres alfim deixar-me aqui desamparado!...

D. CATERINA

Oiço gente!... salva-me, Luiz!... esconde-me!...

SCENA IX

OS DITOS E ANTONIO (*que entra pela porta da esquerda*)

ANTONIO

El-Rei que chega.

CAMÕES

El-Rei! (*puxando pela memoria*) Ah! sim!... vem... (*conduz arrebatadamente a D. Caterina, e a esconde por detraz do cortinado da porta falsa á direita*).

SCENA X

EL-REI, CAMÕES, D. CATERINA (*occulta*) ANTONIO (*no segundo plano*)

(*El-Rei se detem um momento á porta da esquerda, por onde vem entrando, diz algumas palavras ao ou-*

vido de D. Affonso, que com elle vinha, e que se ausenta logo)

EL-REI (*indo direito para Camões*)

Esta noite, Luiz de Camões, vim trazido por nosso amigo D. Affonso de Noronha, mais como brigão que sai pelo escuro, que não como Rei e Cavalleiro. Algum dia porém virá em que como Rei e Cavalleiro, e prezador de bons engenhos, vos vá procurar em vossa poisada á vista do sol e do mundo, e seguido d'esses cortezãos que nos ultrajaram: fal-o-hia já ámanhã, se não houvera de me partir.

(Camões conserva-se por toda esta scena em manifesta distracção, cuidando mais em D. Caterina, que em escutar El-Rei.)

CAMÕES

Real Senhor, empenhais-me em divida que não pagarei nunca.

EL-REI (*travando-lhe da mão*)

Adiantada m'a havias pago, meu excellente poeta; antes sou eu para comtigo o alcançado.

CAMÕES

Envergonhais-me, Senhor!...

EL-REI (*com energia e rapidez*)

Uma só affronta como esta, põe nodoa num reinado: hei-de fazer tudo por lavál-a. Acostumaram-se a julgar-me fraco!... cuidam que sou ainda um menino, como quando me coroaram em braços de minhas aias? Por Deus que se enganam! e eu lh'o provarei... Eu me farei temido, como El-Rei D. Pedro I.

CAMÕES *(á parte)*

Perdida está, e é por mim!

EL-REI

Se não fôra por dar quebra á minha Real palavra, que já a hei dado a Diogo Bernardes, Epico vos nomeára da minha expedição africana.

CAMÕES

Em Bernardes, Senhor, acertastes mui bem a vossa escolha.

EL-REI

Ao Cantor do Gama quizera eu antes para meu! não foi porém a escolha minha; foi de quem porventura preparou a escandalosa scena d'esta noite...

CAMÕES

Talvez!... (*á parte*) mas D. Caterina ali...

EL-REI

Não importa, meu Camões; eu vos fio que mais publica scena, e mais apparatosa, havemos nós de representar, para lhes quebrar os olhos; por agora conversemos noutra coisa. Sabereis que hei determinado gastar comvosco, meu poeta, o restante d'esta noite, minha derradeira noite em Portugal!

CAMÕES (*aterrado*)

Passar... que diz Vossa Magestade!... a noite!... porém...

EL-REI

Mil coisas tenho em que praticarmos, segredos que te quero confiar... conselhos que me releva pedir; não hei hoje cabeça, que per si

baste para o sem numero de pensamentos e cuidados que me salteiam.

CAMÕES (*como acima*)

A mim, Senhor?...

EL-REI

A ti, sim... e antes de tudo uma reprehensão grave, gravissima, te venho dar.

CAMÕES

Teria eu a desventura!... *(á parte)* Caterina!

EL-REI

Offendeste-me e affligiste-me... Quando agora vinha para aqui, perguntei a Noronha pelos teus haveres; respondeu-me encolhendo os hombros... és homem de caixa, segundo parece...

CAMÕES

Que pretende Vossa Magestade que lhe eu diga?...

EL-REI

Vejamos ora: pódes emprestar-me tres cruzados?...

CAMÕES (*confuso*)

Já aqui?...

EL-REI (*apertando-lhe a mão*)

Não os tens, meu amigo; não tens tres cruzados!... Desde hoje, D. Sebastião e Camões hão bolsa commum... Que se dissera do nosso Portugal por esse mundo, a constar que o Principe dos poetas portuguezes se albergava em Lisboa a par com os Paços da Ribeira, numa casa de venda, sem mais loiros que uns seccos e mirrados no alpendre do portal?!... Já ordenei que nos meus Paços te aparelhassem aposento qual a ambos cumpre.

CAMÕES

Senhor... *(á parte)* e o tempo a correr!... que farei?...

EL-REI

Em quanto eu fôr ausente, o Cardeal, a quem já te recommendei, cá fará para comtigo as minhas vezes.

CAMÕES

Sua Alteza o Senhor Cardeal!

EL-REI

Sim, esse; até que praza a Deus tornar-me a nossas terras, que d'essa hora em diante nunca mais te apartarei de mim... por conselheiro e mestre te haverei, não só amigo.

CAMÕES

Eu!...

EL-REI

E que outro mais feito para me ensinar a reger Estados!... Com a vida que has vivido... deves conhecer os homens de todas as condições, e conheces... e que sei eu d'elles, que vivo solitario, e cercado de um lustroso exercito de inimigos, a quem ahi chamam cortezãos, que nem me deixam vêr para fóra, nem que a verdade rompa até ao throno! Assim se me têem ido mais de vinte annos da vida, que mortos e bem mortos chamára eu, se os não houvera ao menos dado aos livros, em que o espirito se afia como a espada na pedra; e á meditação, que me criou brios para as grandes coisas que hei traçado, e que, prazendo a Deus, espero de levar a cabo, mau-grado a pusillanimes e invejosos. Sim tinha

a meu aio D. Aleixo de Menezes; mas esse... a velhice lhe enregelou o sangue; neste conselho que em Cintra houvemos, o conheci, que tão gloriosa facção como esta d'Africa, m'a reprovou severo, e m'a agoirou com mil desastres. D. Aleixo de Menezes já não é homem para mim; ou já não sou eu pupillo para elle. A ti quero, meu poeta, para guia e esforçador; que assaz em teus versos mostraste seres cabal para dizer verdades atrevidas. Quando de façanhas se tratar, oraculo me será o Cantor do Gama; quando de descobrir infortunios para os remediar, dar-me-ha luz o pobre e desterrado de tantos annos, o homem, que, merecendo thesoiros, não teve tres cruzados para emprestar.

CAMÕES

Grã Principe!

EL-REI

Mal sabes a turvação em que me deixou o triste successo d'esta noite!

CAMÕES

Por Deus, Senhor, que vos esqueçais d'isso, como eu, e vos vades a repoisar.

EL-REI

A sanha d'aquelles ruins contra ti, e o que depois vim a saber das tuas desventuras, me abriram os olhos, e me fizeram haver lástima dos que em thronos se assentam! e mais lástima de mim, que tantos annos hei baldado para a ventura dos outros! as angustias de um talento desamparado, desconhecido, negado talvez! as horas, que o desalento, ou a desesperação lhe faz perder, horas

do genio, que são as ricas peças de oiro, com que elle compra a eternidade! as chagas, que lhe roem secretamente o coração! os abismos de penas, em que espia a sua gloria, sem ousar a queixar-se por desafôgo! tudo isso, que são males para que um Rei desça do throno a acudir-lhes, tudo isso, Camões, o aprendi eu já de ti, sem que m'o dissesses. Oh! quero-te, quero-te para meu mestre!!...

CAMÕES (*á parte*)

Está salva! Perante este, póde Caterina apparecer... (*para El-Rei com fervor*) Oh! Monarcha! muita vez havia eu orado ao Altissimo, dizendo: «Senhor, a que alvo me atirais, que o não enxergo? Para que são estas dores tão cruas, com que me angustiais?...» hoje alfim me dá resposta.

EL-REI

Para apostolo de glorias te elegêra...

CAMÕES

Graças, ó Deus, se miserias minhas hão criado um Rei humano para este Reino vosso!...

ANTONIO (*inclinando-se*) (1)

Bem hajais, Rei grande! bem hajais!

CAMÕES

É o meu mór amigo, Senhor.

EL-REI

Inveja te hei; não sou eu tão rico! (*Antonio vai-se commovido pela porta da esquerda, quando vem a entrar arrebatadamente D. Affonso*).

(1) Antonio, El-Rei, Camões.

SCENA XI

D. AFFONSO, EL-REI, CAMÕES, D. CATERINA *(ainda por traz do cortinado)* E MARTIM GONÇALVES, E O EMBAIXADOR DE CASTELLA *(que a seu tempo se ouvirão fallar no subterraneo, e não são vistos)*

D. AFFONSO

Lá são.

EL-REI

Ah! já me não lembrava!

CAMÕES *(lançando os olhos para o homisio de D. Caterina)*

Ah! meu Deus!

EL-REI *(mui serio)*

Começo a reinar! *(para D. Affonso)* Onde queres que nos postemos?

D. AFFONSO (1)

Por traz d'esta cortina é a porta que eu disse a Vossa Magestade. *(Vai para correr a cortina)*

CAMÕES *(detendo-o)*

Que queres?

D. AFFONSO

Abrir a escuta.

CAMÕES

Não póde ser.

EL-REI *(para Camões)*

Sabes o que nesse aposento se está tramando?

CAMÕES

Real Senhor, commettei ao meu braço o desagravar-vos; vereis se o tenho eu para vos ser-

(1) El-Rei, Camões, D. Affonso.

vir... *(Em meia voz e precipitadamente para D. Affonso)* Pela nossa amizade...

EL-REI

Alguem está ali escondido! (*D. Caterina corre o cortinado e apparece*)

D. AFFONSO

D. Caterina!

EL-REI

A esposa de Martim Gonçalves!

CAMÕES (1)

Ah!

EL-REI (*com respeitoso acatamento*)

Viestes, Senhora, consolar o nosso poeta?

D. CATERINA

Senhor!...

EL-REI

A Camões, toca adorar-vos; e a nós, respeitar-vos como um anjo. Tamanho mal, feito por homens, só mulher podia reparal-o. Perdoar-me-heis porém o haver quebrantado o vosso asilo?

D. CATERINA

Logo o devêra eu ter deixado, apenas ouvi aquellas vossas tão nobres, tão Reaes palavras.

EL-REI

Consenti-me, Senhora, vos offereça o meu braço, que, por de Cavalleiro, é tambem amparador de damas, e vos acompanhe até á vossa poisada.

D. AFFONSO

Lembrae-vos, Senhor, do que nos ora trouxe aqui!

(1) D. Affonso, El-Rei, D. Caterina, Camões.

D. CATERINA (1)

Esperarei, Senhor. (*D. Caterina se assenta por desfallecida á esquerda num dos escabellos; Camões fica de pé junto d'ella. D. Affonso abre a escuta; D. Sebastião põe o ouvido álérta.*)

D. AFFONSO

Calaram-se.

D. CATERINA (*assentada*)

Que será!...

MARTIM GONÇALVES (*no subterraneo*)

Ah! D. Philippe já se arrepende das suas promessas! em tão pouco tem os meus serviços, que os regateia?

D. CATERINA (*levantando-se*)

É a voz de Martim!... Grande Deus!...

CAMÕES (*em voz baixa para D. Caterina*)

Escuta..,

EMBAIXADOR DE CASTELLA (*no subterraneo*)

Neste pergaminho, firmado do proprio punho d'El-Rei Catholico, meu Senhor, verá V. S.ª, senhor Camara, que S. Magestade o tem em conta de leal amigo, e como tal o préza, e lhe fará mercê, continuando V. S.ª a auxiliar, como até agora, as suas traças.

EL-REI

Ó ignominia!...

D. CATERINA

Que horrivel é isto!...

CAMÕES (*em voz baixa*)

Escuta, escuta!...

(1) D. Caterina, Camões, El-Rei, D. Affonso.

MARTIM GONÇALVES *(como acima)*

D. Sebastião lá se vai espedaçar contra o poderio mauritano.

EMBAIXADOR (*do mesmo modo*)

O seu perdimento é certo.

MARTIM GONÇALVES

Dizei antes «certissimo»: derrotado o seu exército, por suas mãos se mataria elle, se primeiro lançadas moiras o não fizeram.

D. AFFONSO *(para El-Rei)*

Metterei dentro a porta?

EL-REI *(tendo-lhe mão, e mostrando-lhe com os olhos a D. Caterina)*

Não vêdes quem ali está? (*fecha a escuta*) Basta, basta; não quero ouvir mais: que infamia! (*Para Camões com gravidade*) Camões: lance é este para o teu primeiro conselho; que farei?

CAMÕES

Real Senhor: Martim Gonçalves é meu inimigo.

EL-REI

Tens razão. *(Depois de reflectir um momento)* Já sei; resolvi. *(Para D. Caterina)* Senhora, vinde; até logo, Camões.

CAMÕES (*inclinando-se, e a meia voz para D. Caterina*)

Caterina, até...volveremos a nos vêr.

D. CATERINA *(no mesmo tom)*

Adeus! (*El-Rei e D. Caterina saem pela porta da esquerda, D. Affonso os segue.*)

SCENA XII

CAMÕES (*no tablado*) MARTIM GONÇALVES (*inda no subterraneo*)

CAMÕES (*arremessa-se para a porta da escuta, e procura abril-a*)

Agora sim, que é a pendencia entre nós ambos! (*descerra-se a porta*) Bom! já nos não separa senão um movel.

MARTIM GONÇALVES (*ainda dentro*)

Que rumor é este!... ao cima d'esta escada está um almario!...alguem nos escutava! (*sentem-se os esforços que Martim Gonçalves faz por traz da porta para remover o obstaculo*)

CAMÕES

Mettei-lhe o hombro com mais força, senhor Martim Gonçalves... desandou! parabens!

SCENA XIII

CAMÕES, ANTONIO (*que acode pela porta da esquerda*) E MARTIM GONÇALVES, (*que sai do subterraneo pela da direita*)

MARTIM GONÇALVES (*arremettendo de espada feita contra Camões*)

Camões!!! (*Antonio toma com a esquerda o braço de Martim Gonçalves, com a direita lhe arranca a espada e a quebra sem o largar*)

CAMÕES

Deixa-o, Antonio, deixa-o!

MARTIM GONÇALVES

Estivestes a escutar-me?!...

CAMÕES

Ouvi tudo. Antonio, fecha aquella porta (*apontando para a da esquerda*) e esta (*apontando para a da direita*). (*Antonio obedece*) Bem! (*para Martim Gonçalves*) Senhor mui leal Secretario d'El-Rei! agora, só Deus é que nos póde ouvir!...

MARTIM GONÇALVES

Para um duello cuido que me reptaes!

CAMÕES

Continuarmos a viver ambos, será coisa possivel? que vos parece?

MARTIM GONÇALVES

Não: um dos dois ha-de morrer; só necessito de uma hora...

CAMÕES (*com uma grande risada*)

Uma hora! (*tomando de repente a maior seriedade*) nem um minuto!

MARTIM GONÇALVES

Já vol-o disse; antes de uma hora, não posso; que mais quereis? se vos empenho minha palavra!...

CAMÕES (*á parte*)

A sua palavra! pois tambem este empenha a sua palavra! (*alto*) Essa palavra, senhor Martim, que vós quereis vos acceite, a mesma deve ser que a El-Rei déreis de o servir com lealdade! Offerecer-me a sua palavra!!!... Defende-te, traidor! (*indo arrebatadamente lançar mão da espada, que tem pendurada com o escudo*).

MARTIM GONÇALVES (*apontando para a espada partida*)

Não vêdes que estou sem armas?

CAMÕES (1)

Quebrada! que fizeste tu, Antonio!

MARTIM GONÇALVES

Este desafio é tão meu como vosso; uma hora de dilação, a nenhum de nós demoverá de seu proposito.

CAMÕES (*reprimindo-se, e entregando a espada a Antonio*)

Toma-me esta espada, que hei medo de mim.

MARTIM GONÇALVES (*querendo saír*)

D'aqui a uma hora...

CAMÕES

Devagar, devagar; comvosco, pretendo eu ir, senhor Martim, se dais licença... Esperarei, sim, mas em vossa casa.

MARTIM GONÇALVES

Sou contente! (*sai pela porta da esquerda*)

ANTONIO (*para Camões*)

Ireis?

(*O restante da scena declamado com a maior velocidade*)

CAMÕES

Porque não?

ANTONIO

Se vos armasse uma cilada?...

CAMÕES

Pois vem tu commigo; não se matam á falsa fé dois homens como nós outros. (*Saem rapidamente pela porta da esquerda*)

FIM DO ACTO III

(1) Antonio, Camões, e Martim Gonçalves.

ACTO IV

Sala em casa de Martim Gonçalves da Camara.
Uma porta no topo, outra á direita, duas á esquerda; entre as duas da esquerda, bufete antigo de coiro da India lavrado ao redor de folhagem de oiro; cadeiras de espalda, e de seda. Nas paredes, colgadas de guadamecins, se vêem os retratos dos Reis de Portugal até D. Sebastião. Aos cantos da casa, talhões de loiça do Japão com suas tampas piramidaes.

SCENA I

MANOEL *(passeando)*

Ruim condição é esta de pagem! O senhor Martim Gonçalves, esta noite, não ha grande pressa de se tornar para a poisada. (*Depois de breve pausa*) Parece-me que os informes que lhe eu trouxe do tal Camões, não deixaram de lhe agradar... O diabo do estalajadeiro, ainda o estou vendo com os dentes emperrados, e com medo de se descozer... pois não foi á mingoa de cordial... que bem bons copos d'elle lhe embuti!... mas toda esta relé de taberneiros, assim é: hão-

de vos beber um almude, e coisa de se deixarem lograr... «Ide-vos, irmão, a outra porta.»

SCENA II

MANOEL, E PAULO (*descerrando a porta do fundo, e bocejando como homem enfastiado*)

PAULO

Estais ahi, Manoel?

MANOEL

Pois onde! não vês que estou á espera?

PAULO (*entrando*)

Tambem eu; o nosso quarto de vela, vai-se hoje dilatando... a modo... que já as pestanas me carregam!

MANOEL

Pois sim; sume-te, que póde Sua Senhoria vir.

PAULO

Dizei-me cá vós: que vos parecem estas novidades?...

MANOEL

Quaes novidades?!

PAULO

Inda agora, estava-me eu ali á janella, por sinal a contar as estrellas, para me divertir, quando vi atravessarem o Terreiro do Paço... quem? adivinhae quem!

MANOEL

Que sei eu!...

PAULO

A nossa ama a senhora D. Caterina, e dois ca-

valleiros; como chegaram ao saguão da escada, que vai para os aposentos da Rainha, entraram todos tres.

MANOEL

Estavas a sonhar, meu Paulo!

PAULO

Dizei vós logo, que estavamos a sonhar; porque o Rodrigo, que era ao pé de mim, tambem sonhou o mesmo.

MANOEL

Ah!

PAULO (*bocejando*)

D'ali a nada, tornaram a descer, porém já sós os dois, que eu muito bem conheci...

MANOEL

Conhecêstel-os?!

PAULO (*bocejando*)

Conheci. Bem sabeis que eu cá d'esta frontaria do Terreiro do Paço, vejo um mosquito em Almada; e mais a fogueira de San-João á porta do Paço estava bem esperta: um, assim Deus me ajude, como era o senhor D. Affonso de Noronha.

MANOEL

E o outro?

PAULO (*coçando a orelha*)

O outro, o diabo me leve, se não era El-Rei em corpo e alma...

MANOEL

Vae-te d'ahi, cabeça de grou!

PAULO

Faz-vos confusão? é o mesmo que a nós nos

succedeu. O que vos eu posso dizer *(bocejando)* é que as taes duas figuras, lá se foram ambas pelas escadas dos aposentos d'El-Rei, sem que a vela, que era em baixo, as detivesse.

MANOEL

Conto é esse para se rir com elle um disciplinado.

PAULO

Antes é um conto de proveito, como os do livro do Trancoso, e serve para provar que toda a gente gosta de ir á rua, quando faz bonita lua: é exquisito! pois não é? (*boceja*)

MANOEL

É, sim; mas torna-te para a janella; vae-te entreter a olhar para as luminarias da armada.

PAULO

Quaes luminarias?! já se apagaram todas. Estou aborrido! Como se chama aquelle? (*apontando para um dos retratos*)

MANOEL

Eu sei cá!

PAULO

E aquelle? (*apontando para outro*)

MANOEL

Não me deixarás?

PAULO

Cá este, conheço eu. Está bem pintado.

MANOEL

Pudéra! Quem os fez todos, foi o Francisco de Olanda.

PAULO

Não ha duvida... é El-Rei. (*apontando para o*

retrato de D. Sebastião) É tudo quanto sei da historia. *(bocejando)*

MANOEL

Nisso, és tu como muita gente boa.

PAULO

Uma coisa, amigo Manoel, quizera eu que me dissesseis, pois entrais nos secretos de nosso amo, e nosso amo nos d'El-Rei, e El-Rei nos do diabo!

MANOEL *(inchando com o elogio)*

Direi, se souber.

PAULO

Como foram uns agoiros que houve antes de El-Rei nascer? coisa medonha, em que toda a gente falla agora por ahi; mas cada um os conta a seu modo! *(assenta-se para um dos espaldares, repetenado, e abrindo a boca para o tecto da casa)*

MANOEL

Sim, quando foi das festas pelo casamento do Principe D. João, Pae d'El-Rei, viu-se ahi no ceo, por cima da Sé, muitas noites, um fogo, em fórma de ataúde, sepultura, ou o que quer que fosse...

PAULO

Não é isso; é um caso d'uma fantasma...,

MANOEL

Ah! sim! é verdade; diz, que se estava a Mãe d'El-Rei já recolhida ao leito, e viu entrar pelo aposento uma dona alta, a quem não conheceu, vestida de dó, com mangas de pontas, e touca larga...

PAULO

Abrenuncio!!...

MANOEL

Veiu vindo... vindo... calada... até se lhe

pôr diante; e então... deu um trinco com os dedos, e logo um assopro para o ar, como quem diz: «Todas tuas esperanças, hão-de parar em vento.»

PAULO

E d'ahi?

MANOEL

Sumiu-se!

PAULO

Altos juizos de Deus!... e a dos moiros?...

MANOEL

Essa então, não foi só a Princeza que a viu (muita vez o tenho ouvido ao senhor Martim Gonçalves) viu-a a Marqueza de Navarrez, viu-a a Princeza de Asculy, e viram-na outras muitas moças da Camara. Estavam por noite na varanda da Pela, a praticar mui bem descançadas, senão quando vêem sair pela *Varanda d'El-Rei*, direitos ao Forte do Caes, grande quantia de moiros, com albornozes de diversas cores, e tochas accezas nas mãos, tudo a bradar: *Ly, Ly, Ly...*

PAULO

O quê?!

MANOEL

Perguntae-lh'o lá; e chegando-se ao mar, se lançaram nelle. Mandou-se vêr a porta por onde eram saídos, achou-se fechada, do que El-Rei D. João III que Santa Gloria haja, e a senhora Rainha D. Caterina, que Deus Guarde, houveram grande turvação; e mandaram que em tal se não fallasse; como a mim m'o contou o nosso amo, o senhor D. Martim.

PAULO

E que vos dizia elle sobre isso?

MANOEL

Aqui para nós, ou se a alguem o contares, não me faças autor, nem boquejes nelle...

PAULO (*bocejando*)

Está visto: um homem não ha-de ser nenhum cesto roto.

MANOEL

Pois aquillo tudo o que significava, é que o filho que estava para nascer...

PAULO

O senhor D. Sebastião?

MANOEL

Pois quem! eu?...havia de vir a ter muito triste fim.

PAULO (*levantando-se*)

Sabeis o que vos digo? Que me tomára já na cama.

MANOEL

Pouco tardará; mas sae-te, que póde elle chegar. (*Vai-se Paulo pela porta do fundo*)

SCENA III

MANOEL (*só*)

Grande coisa é ser um homem pagem dos segredos, e braço direito tambem ás vezes, de um Escrivão da Puridade! deixae caçar a forôa, que ainda algum dia espero de andar em ginete, quebrando as pedras d'essas ruas.

SCENA IV

MANOEL E PAULO *(que torna pela mesma porta)*

PAULO

É verdade: quereis ouvir uma trova que inda agora armei, estando ali a olhar para a fogueira?

MANOEL

Não.

PAULO

Pois vêl-a aqui:

Nunca a eu passei assim,
a noite de San-João,
ai, ai, do meu coração!
Oxalá que Dom Martim
al do menos me mandára
ir quebrar alguma cara...

MANOEL

Sth! Essas coisas, fazem-se quando é preciso; mas não se dizem, basbaque; vae-te, que alguem chega. *(Vai-se Paulo por onde entrára)*

SCENA V

MANOEL E D. CATERINA *(que entra precipitadamente pela primeira porta da esquerda)*

D. CATERINA

Dizei-me: o senhor Martim Gonçalves está no seu aposento?

MANOEL

Senhora, não.

D. CATERINA

Não!...(*á parte*) encontrou-se com Camões!

MANOEL

Nenhuma coisa ha Sua Senhoria que me ordenar?

D. CATERINA

Não; podeis-vos ir (*Vai-se Manoel pela porta do fundo*)

SCENA VI

D. CATERINA (*só*)

Oh! meu Deus! meu Deus fortalecei-me! Que incerteza! é morrer!... não posso!... a estalagem de Diogo, é longe; mas não importa; arrastar-me-hei até lá!... não sei que é das minhas forças! hão-m'as gastado estes abalos tamanhos de terror!... Todavia, vamos, inda que a vida me custe... (*indo para sair pela porta do primeiro plano á esquerda, a abre Martim Gonçalves, e entra*)

SCENA VII

MARTIM GONÇALVES, D. CATERINA.

MARTIM GONÇALVES

D. Caterina!

D. CATERINA

Senhor Martim!

MARTIM GONÇALVES

Dormida vos cuidava eu já de muito, Senhora minha!

D. CATERINA (*á parte*)

Veria a Camões?

MARTIM GONÇALVES

Que sorte vos trouxe ora aqui?

D. CATERINA

Não sei.

MARTIM GONÇALVES

Oh! que gracioso *não saber!* ... Vejo porém que haveis custo em vos ter em pé... assentae-vos, que vol-o peço... (*D. Caterina se assenta á direita, Martim Gonçalves prosegue*) Successo grande havia de ser o que a taes deshoras vos trouxe a este aposento, onde nunca entráreis que eu saiba! dizei-m'o, dizei-m'o, que sou curioso.

D. CATERINA

Não posso!

MARTIM GONÇALVES (*insistindo*)

Vamos; que me vinheis dizer? que haveis para me pedir?

D. CATERINA

Queria ...

MARTIM GONÇALVES

Com pouco vos sossobrais, Senhora! fallae ora rasgado: esperaveis achar franca esta saida; ieis-vos a Luiz de Camões! (*D. Caterina faz um leve movimento d'impaciencia, Martim Gonçalves continua*) Conheço-vos, Senhora; animosa sois, e arrojada, em cumprir as vossas fantasias; para o gosto de estar com o vosso poeta, pouco vos dá de hora e sitio. D'elle só me espanto, que, blasonando de Cavalleiro, apraza á mulher d'um Escrivão da Puridade para uma taberna! Sempre

cuidei que só rascôas e palafreneiros, ou rameiras e mandis, se apalavrassem para covis taes! Se donas honradas, e gentis-homens lh'os vão tomar, que será d'elles!

D. CATERINA (*levantando-se*)

Senhor!...

MARTIM GONÇALVES

Tempo é de pôr termo a taes vergonhas, Senhora! se até agora vos hei deixado livre, sem me intrometter com as vossas quimeras loucas, foi, bem o sabeis, com a clausula de não enxovalhardes nunca a minha nobreza!

D. CATERINA (*recuando repentinamente*)

Santa Virgem!!...

MARTIM GONÇALVES

De me não tornardes alvo, como outros, a motejos de cortezãos!

D. CATERINA (*com um grito*)

Vossa espada, Senhor! sem espada vindes!

MARTIM GONÇALVES (*fingindo-se admirado*)

A minha espada!

D. CATERINA (*no auge da consternação*)

Vindes de brigar!

MARTIM GONÇALVES

Com quem?

D. CATERINA

Uma só palavra! Camões ficou morto?...

MARTIM GONÇALVES (*com voz abafada*)

Ainda não!

D. CATERINA (*vacillando*)

Morrer elle sem o eu ter presentido! chamar-me-hão todos a homicida de Camões! ..

MARTIM GONÇALVES

Louca sois!...

D. CATERINA

Serei o que quizerdes! mas, Camões? Camões?

MARTIM GONÇALVES

Estou eu aqui, para que do vosso rufião me inquirais vós?

D. CATERINA (*reanimando-se*)

Meu rufião, senhor Martim! Já não póde uma mulher admirar, como todos os homens, a Luiz de Camões, sem ser adultera? meu rufião! (*Martim Gonçalves meneia os hombros a modo de enfadado. D. Caterina continuando)* Escutae-me; renegar o meu amor, fôra covardia. Sim; já antes que me esposasseis, o amava; não o sabieis? não vol-o declarei? não vol-o protestei? não me carpi supplicante aos vossos pés? não vos pedi? não orei a vós! a vós! a vós! de mãos postas, que me não roubasseis áquelle, a quem nem eu mesma podia já roubar-me, se o quizesse?

MARTIM GONÇALVES

Basta, basta, Senhora.

D. CATERINA (*cada vez mais fogosa*)

Não basta; hei-de fallar, e heis-de ouvir-me! insultastes-me, calei-me; suppliquei-vos, repulsastes-me: rogos para comvosco, bem sabia eu já que eram baldados! mas vós mesmo (respondei-me agora, que vos interrogo) sois vós irreprehensivel! julgais-vos... (mettei a mão na consciencia, encarae-me, e respondei!) julgais-vos com jus d'accusar? de pôr a ninguem ferrete de ignominia? Perguntastes-me ha pouco se me ia

eu á poisada de Camões? respondo-vos agora que para lá torno: que uma hora não ha ainda que eu lá estive, ao lado d'elle.

MARTIM GONÇALVES (*travando-lhe dos hombros, e apertando-a com furia*)

Não mentis?

D. CATERINA (*continuando*)

E vós tambem, vós tambem, vós lá éreis! toda a differença foi que eu, eu saí pura, eu respeitei, eu defendi a vossa honra, Martim Gonçalves, naquella mesma taberna, onde vós, vós acabaveis de a vender pela bolsa de Judas!

MARTIM GONÇALVES (*á parte*)

É necessario que esta mulher desappareça (*chamando*) Manoel!

D. CATERINA

Oh! bem sei o que me espera. Que me dá a mim da morte! parte, e a melhor parte de mim, já não existe!...

SCENA VIII

MANOEL (*á porta do fundo*) E OS DITOS.

MARTIM GONÇALVES (*para Manoel*)

Manda dizer, em meu nome, a minha sobrinha a senhora D. Abbadessa de Nossa Senhora da Rosa, que faça prestes logo, logo, uma cella para sua tia, a senhora D. Caterina, que deseja de se retirar do mundo. (*sai Manoel, e torna a fechar a porta*)

SCENA IX

OS PRECEDENTES (*menos Manoel*)

D. CATERINA

Para o Convento da Rosa!

MARTIM GONÇALVES

Socegae, que vos não matarei.

D. CATERINA

Bem hajais, que me sumis num sepulcro, onde me fartarei de orar por elle.

MARTIM GONÇALVES

Antes orae a Deus que vos acuda.

D. CATERINA

E ha-de acudir-me; Camões ha-de ser vingado! *(sai pela direita; Martim Gonçalves, que a seguiu, fecha a porta, e volta para a scena)*

SCENA X

MARTIM GONÇALVES (*só, e na maior perturbação*)

Sim... mas... que monta?... Na Rosa, é como se estivera soterrada. Eu farei com minha Sobrinha, que nem o sol haja novas d'ella. Se não bastar isso, a todo o tempo é tempo. Agora, a Camões. Esta mulher me ha perturbado... em nenhuma coisa me dou já por seguro!... Avante, que não quero fraquear, nem que o quizera, via já por onde retroceder! Ah! se ninguem me espreitou, senão Camões!... esse em meu poder está: ali; (*apontando para a se-*

gunda porta da esquerda) elle, e o seu captivo. Saibamos que lhes farei; que é nesta hora todo o ponto!

SCENA XI

MARTIM GONÇALVES E MANOEL (*que torna a apparecer na porta do fundo*)

MANOEL

Já lá vai o recado.

MARTIM GONÇALVES

Achega-te (*Manoel se aproxima*) Saberás, mesquinho de ti, que te deixaste burlar do estalajadeiro Diogo!... D'ahi se engendrou um grande contratempo, que bem sobejos males dará de si, a não lograrmos atalhal-o... Que homens temos ahi?

MANOEL

Ahi está o Paulo; e não póde tardar o Rodrigo, que eu mandei ir mui açodado ao Mosteiro, com o aviso de Sua Senhoria.

MARTIM GONÇALVES

Bem! Saberás que fui affrontado de um homem!...

MANOEL

Onde o colheremos ás mãos!...

MARTIM GONÇALVES (*apontando para a segunda porta da esquerda*)

Além está... Falla baixo.

NANOEL (*em voz baixa*)

É o Camões?

MARTIM GONÇALVES

Sim.

MANOEL

Em que logar mandais que vol-o acabemos?

MARTIM GONÇALVES

Aqui.

MANOEL (*pondo a mão nos copos da espada*)

Já?

MARTIM GONÇALVES

Não; releva que primeiro lhe falle (*tomando a espada de Manoel*) Buscarás outra espada para ti (*põe a espada em cima da mesa*) Deixarás a porta mal cerrada, para que um ao outro nos possamos vêr. Em eu pondo a mão neste ferro...

MANOEL

Accorreremos: entendi.

SCENA XII

MARTIM GONÇALVES, CAMÕES (*abrindo a segunda porta da esquerda, e entrando em scena*) E MANOEL.

MARTIM GONÇALVES

Já, senhor Luiz de Camões?

CAMÕES

Sois prestes, senhor Martim Gonçalves? (*Manoel sai pela porta do fundo, deixando-a mal cerrada*)

SCENA XIII

MARTIM GONÇALVES, CAMÕES.

MARTIM GONÇALVES

Inda a hora não passou.

CAMÕES

Apressae-vos, por mercê; que ao romper d'alva deve vosso sobrinho achar-me vivo ou morto. *(quer tornar-se por onde veiu)*

MARTIM GONÇALVES (*em tom frio*)

Antes que nos apartemos, uma supplica vos quizera eu fazer.

CAMÕES (*impaciente*)

Ouvirei.

MARTIM GONÇALVES (*pausado e com intimativa*)

Primeiro que entremos ao desafio, folgára de saber se ha outrem, além de vós, que saiba do que entre mim e o Embaixador de Castella se ha praticado.

CAMÕES

Lá vol-o direi com a espada na mão: vinde!

MARTIM GONÇALVES

Irei, quando me hajais respondido.

CAMÕES

Attentae por vós!... ahi por perto andam servos vossos... se tardais, fallo; e será de maneira que me oiçam elles.

MARTIM GONÇALVES (*levando da espada, que pozera em cima da mesa, e com falla suterrada*)

Então, morre!

EL-REI (*de dentro*)

Annunciae-me a Martim Gonçalves da Camara.

MARTIM GONÇALVES

El-Rei!... (*para Camões*) Agora entendo a vossa valentia!

CAMÕES

Por minha fé, como eu não adivinhava que vi-

nha aqui El-Rei... Como quer que seja, tornar-me-heis a vêr. (*Procura por onde saia*)

MARTIM GONÇALVES (*abrindo a porta do segundo plano á esquerda*)

Por aqui. (*Camões sai por ella. Martim torna a fechal-a á pressa, e diz, á parte, encaminhando-se para o fundo, d'onde se ouviu a voz d'El-Rei*) Tens razão; não me deves escapar.

SCENA XIV

MARTIM GONÇALVES, EL-REI, D. AFFONSO, E DOIS CAVALLEIROS (*entrando pela porta do fundo*)

MARTIM GONÇALVES

Vossa Magestade, Senhor, nesta humilde estancia!

EL-REI

Negocio me traz, em que não vai pouco á salvação do Reino.

MARTIM GONÇALVES

Confuso me tem Vossa Magestade!... Dar-se-ha que os infieis de Berbería se nos anticipassem?!

EL-REI

De Castella, e não d'Africa, nos vem o perigo.

MARTIM GONÇALVES

De Sua Magestade Catholica!

EL-REI

Sim: D. Philippe II, meu tio, parece necessitar de mais imperio: grande seria para outras cabeças aquella corôa; a elle, vai-lhe estreita; carece de a accrescentar com mais alguma... Mau

grado á pericia e valor de seus capitães, e ao amparo que lhe dá Roma, sabe que para além dos Pyreneos agro lhe seria o ir buscal-a; voltou logo os olhos para esta parte. Traça fazer honra e mercê a Portugal, com lhe dar fóros de provincia castelhana. Que dizeis do projecto, Martim Gonçalves?

MARTIM GONÇALVES

Já vos declarou a guerra?

D. AFFONSO

Oh! não, bem o sabeis, senhor Escrivão da Puridade... El-Rei D. Philippe, o prudente, não o ousaria!

EL-REI

Á fé que não... Dizer-vos quero o que ha feito aquelle politico profundo. Esforçou-me quanto poude no meu proposito de cingir armas contra os infieis; aconselhando-me a que para dilatação da fé, e augmento de meus estados, passasse eu em pessoa os mares á frente de meu exercito; offerecendo-me até gente e dinheiro, para tão santa e gloriosa empreza: depois, recommendou secretamente ao seu Embaixador, que a todo o custo lhe careasse boa quantia de partidarios poderosos em Lisboa. O Embaixador houve neste negocio boa mão, e melhor fortuna; pois achou entre os da minha Côrte e casa, segundo parece, alguns *descontentes;* e d'estes *ruins de contentar* fez elle, a poder de promessas, muito bons traidores.

MARTIM GONÇALVES *(á parte)*

Tudo sabe! (*Em voz alta*) O Embaixador está prêso?

EL-REI

Deixei-o ir.

MARTIM GONÇALVES

E os cumplices? conhece-os Vossa Magestade?

EL-REI

Não todos...

D. AFFONSO *(para Martim Gonçalves)*

Não vos dê cuidado, que hão-de ser colhidos.

EL-REI

Os tramas e projectos, as ambições e esperanças d'esses reveis infames, tudo nos veiu, mercê de Deus, ao conhecimento. Tão horrivel, tão abominosa e torpe, tão vil e esqualida, é essa têia, cerrada de ingratidões, de traições, de cubiças, de venalidades, de desvergonhamentos, que me pejára eu, senhores cavalleiros, de vol-a desenrolar aqui: *(para D. Affonso)* Fallae vós por mim, D. Affonso de Noronha, mas breve.

D. AFFONSO

Sabe-se que de Castella se hão passado á Africa procuradores e agentes secretos. Sabe-se que para lá foi com elles oiro d'El-Rei D. Philippe II alvorotar, armar, ere unir em conjuração, os quietos moradores dos aduares, e converter as alhelas em outros tantos exercitos.

MARTIM GONÇALVES *(considerando de revez o aspecto d'El-Rei)*

Ah!

EL-REI

Escutae, escutae.

D. AFFONSO

Sabe-se, que tanto que se romper a nova de

ser morto em Berbería El-Rei, nosso Senhor, D. Sebastião, que Deus Guarde, (pois El-Rei e sua fidalguia *(com ironia)* tudo lá deve ficar) o Duque d'Alva se ha-de pôr em marcha para Lisboa, a qual (sabe-se tambem) lhe ha-de abrir as suas portas.

EL-REI

Estamos bem informados, Martim Gonçalves?...

MARTIM GONÇALVES

Senhor...

EL-REI (*para os Cavalleiros*)

Se a deshoras vos mandei chamar, senhores cavalleiros, se vos hei trazido a casa do meu secretario, Martim Gonçalves da Camara, foi para o accusar perante vós de crime d'alta traição! (*susurro geral com grandes mostras de espanto*) Sim, senhores cavalleiros! esse homem, carregado de minhas mercês, e já herdeiro das de meus antepassados, esse que ahi vêdes, é quem ha prometido a Castella as chaves de Portugal. É o Martim de Freitas da deslealdade!

MARTIM GONÇALVES

Mas quem é que me accusa?

EL-REI (*indignado*)

Não negueis! inda de infamias vos não basta?! Quem vos accusa?!... accuso-vos eu, El-Rei: será bastante? Não ouvi eu tudo? D. Affonso não vos repetiu ahi as vossas proprias palavras?... Que mais vos é mister?...

MARTIM GONÇALVES

Senhor...

EL-REI (*aos Cavalleiros*)

Ainda hontem, refusava eu dar credito a ta-

manha perfidia: meu Reino, e minha pessoa, fiava d'elle tudo. (*Para Martim Gonçalves*) Podia, Martim, mandar-te amarrar num peloirinho... mandar-te açoitar pelo algoz; mas salvam-te os nomes que has herdado. Agradece a teus paes, que tiveram virtude para supprir a tua; agradece á tua honrada esposa, a quem me não cabe fazer affronta. Vae-te para D. Philippe, que lá te chama; dize-lhe que a tua traição, descoberta no proprio dia da minha partida, me não demoveu do proposito! dize-lhe que El-Rei de Portugal vai pelejar pela honra de Deus, e Deus protege os seus pelejadores... Vae, vae pedir a D. Philippe que te dê uma poisada e familia, em desconto das maldições de todo um povo, e do ferrete indelevel que na fronte levas: lá verás o que te elle atira!... Portugal é d'ora ávante para ti terra estrangeira e inimiga; o dia que a ella volvesses, pudera-te ser o derradeiro... Descobre-te, villão, na presença do teu Rei, e acompanha-nos até á saída de tua casa!... (*saem todos pela porta do fundo*)

SCENA XV

CAMÕES (*que torna a saír da segunda porta á esquerda*)

Temi que o mandasse El-Rei encarcerar! Oh! verdadeiramente Real mancebo!... que m'o deixaste para mim! Caterina, Caterina, ámanhã porventura já te despertarás liberta!... A estas horas deve ella de estar na sua camara: como D.

Sebastião a acompanhava, chegou por certo sã e salva. Deus grande! Senhor e Ordenador Universal! Vós, a quem eu muita vez hei offendido, mas que nunca reneguei, Deus meu, protegei-m'a!

SCENA XVI

CAMÕES *(em scena)* E D. CATERINA *(por detraz dos bastidores da direita, sem ser vista)*

D. CATERINA *(em voz debil)*

Camões!

CAMÕES

Alguem me chama!

D. CATERINA

Camões!

CAMÕES

Outra vez! é a voz d'ella... onde estará! Ah! esta porta! *(abre a porta da direita, apparece D. Caterina)*

SCENA XVII

CAMÕES, D. CATERINA.

CAMÕES

Caterina!

D. CATERINA

Camões! Não me enganei; sois vós!... vivo!... illezo! *(caindo em joelhos)* Eu vol-o agradeço, Deus bom, Deus misericordioso!

CAMÕES *(erguendo-a)*

Como te incontro eu aqui, alma da minha vi-

da! para a estancia da Rainha cuidei te levava El-Rei!

D. CATERINA

Levou, mas eu não pude estar; morria se não saisse! a lembrança de te haveres lá ficado na estalagem, onde era Martim Gonçalves, aterrava-me... saí como louca, para vir aqui... para ir lá... para saber... Quando entrei, ainda elle cá não era; chegou logo: não trazia espada! Foi para mim um raio aquella vista! dei-me por perdida; figurou-se-me estar-te vendo aos pés d'elle, por sua mão traspassado, nadando no teu sangue, arquejando, moribundo, morto! Ah!...

CAMÕES

Triste Caterina!

D. CATERINA

Sim, triste, e bem triste! era horrendo aquillo! pedi-lhe a verdade; não m'a disse: então é que de todo perdi o siso...

CAMÕES

D'aqui ávante nada mais receies.

D. CATERINA

Não receio, não; que tu me has-de defender.

CAMÕES

Martim Gonçalves é degradado; recebeu ordem de saír de Lisboa esta propria noite.

D. CATERINA

E eu... fico.

CAMÕES

Caterina, escuta; não percamos um instante; Martim deve estar chegando... é necessario fugires.

D. CATERINA

Sim.

CAMÕES

Vae; o meu Antonio te guiará... ali está elle.

D. CATERINA

E tu?

CAMÕES

Breve serei comvosco.

D. CATERINA

Partir só!... não. Sem ti, não... decide; mas vê que em tuas mãos me tens a vida!

CAMÕES

Hei jurado aguardar por elle.

D. CATERINA

Ficais-vos para vos matar com elle: bem m'o agoirava o coração! Mas se tu morres, Luiz, se morres, que será de mim?... Escolhes deixar-me sem amparo entregue ás suas iras? Oh! Camões! nesta hora, em que eu esqueço tudo, não me falles em juramentos d'esses, ou direi... que nunca me houveste amor!

CAMÕES

Mas dirá elle... que tive medo.

D. CATERINA

Que te importa! curo eu do que elle poderá clamar contra mim, em me sabendo fugida?

CAMÕES

Caterina, e a minha palavra!

D. CATERINA

Pois bem: aguardal-o-hei eu tambem. Mas lembre-te sempre, que por não quebrar um ponto na tua soberba, causas a morte a quem te queria mais que a tudo, e que a si mesma.

CAMÕES

Ai! poupa-me, Caterina.

D. CATERINA

Não sabes o que me espera? o carcere d'uma cella, quando menos!...

CAMÕES

Tens razão; a sua vida d'elle não val o risco grande em que te eu punha.

D. CATERINA

Aventurar uma existencia como a tua...

CAMÕES

Sim, sim, cheia d'ora ávante de esperanças e alegrias! sacrilegio fôra, que nem Deus me perdoára.

D. CATERINA

Agradecida, Camões, agradecida d'alma e coração! Conta com uma companheira para os dias atribulados. Ama-me, ama-me muito, e sempre; ama-me, como te eu amo; que mais ninguem tenho já neste mundo senão a ti.

CAMÕES (*abrindo rapidamente a segunda porta da esquerda*)

Antonio!

SCENA XVIII

OS DITOS E ANTONIO (*que sai da segunda porta da esquerda*)

CAMÕES (*indo para elle, e em voz baixa*)

Fica-te, e dize a Martim Gonçalves que breve farei volta e serei aqui. (*Sai com D. Caterina pela primeira porta da esquerda*)

SCENA XIX

ANTONIO (*só*)

Era tempo.

SCENA XX

ANTONIO, MARTIM GONÇALVES *(entrando pela porta do fundo)*

MARTIM GONÇALVES (*á parte*)

Lá veremos, D. Sebastião, qual de nós ha-de entrar primeiro em Lisboa. Agora, vamos a isto: já tenho na emboscada os meus dois valentes. (*Vai abrir a segunda porta da esquerda*) Prestes sou, senhor Camões!

ANTONIO

Já lá não está.

MARTIM GONÇALVES

Quem fallou?

ANTONIO

Eu.

MARTIM GONÇALVES

Quem és tu?

ANTONIO

Olha-me bem, e a ti mesmo te responderás.

MARTIM GONÇALVES

Insolente! a que és vindo?

ANTONIO

A defender meu Senhor, se fôr mister.

MARTIM GONÇALVES

Mentes; Camões não se ausentou; fugir á ho-

ra de um duello, feito seria de mui vil covarde.

ANTONIO (*tendo um impeto para se arremessar a Martim, e reprimindo-se logo*)

Uma injuria tua, nada é.

MARTIM GONÇALVES (*vai-se á porta da direita, que diz para o quarto em que havia encerrado a D. Caterina, e a acha aberta*)

Agora entendo: Camões fugiu; e tu ficaste para demorar a quem o houvesse de seguir. Elle não foi só... bem está... hão-de tornar: a porta, onde aquella escada vai dar, está fechada... escuta... (*ouvem-se passadas*)

ANTONIO

Ah! lá tornam! (*vai para o matar*) Não quero que te achem vivo.

SCENA XXI

D. CATERINA, ANTONIO (*no segundo plano*) CAMÕES, MARTIM GONÇALVES.

CAMÕES (*para Antonio*)

Detem-te, homem desacordado!

MARTIM GONÇALVES

Agora, eu: á vossa espera estava, senhor Camões.

CAMÕES

Vamos. (*vão para sair, Camões e Martim Gonçalves*)

D. CATERINA (*corre para Martim Gonçalves para o segurar*)

Não saiais, Camões; não saiais, que vos matam.

MARTIM GONÇALVES (*repulsando D. Caterina, que desmaia*)

Deixae-me. (*Para Manoel, que apparece na porta do fundo*) Mais luzes, vinde. (*Manoel desapparece. Camões vai para erguer a D. Caterina; de repente muda de pensamento, corre para Martim Gonçalves, toma-o fortemente pelo braço, e o leva á força para a porta do fundo*)

CAMÕES

Agora, só um raio nos pudéra separar! (*saem, Antonio os segue*)

FIM DO ACTO IV

ACTO V

Aposento apertado e pobrissimo, onde assiste Camões, na visinhança da egreja de Sant'Anna. A direita, a porta da entrada; á esquerda, outra, como de alcova, com uma cortina rota. No topo, uma janellinha, elevada, de rótula, com poiaes de pedra, e seu degrau alto entre elles. A direita, no primeiro plano, uma banca de pinho, lascada e côxa, coberta de papeis, com tinteiro, e uma vela acceza em palmatoria de barro. Na parede do lado opposto, o escudo do acto terceiro, mas sem a espada; por cima, o crucifixo. Um escabello e uma cadeira de encosto junto á mesa. Ao canto da casa, uma bilha d'agua. Para outra parte, um fogareiro apagado.

SCENA I

CAMÕES, ANTONIO.

(Camões está sentado á banca; Antonio passeia no fundo do quarto, vagarosa e subtilmente, para não interromper ao poeta. Camões, depois de reler attentamente o que havia escripto, começa a fallar; Antonio pára, prega nelle os olhos, escutando-o com a maior attenção)

CAMÕES

Que versos!... nunca tão frios os escrevi!...

nunca! nem quando lá pelos sinceiraes do Mondego, na madrugada de minha vida, me estreava no rimar! (*rasga o papel. Depois de pausa*) Doem-me as feridas! menos porém as do corpo, que as da alma! (*torna a pegar na penna)* Animo, Camões! animo! pusillanimidade é isso: esforçar, e ávante! (*encosta a fronte entre as mãos. Depois de largo espaço*) Não posso!... pois se eu padeço tanto!... (*com raiva)* Não, não é isso, desgraçado! a que vem cegares-te? não te soccorras a subterfugios pueris; confessa que declinas para o occaso; que já te engolfas pelas trevas... (*levanta-se*) Queixar-se Camões de que a dor lhe apaga o estro!... e quem é que lh'o accendeu sempre, senão a dor? quaes as suas musas hão sido, senão as magoas?... (*torna a assentar-se recaído em abatimento*) Musas!... sei eu ora se jámais as tive!... (*Pausa*) Já vai num mez que sinto este espirito dormente; que este meu universo (*apontando para a cabeça)* está anoitecido, despovoado, silencioso... *(pausa)* Ai! que fim, que amargurado fim, me destinavas... oh! meu Deus! para remate de tão farta corôa d'espinhos, ainda este! Oh! aos outros... aos outros não quero eu mal... ao menos eram espinhos que florejavam; mas este... este... duas mortes... duas agonias para um só homem!... Antes que a alma se me apartasse, se apartou d'ella a poesia! mal haja a minha estrella... maldita seja a hora... (*levanta-se*) Não; não; não. É impossivel! Quero outra vez experimentar!... se porventura o engenho já me não resuscitasse aos meus conjuros... espedaçar-te-hia eu mesmo, pobre cabeça

deshonrada! Não quero que se possa jámais dizer: «Camões acabou a vida indigente e mendigo, até de espirito!» Eu infecundo!... eu estolido!... Desafio a Omnipotencia. (*Retoma a penna*)

ANTONIO

Mestre! Senhor meu!

CAMÕES

Antonio, meu irmão, meu amigo Antonio, estavas ahi tu? e não me fallavas!... nem já me alembrava de ti, amigo! Has presenceado a minha angustia, a minha desesperação! Mas, vês tu?... é que me estou sentindo fenecer... feneci... estou perdido!... De mim tens lástima; não tens?... por força! conheceste-me ainda no meu throno, que eu, este mesquinho que ora vês, fui tambem um d'esses poucos Reis do intendimento: pois não fui? Dar-se-ha que levasse eu num sonho a vida toda, e agora despertasse? ou dar-se-ha (confesso-te que até este pensamento me assalteia) dar-se-ha, Antonio, que esses louvores, que de toda a parte me soavam, fossem uma conjuração universal d'escarneo, um acclamarem principe a um truão, que por principe se inculcava! porque (olha tu) esses poetas, meus contemporaneos, cantando-se uns aos outros, nunca a mim me cantaram (só o meu Diogo Bernardes) nem Antonio Ferreira, nem Jorge de Monte Mór, nem Jeronimo Côrte-Real, nem Jorge Ferreira de Vasconcellos, nem Fr. Agostinho da Cruz, nem Pero d'Andrade Caminha, nem Sá Menezes, nenhum! «Será inveja» dizia eu quando era vaidoso; agora, hei medo de que fosse justiça!... Responde, responde tu, que me foge o siso!

ANTONIO

E aquelle famoso cisne da Italia, o Torquato Tasso? não vos cantou? não disse: «que as naus do Gama não tinham chegado tão longe, como chegaria a penna do seu culto e bom Luiz?»

CAMÕES

Sim, *o meu Tasso!*

ANTONIO

E o *vosso Jáo?* o *vosso Jáo* tambem, não vos tem cantado? se vos dá só flores silvestres, é porque mais não tem.

CAMÕES

Oh! sim, sim, sou um louco; sou um desagradecido.

ANTONIO

Sois ainda, e sereis sempre, o que sempre fostes: CAMÕES, O GRÃ POETA, o desesperador d'invejosos, o que mercou a desaventura por merecimentos de contado.

CAMÕES *(passeia devagar arrimado no braço do captivo)*

O poeta, se o houve, já lá vai!... Posso deitar lucto por mim!... *(Pausa)* Tenho uma derradeira consolação todavia: já não hei-de assistir á morte da patria, que tambem para ahi está agonisando, desde o dia que em Africa lhe esmagaram a cabeça! Sequer, não verei Castella vir assentar-se em cima d'este pobre Reino, moribundo, como eu!... Que me importa já agora a existencia!... Amor, patria, realeza... tudo se me foi em tôrno desabando, e cada uma d'essas nobres e santas coisas me foi levando comsigo um pedaço

do coração... O que me restou, nem já val a pena de o conservar... Que ficaria eu cá fazendo, velho inutil, epasmado, entre sepulturas e ruinas! (*volve a assentar-se, e cerra os olhos*) Está-me lembrando uma peça grande d'artilheria, lá da nossa Fortaleza de Malaca, onde eu me ia sentar a vêr os mares e o pôr do sol! Pobre bronze!... tanto atroar os ares! tanto fulminar inimigos! para a cabo te jazeres ali!... apeado!... sem voz!... comido de mugre!... feito assento de um pobre soldado!... escarnecido e cavalgado das creanças!... lembra-me que tinha dó de ti: quem o terá de mim agora!...

ANTONIO (*á parte*)

Penedos moveria a piedade!

CAMÕES (*brandamente, como quem devaneia*)

Caterina!...

ANTONIO (*á parte*)

Em al não sonha!

CAMÕES (*erguendo-se um tanto, e com os braços estendidos*)

Lá se me vai!... a mão... a mão, Caterina! sumiu-se!... jaz morta! estou louco.

ANTONIO

Inda o não sabemos; animo, Senhor, que bem poderêis tornar a vêl-a.

CAMÕES

Queres-me enganar. (*Pausa*) Se eu tivesse mais algum vigor, Deus me encaminhára para onde ella está, se ainda é viva porventura. (*Pausa*) Seis mezes ha que a vi pela ultima vez; seis mezes ha que as feridas e a enfermidade me têem nesta casa sepultado. Foi (lembras-te?) a noite

de San-João, quando o traidor me mandou matar á falsa fé; e já hoje é noite de Natal! seis mezes! seis mezes sem saber d'ella! Não póde ser: ou esta incerteza, ou eu, havemos hoje de acabar. *(Forceja por se arrastar até á porta da rua)* quero saír; vou-me á sua procura.

ANTONIO (*detendo-o*)

Aguardae que amanheça.

CAMÕES

Deixa-me... deixa-me... (*Recai exhausto na cadeira*) Não posso!...

ANTONIO (*á parte*)

Oh! porque me salvou elle no naufragio?! ou porque não perecemos ambos!

CAMÕES (*depois de longa pausa*)

Agua... (*Antonio enche um pucaro, e lh'o apresenta. Depois de beber*) Sinto fogo nas entranhas... quero distraír-me de tanto delirar! Como isto está por pouco (e ainda bem!) quero acabar minhas despedidas aos amigos ausentes... (se os tinha... quem sabe!) vamos cerrando estas cartas que ahi estão escriptas. (*Toma uma, e lê parte d'ella*) «*Emfim, acabarei a vida; e aqui verão todos que tão amante fui da minha patria, que, não contente de morrer nella, quiz tambem morrer com ella.*» (*Entrega a carta a Antonio*) Cerra-a; é para D. Francisco d'Almeida, que em Lamego se acha a estas horas. (*Antonio fecha a carta com um fio de seda, lacra-a, e lhe escreve o nome de D. Francisco d'Almeida*)

CAMÕES (*lendo entretanto segunda carta*)

« *¿ Quem ouviu dizer que em tão pequeno theatro, como o de um pobre leito, quizesse a fortuna re-*

presentar tão grandes desventuras? E eu, como se ellas não bastassem, me ponho ainda da sua parte; porque procurar resistir a tantos males, pareceria especie de desvergonhamento. » (*Fallando*) Como tudo isto me parece frio! (*Passa a carta para o lado de Antonio, que está concluindo com a primeira; e toma de sobre a mesa um caderno escripto que folheia distraidamente. Fallando*) Era um novo poema que andava traçando sobre as glorias da conquista d'Africa!... (*Rasga-o, e o atira para o chão. Batem á porta da direita. Antonio sai a vêr quem é, e volta, passado um momento*)

ANTONIO (*em voz baixa, ao ouvido de Camões*)

É o senhor D. Rui da Camara, que vem pelos psalmos em verso, que diz vos encommendára: pareceu-me negar-lhe entrada.

CAMÕES

Fizeste bem.

ANTONIO

Disse-lhe que nada havieis por ora escripto; tornou-me, que, se o não servieis, era por mingoa de vontade; que bem mostráreis sempre quão pouco os versos vos custavam.

CAMÕES (*irado*)

Volve a dizer-lhe da minha parte...

ANTONIO

Mais baixo, que vos escutará.

CAMÕES (*em voz ainda mais alta*)

Dize-lhe que quando eu esses versos fazia, era moço e favorecido das damas, e tinha o necessario á vida; e agora não tenho espirito nem contentamento para nada, porque tudo isso me fal-

ta; e em tal miseria me vejo, que já deixei de escrever por mingoa de um seitil para mercar papel; e ahi está o meu Antonio a pedir-me para carvão, e não tenho para lh'o dar; que já lá vai vendida a espada, e os poucos livros tambem, vendidos a um e um; até o meu Cancioneiro de Rezende; que só me ficou aquella cruz, herança unica de minha mãe; que nada lhe peço eu a elle, nem quero, pois estão cheios os meus dias, e vou morrer... nada, senão que me deixe; elle, e todos. Cerra, cerra essa porta; continuemos, que receio se me venha o tempo a acabar. (*Antonio sai a despedir D. Rui da Camara; um momento depois volta, fecha a porta, e se torna para o trabalho em que estava. Camões toma da mesa outro caderno volumoso, lê-lhe o titulo*) PARNASO DE LUIZ DE CAMÕES! Aqui estão os desenfadamentos d'esta minha ultima viagem para o Reino! Amava eu estes versos; por esses mares os vim pescando como perolas! com que delicias os não escrevia pela fresca da alvorada! parecia que as sereias m'os houvessem estado a cantar de noite por entre-sonhos! Diogo do Couto, esse bom engenho, com quem a patria se esclarece, folgava de m'os ouvir ler! PARNASO DE LUIZ DE CAMÕES!!... Hoje, o meu Parnaso, transformou-se em Golgotha! (*Rasga e atira para o chão*) Ahi tens bastante com que accender o lume, Antonio. (*Com sorriso ironico*) Já se não dirá que trabalhei debalde! (*Bate-se á porta da direita, Camões faz um gesto de insofrido. Antonio sai a vêr quem é*)

SCENA II

CAMÕES (*só, meditando entre si. Pausado, e com tom ironico*)

Parnaso de Luiz de Camões! Lusiadas de Luiz de Camões! Rimas de Luiz de Camões! e Luiz de Camões que é? é isto. Chego a ter inveja a esses belfurinheiros de palavras, que têem banca no Peloirinho para escreverem requerimentos, convites, e cartas de amores a qualquer rascôa, ou negro, que lh'os pague. Peior, e por menos preço, tenho eu feito para soberbões: é como quem poezra *Apelles* a caiar sotãos! ou *Fidias* a amassar tijolos! (*Pausa*) Mundo vil e maldito!...

SCENA III

CAMÕES e ANTONIO (*Camões sempre assentado. Antonio entrando com um açafate coberto, e uma jarra com muitas flores, entre ramos de loiro e murta; e pondo tudo sobre a mesa*)

ANTONIO

Eis aqui com que alegrar olhos!

CAMÕES

Quem veiu? que é isso?

ANTONIO

A consoada do poeta; doces, feitos pelas mãos de prata das freirinhas d'Odivellas (*apontando para a cesta*) e um ramilhete de flores naturaes, entre muitas outras feitiças.

CAMÕES

Assim vem na vida os gostos. Quasi todos são falsos.

ANTONIO

Bem a ponto acodem os loiros, mestre, para vos desenganarem!

CAMÕES

Muito mais a ponto a murta que é *dor*, e os malme-queres que são *sofrimento*... só não havia de vir ahi esse rosmaninho que é *esquecer!* Mas quem de mim se ha lembrado com o mimo?

ANTONIO

Barbara.

CAMÕES

A pobre mulata!? chamae-m'a. A soberbias me véda tu a porta; a affectos, não.

ANTONIO

Entregou, pediu novas da vossa saude, como é seu costume todos os dias, e partiu.

CAMÕES

Tenho pena! pobre velha! diz que tambem padeceu muito. Morreu-lhe não sei quem, em viagem do Brasil, sendo ainda moça, que a deixou para sempre triste e desamparada!

ANTONIO

Será logo por isso que vos quer tanto.

CAMÕES

Será! Quantos dias, se não fôra a sua caridade, não houveramos passado sem comer, Antonio! e mas (coitada!) é uma pobre de Christo! sempre assim foi: mãos largas; mãos largas, e delicadeza para acudir sem envergonhar... os pobres. De

noite, apregôa marisco por essas ruas; de manhã, vende ramilhetes; um'hora no alpendre de San-Domingos; outr'ora, e as mais das vezes, onde nós a achámos em desembarcando, no Terreiro do Paço, ao pé da Casa dos Contos. É porque d'ali, me disse ella, se vê o mar e as caravelas que vem e vão, que tudo lhe faz muita saudade! Pobre Barbara!... para ahi morrerás tambem algum dia, sem haveres quem te cerre os olhos! (*fica absorto em seus pensamentos*)

ANTONIO (*a parte*)

Que esmorecimento! Aos tigres arrancára lagrimas vêr animo tão varonil agora tão alquebrado! A isto o hão chegado estes seis mezes, curtidos em angustias, e quasi sempre no leito, alanceado de dores...

CAMÕES

Ai! que vida! (*bate-se á porta. Camões impacientissimo*) Nem sequer morrer em descanço me deixarão aqui! (*Antonio vai á porta e a descerra*)

SCENA IV

OS DITOS E UM MENINO.

O MENINO (*da parte de fóra*)

Alguma coisinha pelo amor de Deus!

ANTONIO (*indo para fechar*)

Andae ora a outra porta.

CAMÕES

Quem é?

ANTONIO

Um mocinho que pede esmola.

CAMÕES

Entrae, filho, entrae! (*o menino entra e fica parado ao pé da porta com os olhos no chão*) Achegate, achega-te! (*O menino aproxima-se um pouco mais, e a pequena distancia torna a parar. Camões tira do vaso uma flor, e com ella lhe alonga a mão, sorrindo para o atrair; o menino se adianta para a tomar; Camões largando-lh'a o segura e o beija*)

ANTONIO (*á parte*)

Eis ahi todo o teu cabedal, pobre poeta!

CAMÕES (*para o menino*)

D'onde és?

O MENINO

Visinho vosso, aqui do pé de Sant'Anna.

CAMÕES (*á parte, sorrindo tristemente*)

Arruaram-se os pobres! (*alto*) Tua mãe?

O MENINO

Ficou só em casa, doente, e com fome!

CAMÕES

Com fome! e tu?

O MENINO

O ultimo bocado de pão que havia na arca, deu-m'o, mas tambem tenho fome.

CAMÕES (*enxugando a furto lagrimas*)

Quem é teu pae?

O MENINO

Diz que morreu em Africa; era soldado.

CAMÕES (*á parte*)

Não foi dos tres o mais desditoso! (*alto*) Pois, filho, tão errado vens tu a esta porta, como eu vejo que iria á tua. Eu tambem fui soldado; tambem pelejei em Africa, e noutras partes; com

os pellouros não tive tão boa sorte como teu pae; só a tive melhor em não ter filhos, nem mulher, para lhes testar pobreza; o que padeci, padeci-o só eu; que ainda não é o peior padecer. Vae, vae; a menos triste poisada te encaminhe Deus, e vos depare o que eu para mim nem já lhe supplico; vae, que, pois te não soccorro, tambem te não quero roubar... Oh! em bem me acode: toma; (*entrega-lhe o açafate*) leva para tua mãe; noite de Natal, não deve haver um anjo que a passe triste: vae, vae; quando puderes, volverás a vêr-me; sim?

O MENINO

Deus vos pague.

CAMÕES

Sim, ha-de pagar, ha-de. Vae ora, vae. (*Sai o menino levando o açafate, e deixando a porta meio aberta*)

SCENA V

OS PRECEDENTES, MENOS O MENINO.

CAMÕES

Não debalde me prégava em Coimbra aquelle lettreiro latino que pozeram á figura da Sabedoria: (e eu que zombava d'elle!)

Amigo, segue-me, que eu não te hei-de largar: Aprende a viver em captiveiro, e a morrer em pobreza...

E todavia, inda o não aprendi eu!...

ANTONIO (*á parte*)

E dizer que ha lá em cima um olho grande aberto para o mundo! um braço longo que che-

ga á terra, com uma mão forte que a póde revolver e desfazer! e coisas d'estas a passarem sem vingança, nem remedio, nem refrigerio! Tanto rico inutil, voando em ginetes por essas ruas! Tanto palacio pejado de baixellas de prata e oiro! e o maior homem d'este infame Portugal...

CAMÕES

E Java, Antonio! lembras-te da tua ilha?

ANTONIO

Sim, mestre!

CAMÕES

Com saudade?

ANTONIO

Ainda não.

CAMÕES

Breve poderás tornar-te para ella, que a tua cruz...

ANTONIO (*com tom de reprehensão affectiva*)

Mestre, mestre!...

CAMÕES

Nada é; distrae-me; tenho a alma triste até á morte; canta-me; bem sabes que o teu cantar me adormenta as magoas: se os olhos se me cerrarem, não me acordes!

ANTONIO (*á parte*)

Cantar! com o coração a trasbordar de lagrimas... (*Alto*) Sim, mestre, cantarei; repoisae vós. (*Senta-se, e canta. Ao som do canto, Camões adormece*)

Nasci no rico Oriente;
creei-me entre as verdes palmas,
para amor:

amor me poz no Occidente;
fez-me d'alma duas almas,
para a dor.

Ai dor! pois heis-de ir a Java,
estrellas, e vosso rumo
de lá vem,
dizei-lhe qual me eu consumo;
dizei-me se lhe eu lembrava
lá tambem!

Tambem vós, ondas, e ventos,
pois sabeis a minha terra,
lá chegae;
não lhe conteis meus tormentos;
mas o amor, que me desterra,
lhe contae.

Contae-lhe que prêso vivo;
mas que eu mesmo aperto e beijo
meus grilhões;
nem livres, nem Reis invejo,
pois o captivo, é captivo
de Camões.

Camões, grande Allah te acuda;
que bem vês que o teu bom Christo
morto é já!
Grande Allah! tu só o escuda!
dá-lhe patria! arranca-o d'isto,
grande Allah!

Allah poz arvore em Java,
que a florida sombra d'ella
faz morrer:
cá, vi peior mancinella;
pois vi que mil mortes dava
o saber.

Saber, esforço, e virtude,
bastam em terra madrasta
para mal;
bem como, porque se mude
o incenso em cinzas, lhe basta
o ser tal.

Tal patria, não quer afêrro;
antes choral-a na gruta
de Macau!
antes na Arabia mais bruta
curtir miseria e desterro...
co'o teu Jáo!

(*Levantando-se, e fallando*) Em quanto dorme, velarei eu; pensarei eu por elle. (*Vai-se encostar á mesa com os olhos pregados em Camões e contemplando-o com indizivel affecto*) Coitado! se te eu não guiára, já terias fenecido! Apezar de meus annos, quero-lhe como a filho! o grande engenho... é aquillo! uma creança! Nada prevê, nem sabe senão folgar com suas flores e quimeras! É preciso pensar por elle, encaminhal-o! (*torna a passear*) Não saber como lhe hei-de acudir!... se com esta vida se resgatasse a d'elle... pensamento vão! menos

vão era porém o outro, que tantas vezes lhe propuz, supplicando-lhe de joelhos, e com lagrimas, me vendesse ahi a quem quer que fosse; com tanto enfado m'o repelliu, que já me não atrevo a teimar. Oh! que idéa, que idéa! custar-me-ha vergonha... que me importa, se é para seu bem! custe o que custar, hei-de eu fazel-o... mas, se, em quanto sou fóra, acorda elle? Feiticeiro como os da minha terra, quizera eu agora ser, para lhe carregar o somno, e estender-lh'o. A hora deve estar batendo. (*Chega-se para a janella*) Lá estão já abertas as portas da egreja de Sant'Anna; já vai entrando povo para a missa da meia noite. Quem vai para orar, leva affectos compassivos. O coração é flor que toda se abre quando se volta para o ceo! a oração é a sua fragrancia! em se ella presentindo, já o casulo se desdobrou! Esses homens, e essas mulheres mórmente, hão-de-me attender; e Tu, Christo, Deus de Camões, *(voltando-se para o crucifixo pendurado por cima do escudo)* se em verdade tens o poder que me elle ha dito, faze que em lhes eu estendendo a mão á porta da Tua Casa, me não afastem com desprezo! bem vês para quem vou pedir; é para o homem que te ama tanto, como eu o amo a elle; para o poeta que tanta vez te celebrou; para o soldado que pelejou pela tua Lei; para o infeliz, a quem os seus proprios, como a ti os teus, perseguiram em paga de amor, pregaram numa cruz, e ahi o deixaram morrer desamparado! Ouve-me bem, Christo! *(arranca da parede o crucifixo e num transporte lhe beija os pés, cai em*

joelhos, e abraçando-o prosegue) Christo! Senhor do meu Senhor! se o queres ser tambem de um pobre Jáo, que para amar tem infinito coração, Christo Jesus, ainda estamos a tempo, salva-o, que eu te dou a minha alma.

SCENA VI

CAMÕES, ANTONIO, D. CATERINA.

D. CATERINA (*á parte*)

É o seu captivo! receei não ter forças para chegar até aqui!

ANTONIO (*dando por ella*)

Vós, Senhora!

D. CATERINA

Onde está, Antonio?

ANTONIO

Vêde-o! *(D. Caterina vai para Camões* (1) *Antonio sempre em voz baixa para o não acordar)* Não m'o acordeis; muito ha que o não hei visto dormir tão bom somno como este. (*Pondo devagarinho o crucifixo sobre a mesa ao pé de Camões*)

D. CATERINA

Quão demudado!

ANTONIO

Muito; e vós tambem, Senhora!

D. CATERINA

Eu?... que val isso? (*á parte*) Deus meu! que enfraquecimento! *(Alto)* Como lograstes escapar? (*encosta-se á mesa por defronte de Camões*)

(1) Camões, D. Caterina, Antonio.

ANTONIO *(sempre em voz baixa)*

Fez rumor na rua a pendencia, em que nos metteram á falsa fé os apaniguados do senhor Martim Gonçalves; accorreram populares; os malfeitores, raivando de nos não poderem acabar, fugiram, que não houve colhel-os; curou-nos aquella boa gente, com muito amor, as feridas, que não eram pequenas, as de meu Senhor principalmente; e nos trouxeram para este aposento, que um homem ahi offereceu por caridade!

D. CATERINA

Logo, D. Affonso de Noronha... nada soube de tamanha tragedia?

ANTONIO

Quando o senhor D. Affonso de Noronha se foi á estalagem ao romper do dia, por causa do outro duello com o senhor Real, em que havia de ser padrinho, foi o estalajadeiro quem lhe contou o que era passado... O senhor D. Affonso, foi-se correndo a casa do senhor Martim, achou-a despejada; parece que nesse mesmo instante dera a artilheria o sinal de leva; não houve tempo, senão só para se embarcar a toda a pressa; por onde não houvemos nunca mais d'elle novas, nem elle do meu Senhor. Só ahi constou, não sei por quem, que tanto elle, como El-Rei, saíram cheios de ira e paixão por tamanha desaventura.

D. CATERINA

E o novo Rei?

ANTONIO *(ironicamente)*

O senhor Cardeal D. Henrique?... bom amigo para o meu poeta!

D. CATERINA

Pois ninguem, ninguem se lembrou de Camões?!

ANTONIO

Dos grandes senhores, dos que vós pudéreis conhecer, ninguem. Dois humildes, unicamente! o estalajadeiro Diogo... que livrou a meu Senhor de ir para o hospital, e lhe acudiu com fisico, remedios, e alimento, em quanto vivo foi...

D. CATERINA

Morreu?...

ANTONIO

Morreu; e uma pobre velha, que ás vezes nos tem matado a fome, sabe Deus se não á custa da sua. Essas flores, as trouxe ella ahi pouco ha.

D. CATERINA

Uma velha mulata?

ANTONIO

Senhora, sim. Mas como atinastes vós com esta poisada?

D. CATERINA

Estava hoje ao caír do sol ás grades da minha cella, quando ao longe te vi passar, e conheci-te. «Bemdito Deus! Antonio está vivo, vivo está logo Camões,» disse eu; «hei-de vêl-o, hei-de vêl-o hoje mesmo.» Esperei pela noite, quiz fugir, sentiram-me, instei, porfiaram, dei minhas joias, dei tudo o que possuia, saí! corri á estalagem de Diogo... fechada! Disse-me o coração que em Sant'Anna o colheria. Entro na egreja, enganara-me; torno a saír, já fóra de mim, para perguntar pela poisada de Camões a quantos encontrasse; no adro, vejo uma ramilheteira, já de

dias, e no semblante piedosa, que ali vendia aos fieis seus ramos para offrendas ao Menino; sem grandes esperanças a inquiro; guiára-me Deus! arraiou-se-lhe de alegria o rosto, e apontou-me para esta porta; eis-me aqui.

ANTONIO

Nas boas horas venhais, Senhora! de agradecido vos beijára eu as plantas, se me atrevêra...

D. CATERINA (*estendendo-lhe a mão, que elle beija*)

Bom Antonio! Providencia visivel do meu Camões!

ANTONIO

Ah! Senhora! só vós lhe heis detido a alma neste mundo; a não ser um longe de esperança de vos ainda vêr, muito ha já que fôra partida!... Neste mesmo somno em que ora o vêdes, já elle ahi tem estado a chamar por vós... Dou que no coração vos adivinhava. (*D. Caterina fica por largo espaço em pé defronte de Camões, debruçada sobre a mesa, com a testa entre as mãos; e Antonio contemplando-os, ora a elle, ora a ella, com o rosto cheio de affecto: entretanto canta-se pela rua a seguinte Esparsa ao som de viola:*)

Vinde; Christo é nado;
não me façais guerra;
anjos hão mandado
haver paz na terra.

Mas a paz que eu tinha,
como a haverei eu
sem vós, pastorinha,
que sois anjo meu?!

CAMÕES (*a sonhar*)

Caterina!

ANTONIO

Ouvis?

D. CATERINA (*baixinho para Camões*)

Aqui estou!

ANTONIO

E estareis: agora sim, que vem as minhas esperanças a reflorir!

D. CATERINA (*com transporte d'angustia*)

Esperanças! ah!... que esperanças!... quando... (*caindo em si, e reprimindo-se*) Estou a morrer, Antonio; pois não me vês?... ainda aquella que ali se consome (*mostrando com os olhos a vela*) me ha-de talvez sobreviver!

ANTONIO

É verdade! noto-vos um desconcerto no parecer!!...

D. CATERINA

E fugir-me agora a vida!... Agora, agora quando eu tanto a havia de mister!...

ANTONIO

Confiae, que vós e eu hemos de o salvar.

D. CATERINA (*em meia voz*)

Ao menos acabarei ao pé d'elle...

ANTONIO

Por Deus, Senhora, se arreceais que em seus braços vos colha a morte... havei animo, e arrancae-vos d'aqui antes que desperte.

D. CATERINA

Que d'aqui me arranque eu! para me ir aonde, meu Antonio?

ANTONIO

Não sei, Senhora; mas quereil-o acabar?

D. CATERINA

Traspassas-me a alma, porém tens razão! Quero que viva. Mas não me hei-de ir sem deixar alguma coisa da minha alma nesta nobre fronte. (*beija-o na testa*) Adeus... (*Camões neste momento abre os olhos*) Ah! já me viu!

CAMÕES (*levantando-se com os braços abertos, e aproximando-se vagaroso para D. Caterina, que recua*)

Voltaste ao mundo? ou subi já eu á Bemaventurança?! És tu, Caterina?

D. CATERINA (*em tom affectuoso mas indeciso, e em voz mui baixa*)

Luiz!...

CAMÕES (*do mesmo modo*)

Fallou!... É a sua voz!... É o meu nome!... Não sonho!... Não é visão!... (*detendo-se*) Antonio, tu que não estás louco, dize-me; é realmente a minha senhora D. Caterina? ou a sua fantasma, que além está com os olhos em mim fitos?

D. CATERINA

Sou eu, sou eu, Camões...

CAMÕES (*segurando-a com vehemencia*)

Recobro-a!...

D. CATERINA

Meu amado!

CAMÕES (*com arroubamento*) (1)

Sou eu agora o mesmo Camões? esse pallido agonisante que para além se jazia? Não; resuscitei;

(1) Camões, D. Caterina, Antonio no segundo plano.

desde que em meus braços te aperto, sinto nelles a força; em minha alma a poesia; e neste coração, a par com o amor, a fé, que já quasi m'o havia desamparado! Oh! Caterina! Oh! Caterina! Oh! Anjo meu! Oh! Natercia! Oh!...

D. CATERINA

Vive, esforça por viver, Camões; (*á parte*) oh! hei medo!

ANTONIO (*entre si*)

Já não attentará na minha falta. Agora, eu á minha empreza. (*sai*)

SCENA VII

CAMÕES, D. CATERINA.

(D. Caterina senta-se perturbada, lança mão do ramilhete que está no vaso, e aspira-o fortemente, como quem procura reanimar-se; ergue-se e vai com elle na mão sentar-se no poial da direita da janella. Camões fica por algum espaço em pé diante d'ella, depois se assenta no degrau da janella com o rosto junto aos joelhos de D. Caterina, e com as mãos d'ella apertadas nas suas)

CAMÕES

Tão pouco esperada, e tão pouco para esperar, Senhora, me caiu dos ceos esta ventura, que ainda nella me não fio! serás tu? tu em verdade? Caterina minha? Devéras t'o digo: se me ora faltasses, feito era de minha vida, e de minha salvação tambem!... oh! não, nunca mais me hasde deixar!...

D. CATERINA

Não, Luiz; nunca.

CAMÕES

De certo; nós somos um do outro! não somos?

D. CATERINA

Um do outro.

CAMÕES

A tua alma é o eco da minha alma; na tua voz falla o meu coração: por tanto, dize-o tu: para onde nos hemos de ir?

D. CATERINA

Para onde tu quizeres. *(á parte, e em voz sumida)* projectos!...

CAMÕES (*em tom de muito mimo*)

Para onde?

D. CATERINA

Não me disseste uma vez que para corações que bem se amam, onde quer que se possam bem amar, ahi é a patria?

CAMÕES

De minhas palavras te lembras?

D. CATERINA

Que admira! Outros, com menos razão, não as memoram? As palavras do meu poeta, quem as olvidará em nenhum tempo, depois de as ler? quanto mais, se da propria boca lh'as ouviu? São como as gotas da essencia de rosas de Turquia, que, dizem, passados cem annos inda rescendem.

CAMÕES (*enlevado em delicias*)

Falla, continúa...

D. CATERINA

É verdade; não ha Petrarca, nem Garcilaso,

que mais namore as vontades com seus versos. (*Ouvem-se lá por fóra passar violas, e se continuam a ouvir por algum espaço, com o que o dialogo se não interrompe*)

CAMÕES

Se assim fosse, não me admirara; se os eu escrevi todos para ti!...

D. CATERINA

Todos... não; mas de muitos sei eu que só a mim pertencem; e bastantes lagrimas me hão elles feito derramar!

CAMÕES

Sim! fiz-te derramar lagrimas!...

D. CATERINA

Oh! e mui doces que ellas eram! Olha tu, não só entre mil rimas de outros poetas estremaria eu as tuas, senão que entre mil rimas tuas amorosas, diria logo quaes as minhas eram. Se me perguntasses o como... não sei; sei que para differençar do fingido o verdadeiro, não ha hi pedra de tocar, como um coração amante de mulher. (*recitando*)

«Tanto do meu estado me acho incerto...»

CAMÕES

Não te enganas, não; para ti o fiz. Continúa... Praz-me estar ouvindo por tão formoso eco repetido, um pensamento do que lá vai, e com se ter ido, ainda todavia não passou; continúa, continúa...

D. CATERINA (*recitando com voz que successivamente se lhe vai enfraquecendo*)

«Tanto do meu estado me acho incerto,
«que em vivo ardor tremendo estou de frio;
«sem causa juntamente chóro e rio;
«o mundo todo abarco, e nada aperto.

«É tudo quanto sinto, um desconcerto:
«d'alma um fogo me sai, da vista um rio;
«agora espero, agora desconfio;
«agora desvario, agora acerto.

CAMÕES (*proseguindo na recitação do soneto*)

«Estando em terra, chego ao ceo voando;
«num'hora acho mil annos; e é de geito,
«que em mil annos não posso achar um'hora.

«Se me pergunta alguem porque assim ando,
«respondo que não sei; porém suspeito,
«que só porque vos vi, minha Senhora.

(*D. Caterina, apenas acabou de recitar, tornou a soccorrer-se á fragrancia do ramilhete, com que se reanimou um tanto; depois, desatando-o no regaço, principiou de entrançar, com um sorrir triste e amoroso, uma corôa de loiro e murta*)

CAMÕES (*fallando emquanto D. Caterina prosegue no seu lavor da corôa, e da rua vem sons de flauta concertados com os de viola*)

Nunca tão formosos me hão parecido versos

meus! Voz de mulher amada é harpa de serafins. Que teces tu?

D. CATERINA

A corôa para o meu Petrarca.

CAMÕES (*tomando-lhe do regaço algumas flores, e começando a tecer outra corôa*)

E eu, tecerei a da minha Laura.

D. CATERINA

Muito mais durará que essa, e que todas, a que já de versos me has tecido, pois é de estrellas.

CAMÕES (*sem levantar os olhos do que está fazendo*)

Quatro damas estava eu coroando, seis mezes ha! quão menos feliz então que hoje!... lembra-te?

D. CATERINA

Lembra; que de tudo padecia muito; até de invejas e ciumes nesse lance... (*depois de pausa*) Recita-me as tuas estancias á morte da D. Ignez.

CAMÕES

Ahi tens uma, formosa e amada, como tu.

D. CATERINA

Como eu amante e mesquinha, pódes dizel-o. Recita, recita...

CAMÕES

Aqui?! agora?! é tão triste!...

D. CATERINA

Que importa?

CAMÕES

Parece agoiro...

«..... a misera e mesquinha,

«que depois .....

D. CATERINA (*sorrindo muito tristemente*)

«..... depois de ser morta foi Rainha.

Dois bens: descanço, e gloria universal! oh! recita, recita: mando eu; peço eu.

CAMÕES

«Estavas, linda Ignez, posta em socego,
«de teus annos colhendo doce fruito,
«naquelle engano d'alma, ledo e cego,
«que a fortuna não deixa durar muito;
«nos saudosos campos do Mondego,
«de teus formosos olhos nunca enxuito,
«aos montes ensinando e ás hervinhas
«o nome que no peito escripto tinhas.

«Do teu Principe ali te respondiam
«as lembranças que na alma lhe moravam;
«que sempre ante seus olhos te traziam,
«quando dos teus formosos se apartavam;
«de noite, em doces sonhos que mentiam;
«de dia, em pensamentos que voavam;
«e quanto emfim cuidava, e quanto via,
«eram tudo memorias de alegria.

«De outras bellas senhoras, e Princezas,
«os desejados thalamos engeita;
«que tudo emfim, tu, puro amor, desprezas,
«quando um gesto suave te sujeita.
«Vendo estas namoradas estranhezas
«o velho pae sisudo, que respeita
«o murmurar do povo, e a fantasia
«do filho, que casar-se não queria,

«tirar Ignez ao mundo determina,
«por lhe tirar o filho que tem prêso,

«crendo co'o sangue só da morte indina
«matar do firme amor o fogo accezo.
«Que furor consentiu que a espada fina,
«que poude sustentar o grande peso
«do furor mauro, fosse alevantada
«contra uma fraca dama delicada?

«Traziam-na os horrificos algozes
«ante o Rei, já movido a piedade;
«mas o povo, com falsas e ferozes
«razões, á morte crua o persuade.
«Ella, com tristes e piedosas vozes,
«saídas só da magoa, e saudade
«do seu Principe e filhos, que deixava,
«que mais que a propria morte a magoava,

«para o ceo cristalino alevantando
«com lagrimas os olhos piedosos;
«os olhos, porque as mãos lhe estava atando
«um dos duros ministros rigorosos;
«e depois nos meninos attentando,
«que tão queridos tinha, e tão mimosos,
«cuja orfandade como mãe temia,
«para o avô cruel assi dizia:

D. CATERINA *(vendo que o seu poeta se calà, continúa a recitar)*

«Queria perdoar-lhe o Rei benino,
«movido das palavras que o magoam;
«mas o pertinaz povo, e seu destino
«que d'esta sorte o quiz, lhe não perdoam.
«Arrancam das espadas de aço fino
«os que por bom tal feito ali pregoam.

«Contra uma dama, ó peitos carniceiros,
«féros vos amostrais, e cavalleiros?

CAMÕES *(como fóra de si, mas sem se deter na textura da coróa)*

«Taes contra Ignez os brutos matadores,
«no collo de alabastro, que sustinha
«as obras com que amor matou de amores
«áquelle que depois a fez Rainha...

D. CATERINA *(indicando-lhe o que deseja que elle recite)*

«Assi como a bonina.....

CAMÕES

«Assi como a bonina, que cortada
«antes do tempo foi, candida, e bella,
«sendo das mãos lascivas maltratada,
«da menina que a trouxe na capella,
«o cheiro traz perdido, e a côr murchada,
«tal está morta a pallida donzella,
«seccas do rosto as rosas, e perdida
«a branca e viva côr, co'a doce vida.»

Basta, basta, que endoidecerei.

D. CATERINA

Sim, basta. Que thesoiro de tristezas houve sempre nesse coração! Quem assim te ensinou a profetisar magoas, Luiz?

CAMÕES

Não sei; fallemos antes de contentamentos.

Ainda a tempo chegaste; se tardas um pouco mais, quiçá me não acháras cá no mundo. A passos largos me ia para onde já cuidava que tu eras. *(Detendo-se, e levantando para ella o rosto com muito affecto)* Mas por onde te has andado tu, em quanto eu aqui agonisava, meu gentil Anjo Salvador? Quem para mim te encaminhou?

D. CATERINA

Depois t'o direi...

CAMÕES

Sim, depois; ainda bem que já podemos dizer *depois* com tamanha segurança; nas mãos temos o porvir. Olha para mim, Caterina!... que beldade!... Estrellas me estão teus olhos parecendo!... que resplandor sobrenatural! *(cessa a musica, e cai ao mesmo tempo da parede com grande estrondo o escudo; ficam ambos sobresaltados, e em silencio. Á parte, e alterado)*

Será aviso! per si se baqueou o escudo; soaria a hora da fenix alfim!

D. CATERINA *(levantando-se de repente, e deixando caír a corôa)*

Um milagre! preciso de um milagre, meu Deus!... a vida, meu Deus, a vida!... a vida!...

CAMÕES *(levantando-se aterrado, deixando tambem caír a corôa, e tomando a mão de D. Caterina)*

Que dizes?... que tens?... que mão é esta tão de gelo!

D. CATERINA

Não!... a tua é que me queima! *(a parte)* Ha-de blasfemar! estou-o ouvindo... *(toma da mesa o crucifixo, some-o no peito, e abraça-o como quem faz*

uma oração intima em trance de summa angustia e terror)

CAMÕES *(enleado)*

Matas-me... não entendo... a que vem?...

ANTONIO *(na rua)*

Esmola para Camões!...

D. CATERINA *(á parte)*

A voz de Antonio!

CAMÕES *(desdobrando-se com altivez, e fóra de si)*

Esmola para Camões! quem é que em meu nome pede esmola!

D. CATERINA

Oh! *(senta-se no escabello junto á porta da esquerda)*

CAMÕES

Que has tu, Caterina?

D. CATERINA

Eu!... nada... Está-se cumprindo o teu destino, Camões!

ANTONIO *(como acima)*

Senhores meus, uma esmola para Camões, que se morre á mingoa!

CAMÕES *(vacillando, e na maior perturbação)*

Quem diz que o Camões necessita de esmolas?! *(vai para a janella; D. Caterina levanta-se, quer fugir sem saber por onde)*

ANTONIO *(como acima)*

Esmola, senhoras minhas! esmola para Camões, que se morre de fome!

CAMÕES *(com falla suffocada)*

Silencio! infame captivo!... Mentes! mentes!

D. CATERINA (*chegada á porta da direita para sair, cai*)

Camões!

CAMÕES (*com uma risada*)

Ainda me faltava isto!... (*volta a cabeça ao grito de D. Caterina*) Chamas-me!... (*vê-a em passamento*) Ai Deus!...

D. CATERINA

Oh! Camões!...

CAMÕES

Vem, vem. (*Leva-a como póde, quasi de rojo, e vai-a sentar, junto á mesa, na cadeira onde elle proprio estivera*)

D. CATERINA

Sabia que Martim Gonçalves havia de regressar esta noite a Lisboa... julgava-te morto... e então...

CAMÕES

Ai! matou-se!!!...

D. CATERINA

Perdoa-me tu!... e Deus tambem!... a ambos adoro. (*Expira*)

CAMÕES (*inclinando-se sobre D. Caterina chama por ella de mansinho*)

Caterina... tu não estás morta... Caterina, tu não pódes deixar-me cá assim... Dize, ergue-te, Caterina... (*procura levantal-a, mas o corpo recai mortal*) Está morta!... mataram-m'a! a minha Ignez de Castro. E eu, meu Deus! eu hei-de ficar vivo?... (*principia a correr o mesmo sino do primeiro acto, porém muito perto, e continúa até depois de se abaixar o pano por algum espaço*) A campa de

Sant'Anna! é essa a vossa resposta, meu Deus! D'esta vez a bemdigo, que me vem pregoar o livramento. Sempre contei com ella. (*Ajoelha de mãos postas junto a D. Caterina para orar, e cai aos pés d'ella*)

SCENA VIII

D. CATERINA (*defunta*) CAMÕES (*no chão*) ANTONIO (*entrando pela porta da direita*)

ANTONIO (*parando no limiar da porta, e assomado*)
Muito bem, Christo! não quizeste a minha alma! (*reparando em Camões*) Ah!...

CAMÕES (*erguendo-se um tanto no braço com uma risada*)
Que te deu essa gente para Camões?...

ANTONIO
Corações que só punhal os pungiria!...

CAMÕES (*em agonia*)
Perdoe-lhes o Altissimo... e a mim!... Adeus, meu amigo tão leal!... abafo! (*com um grito*) Uma só mortalha, para mim, e para ella... Caterina... vamos ao ceo descançar. (*Expira. Neste momento principia a ouvir-se o orgão da festa de Sant'Anna*)

ANTONIO
Não posso ainda acompanhal-o... ámanhã, sim. (*Corre a tomar as duas coroas: põe a de loiros em Camões, e a de flores em D. Caterina; olhando de relance para a luz, e exclamando:*) E sobreviveu-lhe!... (*vôa á janella, abre-a, e grita com a voz cheia de lagrimas, e soluçando*) Esmola para o enterro de Luiz de Camões!!!

FIM DO ACTO V

NOTICIA COMPLEMENTAR

O precedente drama, acabado de imprimir na primeira edição aos 22 de fevereiro de 1850, foi pela primeira vez representado no Rio de Janeiro aos 30 de novembro de 1855.

Eis aqui a historia: o illustre escriptor francez Thiago Arago, que me honrára com a sua amizade e trato íntimo, quando, emigrado de França para o Brasil, se demorou alguns dias em Lisboa, levou comsigo este com outros meus impressos.

Lá, foi recebido pelo commendador João Caetano dos Santos, como bem convinha a tal hospedado e a tal hospedeiro; e falleceu pouco depois repentinamente; (desgostos provavelmente o acabaram).

Santos, magnifico emprezario do theatro de S. Pedro, e o primeiro actor do Brasil, deu-lhe a gozar no breve prazo que o teve comsigo quantas delicias poude, e se podiam: extremos d'affecto, homenagens do talento ao talento, os penates em festa contínua, e triunfos publicos, representando elle proprio *A Gargalhada*, peça notavel do insigne viajante.

Fallecido este, fez-lhe exequias esplendidas, erigiu-lhe a expensas proprias um tumulo, e com um largo beneficio no seu theatro liberalisou á interessante e formosa Antígone do peregrino, emfim descançado, com que regressar para a sua terra.

A boa dama, não tendo outro modo como provar ao seu bemfeitor a gratidão, em que tamanhos beneficios a empenhavam, constrangeu-o com suas instancias a acceitar os poucos livros, unico espolio que do poeta lhe ficara. Nelles se achava o drama *Camões*.

Lendo-o então pela primeira vez João Caetano, anteviu que naquellas paginas, se fossem interpretadas pelo genio d'elle, que naquellas elegias dramatisadas, se elle as realçasse com o fogo da sua poesia propria, assaz havia com que despertar a pública attenção, e satisfazel-a.

Entretanto cheguei eu ao Rio de Janeiro em principios de fevereiro de 1855. Fez-me a honra de me procurar, e consultou-me.

Expuz-lhe com lealdade os perigos que me parecia haver em se expôr aos incalculaveis juizos de espectadores o que só estava ordenado para

leitores solitarios, estudiosos, e pacientes; em se aventurar finalmente ás procellas da scena uma obra talhada para o remanso do gabinete.

Discutimos o ponto; venceu elle. Rendi-me á confiança que o animava. Era um athleta costumado a travar-se com o publico arca por arca, vencel-o, e triunfar, com enthusiasmo do vencido.

A peça entrou logo em ensaios.

Houve eu de me retirar para a Europa antes que podessem expôr-nos ás provas públicas.

Fantasiára Santos, bom conhecedor dos animos e gostos dos frequentadores de theatros, offerecer-lhes como remate, e para desconto da tragedia, coisa com que os espiritos se lhes levantassem, convertidos os luctos elegiacos em galas de triunfo. Ordenou pois de sua propria traça um acto VI:—a gloria posthuma, a apotheóse de Camões. Approvei-lhe a idéa, e a rogos seus lhe deixei, para ali serem cantados, os seguintes versos:

Côro de genios

Nós, genios da poesia,
raios da luz suprema,
ecos do grão poema
do eterno Creador;

nós, aos mortaes eleitos
doamos a harmonia;
aos animos, aos peitos,
a inspiração, o amor!

Nós, que mil claras famas
criâmos repartidas,
criámos hoje unidas
uma por fim sem par.

Somos, Camões, comtigo;
ardeste em nossa chamma;
se te faltou jazigo,
ser-te-ha todo o orbe altar.

Omitto o que em varios jornaes do Rio de Janeiro se leu, e noutros do Imperio se reproduziu, sobre o extraordinario effeito da representação; mas não resisto assim á tentação de transcrever ao menos parte de algumas das cartas que sobre o assumpto se me dirigiram:

Extracto de uma carta de J. F. de Castilho de 14 de dezembro de 1855.

«Representou-se emfim o *Camões* com brilhante «resultado. João Caetano não me havia convi- «dado para os ensaios; disse-me elle na noite, «que não fôra por esquecimento, mas sim por «desejar que eu presenceasse tudo com a im- «pressão da novidade. No dia annunciado, caiu «doente, e geralmente se espalhou que morrêra «de repente! Restabelecido porém algum tanto, «posto que ainda rouco, e privado de parte de «seus recursos naturaes, deu a primeira repre- «sentação a 30 do passado. Estava tenebrosa a

«noite. Torrentes, relampagos, inundação, nada «teve mão no publico. O concurso era sem exem- «plo. Não havia no amplo recinto da sala um «unico logar vasio; chegaram-se a pagar cama- «rotes por trinta mil réis! Achavam-se presentes «Suas Magestades o Imperador e a Imperatriz, que «permaneceram quasi até ao baixar do lustre. «Tudo era luxo; na assembléa reinava certa exci- «tação como de um grande acontecimento.

«Veiu o Gusmão, com a sua capa e espada, e «recitou o prologo, que realmente não está apro- «priado para platéa brasileira, e que mesmo «absolutamente fallando, entendo fôra melhor «eliminar-se.

«Começou, logo após, a representação, que le- «vou das oito horas á uma. Os applausos foram «numerosos; a attenção quasi constante; o inte- «resse geral seguro. João Caetano foi Camões; a «nossa patricia Ludovina, D. Caterina; o Areias, «tambem portuguez, o Jáo. Todos estes papeis «foram bem.....

«O vestuario era todo esplendido. As scenas, «especialmente a do II acto, lindas, e todas no- «vas. O numero das figuras muito consideravel, «e tudo em caracter.

«Tambem eu cuidava, como tu, que este *Ca- «mões* era só livro; mas agora vejo que é certa- «mente drama, e que, sendo todas as figuras «proporcionalmente iguaes, ha-de produzir gran- «dissimo effeito.

«O acto II correu admiravelmente. A vista do «Tejo por entre as columnas da varanda, com

«uma formosa lua, os navios da esquadra illumi-«nados, a sala regia, com rico throno, lustres, «tapete, etc., tudo era soberbo. Giravam na sce-«na talvez um cento de figuras. O *Auto das Boas* «*Estreias* correu lindo; o corpo de baile para «os anjos e demonios tinha mais de trinta figu-«ras; só esse acto fórma por si um espectaculo. «Poderia ter havido um pouco mais de escrupulo «na etiqueta da sala, nos assentos, nos estrados, «nas separações, hierarchias, etc. O trecho dos «*cincoenta cruzados*, como João Caetano o executa, «é de grande effeito scenico. O acto III esfria; o «V vai muito bem:

Sunt lacrimæ.....

«Fez João Caetano consideraveis córtes, nem «todos acertados, quanto a mim; por exemplo: «no V acto, supprimiu totalmente a recitação do «episodio da Ignez, o que deixa uma lacuna; re-«ceou que o publico se enfastiasse; mas podia «ao menos declamar duas ou tres oitavas escolhi-«das, interrompidas pelos machetes lá de fóra, «pois assim assentava melhor o que segue.

«Na representação porém se reconhece que em «outros sitios ha longuras que muito se ganhava «em encurtar. O total é muito bom, e todas as «cinco récitas já dadas têem sido de enchente, pro-«mettendo continuar assim por muito tempo. Já «tambem se representou em Nictheroy, naquella «formosissima ilheta que tu sabes, e onde tantos «domingos fomos jantar deitados no areal á som-

«bra dos rochedos, e com o espelho do oceano «aos pés.

«A apotheóse foi boa lembrança. Fogos de ben- «gala, e outros charlatanismos pirotechnicos illu- «minam uma larga escadaria muito ornamentada, «que dá serventia para um templo, á feição dos de «Minerva, e consagrado a Camões; tudo cheio de «muitas figuras allegoricas, etc. Na frente está um «grande pedestal com o teu nome em lettras de «oiro, e no cimo o teu busto, dispartindo-se d'ali «grinaldas e festões de flores, cujas extremidades «são seguras por ninfas. Na primeira representa- «ção houve muitas poesias, flores, corôas, etc. Er- «go pegou.

«Eu fui abraçar o João Caetano num entreacto. «É galante como elle cegou de um olho tão bem «que eu mesmo, estando ao seu lado, não compre- «hendi como era aquella engenhoca; entretan- «to essa cegueira diminue muito os recursos do «actor, para quem os olhos são sempre origem «de triunfos.

«Estive tambem no camarote do Imperador «num dos intervallos. Fez muitas reflexões ácerca «da peça e da representação, mostrando a gran- «de erudição e gosto litterario que tu lhe conhe- «ces desde aquellas conferencias poeticas que ti- «vemos com elle no paço, e em que tanto admi- «rámos o seu saber.

«Mando-te alguns jornaes que te interessam por «tratarem d'estas coisas.

«Agora, seis horas da tarde, recebo a inclusa «de João Caetano para mim, com outra para ti,

«acompanhando as duas corôas offertadas a elle na «primeira noite. Vai tambem um exemplar da bella «sinfonia que o Dionisio Vega te dedicou, intitulada «*As Lagrimas de Camões*, e que a orchestra toca «antes da peça. Esta sinfonia está muito filoso- «ficamente calculada; é a biografia de Camões «posta em musica: a leviandade da sua primeira «mocidade; os seus arrojos marciaes; os seus «amores; as perseguições que padeceu; os seus «desterros e naufragios; as guerras; as desgraças «e suspiros; a tornada á patria; o canto do cis- «ne; tudo isso vai muito poeticamente expresso «em frase musical. Toda a musica do *Auto* e da «peça é d'elle, e mui bonita. A canção do Jáo só «está por elle instrumentada; o canto é a propria «melodia tão singela, e tão agradavel, composta «por tua cunhada D. Leonor Vidal (M.me Dalhunty); «e disse-me elle que reputava aquelle trecho como «uma felicissima inspiração. Agrada muito ao pu- «blico, e o Areias canta-o bem.»

.....

Carta do sr. Antonio de Bochart

(cavalheiro portuguez residente no Rio de Janeiro, poeta dramatico)

em 14 de dezembro de 1855

.....

«Parabens, e muitos parabens, meu sr, pela «ovação verdadeiramente completa, ainda que em «parte muito merecida, do seu drama *Camões*. «O Rio de Janeiro nunca esperou que o seu thea-

«tro se apinhasse de gente para saudar tanto do «coração a um homem, como agora o fez ao can- «tor de Camões. Nunca vi triunfo assim.

«E dois no mesmo dia, meu caro sr. Castilho! «À tarde assisti, em companhia de seu irmão o «sr. Conselheiro José Feliciano, a uma prova pu- «blica de leitura repentina pelo seu *Methodo*, tendo «já assistido tambem a outra, e nessa se achava «uma escolhida e respeitavel sociedade, que ad- «mirou os progressos alcançados em setenta e «cinco horas de estudo! Sabiam ler, escrever e «contar! O professor é o mui distincto Filippe «José Alberto, da Bahia.

«Sr. Castilho, perdôe-me, mas eu fazia parte «dos incredulos; reputava o *Methodo* muito bom «para adultos, porém metafisico para a infancia. «Hoje acho talvez positivamente o contrario; hoje «sou eu o mais leal e decidido campeão do seu «*Methodo;* tenho-o estudado de noite, sósinho, «desde essa tarde das provas publicas! Fiquei es- «pantado (é a palavra propria) de tanto saber «que ha nelle, dado aos bocadinhos a creanças «para que o digiram com proveito, de tanto es- «tudo profundo que ha ali, e que elles, em dias «apenas, colhem, sem saberem como, e instanta- «neamente, e que lá lhes fica, dando flores e «fructos. É espantoso o seu *Methodo!* ha-de vin- «gar, porque contra factos não ha argumentos! «ha-de vingar emfim, porque o reinado da luz «substitue por toda a parte o imperio das trevas.

«Mas, tornando ao seu *Camões:*—pensára eu «que o drama fôra mais para gabinete que para

«a scena; mas ainda nesta é d'um effeito magni-
«fico. Todas as suas peripecias estão realmente
«muito estudadas; todas as grandes situações ma-
«gistralmente desenvolvidas; e comprehendido foi-
«o, pelo actor e pelo espectador.

«A scena, conhecida pelos *cincoenta cruzados*
«arrebata! João Caetano é interrompido mais
«d'uma vez com bravos e palmas. Estava o Im-
«perador; foi como se não estivesse: o publico
«applaudia frenetica e delirantemente.

«No remate ha a apotheóse, onde Camões ao
«fundo com os *Lusiadas* na mão, cercado de espiri-
«tos celestes sobe ao ceo, e no centro o busto de
«Antonio Feliciano de Castilho rodeado de ninfas
«com festões de flores, recebe de mil bocas mil
«bravos partidos d'alma. Se lhe disser que no
«meio de tantas alegrias nós chorámos, acredita-o?
«Acredita, sim.

«Por mais de uma vez nosso pensamento se en-
«contrava dizendo: — «Se elle aqui estivesse!...» —
«outras, desculpe o rasteiro da frase: — «Para que
«diabo se havia de ir elle embora!...» —

«Nestas occasiões, meu amigo, é que se sabe
«aonde está a verdadeira amizade. Todos nós lhe
«temos muita, e falta neste ninho a sua compa-
«nhia, que tanto nos encantava.»

Resposta á precedente

Sr. e Amigo: — Creio mais no amor e na ami-
«zade que na gloria. Em todos esses triunfos
«brasileiros, (creia V. o que lhe assevero) nada
«me deliciou tanto como vêr o effeito que elles

«produziam em corações, com que o meu se en-
«tende fraternalmente.

«A carta do nosso José, e a de V., sobre tudo,
«me encantaram. Eu sabia o que tinha posto de
«affecto no meu *Camões;* de filosofia nova, e
«de utilidade grande, no meu *Methodo;* mas, a
«respeito do *Camões*, temia as incalculaveis even-
«tualidades da representação, e mesmo, e mais
«que tudo, o ser producção para ahi estrangeira,
«e portugueza, e minha; para o *Methodo* receava-
«me e tremia d'estas mesmas tres inconvenien-
«cias; e, ainda por cima, do *ramerrão,* das pre-
«sumpções da mediocridade, da superficialidade e
«desalumiamento das turbas; mas o *Camões* vin-
«gou, e, o que para mim val dobradamente, vin-
«gou tambem, e ao mesmo tempo, o *Methodo;* e
«eu vejo, pelo que o José e V. me dizem, que es-
«tão devéras convencidos de que elle é, como eu
«já de muito e por muitas provas o sabia, um
«verdadeiro progresso, e (permitta-me V. dizer-
«lh'o eu aqui á puridade) lá para o futuro, quando
«eu já fôr seiba de bem-me-queres no cemiterio,
«ha-de avultar, a despeito de toda a sua apparente
«humildade, como a unica indestructivel e mo-
«numental d'entre todas as minhas obras. Criei
«o *Methodo portuguez*, depois de todas ellas, como
«as boas das arvores dão os fructos que servem,
«depois das flores que recreiam.

«Eu não pude resistir á tentação de ceder aos
«desejos do Marechal Saldanha que me pediu a
«carta de V. para a mandar inserir na *Revolu-
«ção de Setembro*, onde com effeito appareceu ho-

«je, supprimidos, já se sabe, os trechos de natu-
«reza íntima e confidencial.

«Sim sr., sim sr.; creio em que choraram
«com os obsequios que viam prodigalisarem-se-
«me; se o eu não crêsse, mereceria que tives-
«sem dó do meu coração. Juro-lhe pela minha
«honra, meu caro amigo, que essa sociedadesi-
«nha affectuosa a derramar algumas lagrimas
«de saudades por mim, é de toda a apotheóse o
«que mais vezes me occorre, e o que mais dura-
«doiramente me ha-de lembrar. Ora vá: abrace,
«antes tres vezes do que uma, e antes trinta do
«que tres, mas em meu nome, e da minha par-
«te, só da minha, aos seus collaboradores no meu
«triunfo maximo da sensibilidade. Esses trinta
«abraços, eu lh'os pagarei a V. com trezentos
«quando tornarmos a fumar e cavaquear juntos,
«o que oxalá não tarde muito.

«Não me alongo mais nesta, porque o nosso
«José ha-de repartir com V. do que lhe eu es-
«crevo.....

«De V.

«O mesmissimo que sempre, e cada vez
«com mais razão

«Lisboa 11 de janeiro de 1855.

«*Antonio Feliciano de Castilho.*»

Outro poeta portuguez, então residente no Rio, e hoje finado, escrevia-me a 10 de dezembro de 1855 o seguinte:

«Com muita satisfação lhe noticio que aqui «foi no dia 30 de novembro representado o seu «drama *Camões*. Foi immenso o concurso de es- «pectadores: Pelas oito horas da noite chegou «Sua Magestade o Imperador á tribuna, e rom- «peu a orchestra com a sinfonia—*As lagrimas de* «*Camões*—a V. dedicada pelo Sr. Dionisio Vega, se- «guindo-se a recitação do prologo, com o qual «V. tão intimamente predispõe o espectador a «ser *portuguez do Portugal velho*, para apreciar o «caracter das personagens do drama em todas «as suas fases. Findo o prologo com palmas «geraes, subiu o pano, principiou a representa- «ção, e ao entrar o seu *Artista Principe*, não poude «pronunciar o «*Bem vai, amigo Antonio*» senão «passados alguns minutos em que o applaudiram «arrebatadamente, como aconteceu por todo o «decorrer do drama.

«O II acto por si só foi um espectaculo sur- «prehendente, começando pela rica decoração, «que foi logo applaudida; o *Auto* encantou ma- «ravilhosamente o publico; e a declamação do «*Camões*, quando imperiosamente, e com voz es- «magadora, exprobrava os refalsados cortezãos, «abalou os animos dos espectadores; e os ap- «plausos geraes e espontaneos coroaram a con- «clusão do II acto.

«No III acto a scena do projecto de alta trai- «ção de Martim Gonçalves, apanhado em flagran-

«te, e no IV a scena em que D. Caterina lh'a «recorda, envergonhando-o, e a de D. Sebas- «tião, que o expulsa do Reino depois, man- «dando-o descobrir-se, tiveram o mais lisonjeiro «successo. No V acto os espectadores realisaram «cumpridamente o desejo de V., que no pro- «logo lhes pede que entrem com lagrimas no «apertado e pobrissimo aposento de Camões.

«No fim do drama cobriu a scena um novo «pano de boca, representando o naufragio de «Camões, que foi coroado de applausos, e subin- «do depois, mostrou ao espectador a apotheóse «do luso Homero, que representava o templo «da immortalidade, envolto em nuvens e anjos, «illuminado por fogos cambiantes; e em frente «da scena um rico pedestal com o busto de V.; «cantaram-se as suas estrofes — *Nós, genios da poe- «sia*—fazendo a apotheóse de Camões, em quan- «to o povo em peso fazia antecipadamente a do luso «Ossian, que o fez renascer no templo das artes.

«No fim de tudo foi por tres vezes chamado á «scena o Talma brasileiro, coberto de geraes e «sinceros applausos, de que até as senhoras fize- «ram parte, agitando incessantemente os seus «lenços: foram-lhe dadas duas corôas, muitas «flores, e recitados versos. Assim concluiu essa «grande festa artistica, uma das mais pomposas, «ou a mais pomposa, que por cá havemos visto.

«Pela *Semana*, jornal aqui fundado pelo Rapo- «só d'Almeida, verá V. que a companhia dra- «matica representou dignamente. Remetto tam- «bem a V. o *Correio Mercantil*, em que verá o

«meu *Tributo de admiração* a V. e ao Sr. João Caeta-«no, por tão fausto motivo. Remetto tambem o meu «poemeto intitulado *Camões*, em cuja frente ousei «pôr o nome de V., offerecendo-lh'o. Só a V., que «tão exactamente retratou no seu livro o luso «Bardo, eu devia offerecer o meu fraco, mas «sincero tributo á sua memoria. Emfim, remet-«to a V. no *Correio da Tarde* a minha ode ao «nosso Monarcha o Senhor D. Pedro V.

«Tenho muita, e muita satisfação em noticiar a «V. que foi vingada a pessoa de V., e reconhecida «a capacidade, e excellencia do seu *Methodo de «leitura* em um exame publico aos alumnos do «curso do Sr. Alberto, e mais professores aqui for-«mados, e deixados por V. para esse fim: assis-«tiu a commissão de instrucção publica, minis-«tros, pessoas gradas, entre as quaes figurava o «Bossuet brasileiro (o Padre-Mestre Monte Alver-«ne) que por muitas e repetidas vezes disse *excellen-«temente;* e divulgando-se logo tal triunfo, se con-«venceram os incredulos, e foram forçados a ca-«lar-se aquelles maldizentes, que systematicamen-«te mordem sempre o que é bom e civilisador.

«Receba V. os meus sinceros parabens; e con-«cluindo esta carta com a parte que mais inte-«ressa a V. sobre *quantos versos possa fazer*, como «mesmo aqui o disse, espero anciosamente as «honrosas lettras e ordens de V., por ser amigo «sincero, leal, e admirador de V.

«*Francisco Conçalves Braga.*»

Resposta á precedente

«Sr. e Amigo:—Com que immensidade de poe-
«sia não veiu V. regalar-me! Os seus ricos e sen-
«tidos versos, as suas noticias, e as suas sinceras
«alegrias pelo bom exito da representação do meu
«drama, e das provas publicas do meu *Methodo;*
«do meu drama, pedra para o monumento do
«autor dos *Lusiadas;* do meu *Methodo, Lusiadas*
«meus, que eu nem pelos d'elle trocaria, porque
«os d'elle são um diamante, os meus um fructo
«e uma semente; tudo isto junto por tal arte me
«encantou, que, preterindo considerações de de-
«licadeza, e deveres de modestia, consenti a ro-
«gos de amigos a que a interessante carta de V.
«apparecesse hoje impressa no *Diario do Governo,*
«logo em seguimento áquella com que me hon-
«rou o nosso incomparavel João Caetano.

«Infelizmente me não chegaram ainda os jor-
«naes d'ahi, cuja remessa V. me annuncia; vou
«fazer diligencia pelos obter todos, ou alguns
«d'elles, por qualquer outra via. Logo que os hou-
«ver lido escreverei nova e mais detidamente a V.,
«assim para lhe reiterar os meus agradecimen-
«tos, como para lhe participar toda a impressão
«que esses seus artigos me houverem feito.

«Queira V. abraçar por mim o nosso Camões
«redivivo, a nossa D. Caterina, o nosso Jão, o
«nosso D. Sebastião, o nosso Diogo, emfim todos
«os que, mais de certo do que eu, contribuiram
«para esse triunfo capitolino consagrado no Rio
«de Janeiro ao grande poeta portuguez, antes

«que os portuguezes aqui se lembrassem nem se-
«quer de desejar tal representação. Outro, e vinte
«abraços ainda, ao nosso inspirado collaborador
«musico o sr. Dionisio Vega, e ao excellente pin-
«tor a quem tão grande parte devemos attribuir
«no maravilhoso succedimento d'essa mais que
«arriscada, quasi heroica, tentativa do nosso bom
«João dos Santos.

«Para si receba V. os protestos de cordial affecto
«com que me prézo de ser

«De V.

«Admirador, amigo, e criado obrigadissimo

«Lisboa 11 de janeiro de 1856.

«*Antonio Feliciano de Castilho.*»

Estava eu portanto devedor pelo menos a João Caetano dos Santos e a Dionisio Vega, de um triunfo immenso e inesperado. Não lh'o podia pagar; restava-me confessal-o. Escrevi-lhes, e agora, só para tornar mais publico e solemne o testemunho da minha gratidão, reproduzirei aqui essas cartas:

Ao Commendador João Caetano dos Santos

«Meu Artista Principe:—Renasceu emfim, evo-
«cado pelo teu genio, o teu, o nosso Camões! O

«summo autor das glorias portuguezas identifi-«cou-se com o actor summo, reconhecida gloria «do Brasil. Remoçastel-o para os amores e lagri-«mas dos contemporaneos; elle communicou ao «teu genio o seu perfume de veneração antiga, «a sua embalsamação de monarcha em monu-«mento, que te affiança a duração a que os teus «proprios talentos e esforços te davam jus.

«Offereces-me as tuas corôas; porque não accei-«taria eu esses generosos penhores de um affecto «que me honra?! E de que te servem já agora a «ti as corôas, se á tua voz ellas de si se tecem, «e te chovem aos pés?! Acceito-as, e vou cingir «com ellas, não o meu livro, mas os *Lusiadas;* «não a minha cabeça, mas a do nosso commum «inspirador. Para mim já nada peço, nem cubiço, «depois que vi que tu me comprehendeste, e me «fizeste comprehendido no meio de um povo no-«bre e illustrado, que applaudiu e acolheu, como «feita para elle, a obra que eu só havia endere-«çado ao engrandecimento dos meus conterraneos.

«É magnifico para vós outros esse exemplo; e «tanto mais, quanto esse padrão que erigistes a «dois poetas, ambos estranhos, está singular-«mente contrastando com o desprezo posthumo «em que ainda aqui se tem o primeiro, e com a «injustiça com que ao segundo se está, como que «acintosa, e talvez conjuradamente, negando, de-«pois de tantas outras coisas, até o pobre credito «de haver salvado do ultimo perdimento os ossos «do grande mestre! O tempo que o vingou e con-«sagrou a elle, algum dia me fará justiça.

«Para ti a justiça e a posteridade começaram «já.—Recebe os meus parabens, os meus agra- «decimentos, e os meus abraços.

«Teu

«Admirador, amigo, e camarada

«Lisboa 11 de janeiro de 1856.

«*Antonio Feliciano de Castilho.*»

N. B. A precedente carta a João Caetano dos Santos appareceu impressa no Jornal o *Correio Mercantil* (do Rio de Janeiro) em 9 de fevereiro de 1856.

A Dionisio Vega

«Meu caro Sr. D. Dionisio Vega:—Porque não «agradeceria eu logo a V. o rico presente, com «que V. me opulentou, e me encheu de ufania: «a sua incomparavel *abertura* ao meu drama *Ca- «mões?!* Confessal-o-hei sincero: foi porque en- «tendi que uma, nem ainda muitas paginas de «prosa, por mais subidas e esmeradas que fossem, «de sorte nenhuma poderiam corresponder a ta- «manha honra, e só don de Musas podia áquelle «don de Musas retribuir. Projectei logo na pri- «meira hora consagrar a V. como devida home- «nagem, não uma epistola em verso, que pouco «mais podia ser do que um eco mortiço dos applau- «sos com que todo um povo alvoroçado victo-

«riára a composição inspirada de V., mas sim «uma opera portugueza, com que o genio de V., «glorificando-me segunda vez, se elevasse a no- «vos triunfos. D'esta sorte conciliava eu com a gra- «tidão o interesse proprio, e com o meu o de todo «o mundo artistico, tornando de alguma sorte re- «productiva esta prodigiosa obra de V.

«Infelizmente para mim as horas com que o «desejo me tinha feito contar como provaveis, «foram-se-me a uma e uma subtraindo pelo cum- «primento de obrigações anteriores e indeclina- «veis, e os meus primeiros assomos dramaticos, «logo após a sua repentina florescencia, fenece- «ram tristemente sem dar fructo.

«Ainda bem que nos corações amantes como «os de todos nós outros os artistas, a todas as «perdas e ruinas sobrevive sempre a esperança: «tenho fé em que poderá não tardar o dia em «que o meu projecto se realise.

«Nunca elle, este querido projecto já de tan- «tos mezes, me namorou tão risonho a fanta- «sia, como agora, que me consta andar-se ahi «planeando a fundação de um theatro de opera «nesta lingua, reputada despoetica pelos que a «não sabem, nesta deliciosa lingua de Camões «e de Bocage.

«Era uma vergonhosa lastima que, havendo «opera nos mais surdos idiomas do mundo, no «francez, e no proprio dinamarquez, o idioma «semi-hespanhol, e semi-italiano, o portuguez, «carecesse d'ella, e passasse em julgado, que era «incapaz de a possuir.

«O sr. Amat, com essa projectada criação, re-
«para uma grande e antiga injustiça, ao mesmo
«tempo que presta á poesia brasileira e portu-
«gueza um serviço dos mais assinalados. Felici-
«to-me de que elle viesse em nossos dias, e do-
«bradamente me felicito de poder talvez coadju-
«val-o no seu bello empenho, se V., accedendo
«ás minhas supplicas, tiver a extrema bondade
«de acceitar o meu primeiro libretto, que já lhe
«vai dedicado antes de nascido, e se dignar de lhe
«infundir vida e immortalidade, fazendo-o repas-
«sar com o bafo criador do seu talento.

«Tenho a honra de me assignar

«De V.

«O maior admirador, o mais obrigado
«amigo, o mais reverente servo

«Lisboa 2 de abril de 1857.

«*Antonio Feliciano de Castilho.*»

De 30 de novembro de 1855 até 26 de janeiro de 1856 progrediram sem interrupção as representações do drama; e promettiam ir por diante.

Um acontecimento como que fatal as atalhou.

A 13 de fevereiro de 1856 escrevia-me João Cae-
«tano dos Santos o seguinte:

«Amigo:—Acabo de sofrer terrivel golpe, e de
«perder toda a minha fortuna.

«Na madrugada do dia vinte e seis de janeiro «proximo passado, foi reduzido a cinzas o thea- «tro de São Pedro. Vi-o arder pela segunda vez! «E a opinião geral é que o fogo foi lançado pe- «los meus antagonistas; porém elles que se mor- «dam, pois que tenho uma alma grande, e ani- «mo nos trabalhos.

«O Governo acaba de conceder-me o theatro «lirico, e vou já reconstruir (de ferro) o meu «querido São Pedro.

«No meio, porém, de todos esses desgostos, re- «cebi a sua apreciavel carta.

«Meu amigo: como o mundo é cheio de com- «pensações!... Ella, enchendo-me de prazer, me «deu coragem, me exaltou o genio; e disse então «aos meus amigos: Se Castilho me chama—seu Ar- «tista Principe,—me considera, me louva; devo le- «vantar-me no meio de mesquinhos reptís, que só «procuram morder-me, e que lhes não dava ca- «var-me uma sepultura, ainda que se constituis- «sem meus vermes!...

«Devo levantar-me» disse. Desprezei os maus, «procurei os bons, e consegui o que acima fica «dito.

«Meu amigo: duas notaveis coincidencias hou- «ve nesta catastrofe:—uma, foi arder o theatro «no dia do *seu* natalicio, e na vespera do *meu;* «a outra foi, que, tendo ardido tudo quanto exis- «tia no edificio, só salvei o seu livro—o nosso «*Camões*—com parte do reportorio; Camões salvou «do naufragio o seu poema; eu salvei o seu livro «*Camões* do meio do incendio!

«Após todos esses trances, bem deveis conside-«rar que ha de que se expanda minh'alma; bem de-«veis concluir que ha para mim que esperar... Fal-«lo de vossas expressões; fallo d'esses effluvios que «me embalsamarão o resto das ulceras que me «ficaram, e que a *alma maior*, e o *maior animo* «*nos trabalhos* não saram de todo!»

A esta noticia accrescentava em carta sua da mesma data a seguinte circunstancia, meu irmão José Feliciano.

«Sabes que o teu busto figurou em todas as «representações do *Camões* sobre um elevado pe-«destal, á frente, todo serpenteado e coroado de «flores, etc. Jaz portanto pulverisado debaixo «d'aquellas ruinas e cinzas.»

E assim se terminou tragicamente a homenagem solemnissima que o Rio de Janeiro tributou ao maravilhoso epico portuguez.

Seja-me agora licito publicar fielmente alguns extractos dos papeis do nosso Conselho Dramatico:

Da acta da sessão de 30 de janeiro de 1856

«O sr. Presidente (o Dr. Par do Reino José Maria «Grande) disse que aproveitava esta occasião, para «annunciar ao Conselho que o drama *Camões*,

«do sr. Antonio Feliciano de Castilho, fôra repre-
«sentado com um brilhante exito no Rio de Janeiro;
«que esta producção dramatica tinha um subido
«merito litterario, e que, accommodada ás propor-
«ções da scena, por meio de alguns córtes que de
«accordo com o autor lhe foram feitos naquella ci-
«dade, era de esperar que, assim representada en-
«tre nós, tivesse pelo menos o mesmo resultado;
«que fazendo esta participação ao Conselho tinha
«a convicção de que lhe transmittia uma bem agra-
«davel noticia a que o mesmo Conselho não dei-
«xaria por certo de ligar a mais elevada conside-
«ração.

«O sr. Antonio Feliciano de Castilho, agradecen-
«do ao sr. Presidente as obsequiosas expressões que
«lhe dirigira, accrescentou que, quando compo-
«zera o *Camões*, não fôra intenção sua destinal-o
«á scena, e que tão sómente o considerava como
«um estudo poetico, isto é, como um livro desti-
«nado e mais proprio para ser lido no gabinete,
«do que um drama para subir á scena num
«theatro publico; que d'aqui se derivavam os in-
«convenientes que no Brasil se notaram quando
«se pretendeu leval-o á scena; porém que feitos
«então alguns córtes, o seu drama fôra ali repre-
«sentado com geral acceitação, o que o levava a
«crêr que posto em scena no theatro normal o seu
«effeito devia ser inquestionavelmente muito su-
«perior; asseveração que avançava sem fatuidade,
«por quanto, mais ao assumpto do drama, do que
«á maneira por que fôra tratado, se devia attribuir
«tão brilhante resultado. Que podia assegurar ao

«Conselho que, em nove representações que já ti-«nha havido successivas no Rio de Janeiro, o seu «drama tivera outras tantas enchentes. Que não «devia esconder que, para ser convenientemente «posto em scena, o drama exigia alguma despeza; «e attendendo aos mui escaços meios de que o «theatro normal dispõe, lhe parecia mais prudente «antes de se tomar qualquer resolução a este res-«peito, esperar pelo resultado definitivo que o mes-«mo drama tenha obtido, e servir este de base para «calcular a conveniencia que haja em o fazer re-«presentar. Accrescentou finalmente que, conside-«rando-se como um proscripto em litteratura, e «victima de uma guerra constante e tenaz que «certos litteratos lhe têem ultimamente movido, re-«ceava que, proseguindo ella, a sua obra não ti-«vesse um exito feliz; que fazia esta consideração «para em vista d'ella o Conselho decidir, se con-«vem que a administração do theatro se deva aba-«lançar a uma tão grande despeza.

«O sr.. Presidente, procurando desvanecer todas «as duvidas apresentadas pelo sr. A. F. de Casti-«lho, disse, com respeito á despeza, que ella nun-«ca seria tão exagerada, attendendo a que o thea-«tro normal possuia um grande espolio em guar-«da-roupa e scenario. Que, pondo de parte todas «as preoccupações suggeridas pela excessiva mo-«destia do autor do drama, propunha que este fos-«se entregue a um dos vogaes do Conselho, para «lhe fazer os córtes que julgasse a proposito, para «em seguida o Conselho o examinar e tomar uma «resolução.

«O sr. Abranches, conformando-se com a opi-«nião do sr. Presidente, pediu ao sr. Castilho que «quanto antes se occupasse d'este negocio, e offe-«receu-lhe todo o seu apoio.

«O sr. Lacerda, accrescentou que o nome do au-«tor autorisava a obra, e que esta consideração «bastava para que o Conselho tivesse o maior em-«penho e empregasse todo o seu zelo e actividade «em ornar a scena portugueza com a producção «de um dos nossos primeiros poetas.

«O sr. A. F. de Castilho, pediu ao sr. Abranches «que se quizesse encarregar de examinar o dra-«ma, e de nelle fazer os córtes que entendesse.

«O sr. Abranches, annuindo ao convite, exigiu «que, para o coadjuvar, lhe fosse adjunto o sr. La-«cerda. Assim se resolveu, bem como que proxi-«mamente haveria uma reunião de Conselho para «se proceder á leitura do drama.

Da acta de 20 de fevereiro de 1856

«.....O sr. Presidente, disse que a pre-«sente reunião havia sido por s. ex.ª destinada á «leitura do drama *Camões*, composição original «do sr. A. F. de Castilho. Procedeu-se em seguida «á leitura indicada, finda a qual, e depois de cum-«primentado o autor, foi o drama entregue, con-«forme com o que se resolvêra na ultima confe-«rencia, aos srs. Abranches e Lacerda.

Acta da sessão de 12 de junho de 1856

«Presidencia do sr. José Maria Grande.

«Presentes, além do sr. Presidente, os vogaes: «Andrade Corvo, Antonio de Lacerda, Brito do «Rio, e Cunha e Menezes.

«Lida a acta da antecedente conferencia, foi ap- «provada sem reclamação.

«O sr. Presidente disse que sendo a ordem do «dia a discussão do parecer ácerca do drama *Ca- «mões*, se ia proceder á leitura do referido pare- «cer, para em seguida ser entregue á discussão.

«Em seguida foi lido pelo Secretario o parecer.

«O sr. Antonio de Lacerda, obtendo a palavra «como membro da commissão, disse que o me- «recimento tanto litterario como dramatico do «drama *Camões* era incontestavel; e tão subido, «quanto era de esperar que o fosse uma produc- «ção do sr. Castilho. Accrescentou que as situações «dramaticas eram tão engenhosas e bem desenvol- «vidas, que a commissão se não atrevêra a preci- «sar os córtes que as exigencias scenicas possam «aconselhar como vantajosos para um melhor re- «sultado do drama, reservando-se para os indicar «na opportuna occasião dos ensaios. Disse mais «que, não só em attenção ao merecimento do dra- «ma, como tambem á consideração e respeito que «tributava ao seu autor, entendia que o referido «drama subisse á scena, e se escolhesse para a sua «primeira representação o dia solemne da trasla-

«dação dos restos mortaes do nosso insigne poeta «Luiz de Camões; porém que exigindo a *mise en* «*scène* alguma despeza, e devendo ser esta talvez «superior ás forças do cofre do theatro normal, se «pedisse ao Governo um auxilio pecuniario a fim «de se levar a effeito tão patriotico pensamento.

«O sr. Presidente, concordando plenamente com «a opinião expendida pelo sr. Lacerda, accres- «centou que estava convencido de que a des- «peza não seria muito avultada; e ainda quando «o fosse lhe parecia que não era motivo para que «o Conselho hesitasse em empregar todos os seus «esforços sempre que á arte dramatica se pre- «tenda, como neste caso, dar todo o alento e pro- «tecção de que ella carece.

«O sr. Andrade Corvo, abundando nas idéas apre- «sentadas pelos seus collegas, terminou lamen- «tando a sorte pouco favoravel a que entre nós «estão sujeitos os autores dramaticos, especial- «mente aquelles que exclusivamente se dedicam «a este ramo de litteratura; e chamou a attenção «do Conselho sobre tão importante assumpto.

«Não havendo quem pedisse a palavra, o sr. Pre- «sidente mandou novamente ler o parecer, que de- «pois de lido foi entregue á votação, e unanime- «mente approvado.

«Em seguida o sr. Presidente disse que em con- «formidade com a votação que acabava de ter lo- «gar, se dirigiria a Sua Magestade uma consulta; «e não havendo mais objecto algum a tratar, le- «vantou a sessão. E eu Carlos da Cunha e Mene- «zes, Secretario, redigi e assignei.

Consulta

«Senhor:—Ao Conselho Dramatico foi presen-«te, a fim de ser examinado e avaliado o seu me-«recimento litterario e dramatico, o drama origi-«nal *Camões*, de Antonio Feliciano de Castilho.

«Depois de uma leitura reflectida, e de não me-«nos reflectida e demorada discussão, o Conselho «reconheceu que o drama *Camões* tinha um ele-«vadissimo merecimento litterario; e que são tão «portuguezas as feições que o caracterisam, tão ri-«cos os pensamentos elevados que o adornam, e «tão sublimes as situações que o animam, que o «julgou digno de honrar o nosso theatro, subindo «á primeira scena portugueza, á do theatro nor-«mal.

«O drama *Camões*, e o poema *Camões*, são os unicos «monumentos elevados á sua memoria por dois «grandes poetas dignos d'elle: Garrett e Castilho; «e persuadido está o Conselho de que o Governo «de Vossa Magestade não consentirá que Antonio «Feliciano de Castilho tenha de pedir esmola, como «o escravo Antonio, para o seu *Camões*.

«Com a pratica que o Conselho tem dos chama-«dos effeitos scenicos em Portugal, atreve-se a as-«segurar que quando mesmo este drama tivesse «de ser apresentado a um emprezario especulador, «este não havia de perder o capital que empre-«gasse para o dar ao publico com toda a pompa.

«Porém este drama não deve ser avaliado sim-«plesmente como obra d'arte, e muito menos co-«mo obra de especulação de theatro.

«Um drama que faz resuscitar diante dos por-«tuguezes de hoje a era mais solemne da nossa «historia; que põe em scena a maior gloria da «nossa terra — um simbolo do nosso antigo valor, «e amor da patria; o soldado, poeta e infeliz Ca-«mões — nas armas grande, grande nas lettras, nas «desventuras ainda maior; e finalmente essas duas «columnas d'Hercules dos nossos truncados fastos «— Camões e D. Sebastião; este drama, modelo na «pureza, e propriedade da linguagem, na conve-«niencia do estilo, e no estudo e observação dos «costumes d'aquella época, escripto por um dos «nossos mais famosos escriptores e poetas, é uma «obra verdadeiramente nacional, e que por si mes-«ma excita a curiosidade, e deve prender a at-«tenção, e promover a admiração de espectadores «portuguezes.

«Muito mais se fôr bem interpretado pelos nos-«sos melhores actores, e posto em scena com todo «o esmero, e galas, que exige. Não duvida o Con-«selho de que durante os ensaios se reconheça a «necessidade de fazer alguns córtes, a fim de redu-«zir o drama ás justas e convenientes proporções «de uma producção dramatica, que hoje se destina «para o theatro; porém que na sua origem, como «o declara o seu autor, foi dedicado apenas á lei-«tura de gabinete. O Conselho Dramatico, para «gloria sua e da arte, acompanhará e assistirá á «maior parte dos ensaios, e ahi fará as reducções «que julgar convenientes.

«Mas antes de tudo, o Conselho tem a cumprir «um grande dever para com o Governo de Vossa

«Magestade, e este para com a memoria de Ca-
«mões, e o drama de Antonio Feliciano de Casti-
«lho.

«Não resolveu já o Governo de Vossa Magestade
«fazer a solemne trasladação dos ossos de Camões
«para o jazigo real de S. Vicente? Seja pois esse
«tambem o dia designado para pela primeira vez
«subir á scena o drama no theatro normal.

«Adopte o Governo este drama para comme-
«morar o principe dos poetas portuguezes, na-
«quelle dia, ou noutro qualquer assinalado, or-
«denando e decretando a sua representação an-
«nual, repetida nos dois dias seguintes.

«Compense-se ao menos a falta de um mauso-
«leu, e de uma estatua a Camões, com duas ou
«tres récitas por anno, d'este drama, para que a
«côrte, a alta sociedade, e os espectadores d'entre
«todas as classes, hajam de assistir á solemnidade
«d'esta grandiosa trasladação para a scena, do Ho-
«mero portuguez, reparando assim, com algumas
«lagrimas sequer, os desabrimentos de nossos
«avós para com elle.

«Como porém o drama seja de grande especta-
«culo, ainda que na parte accessoria, e o cofre
«da administração do theatro se não ache suffi-
«cientemente habilitado para fazer face a taes
«despezas, e não o deva em conformidade do de-
«creto de 22 de setembro de 1853, o Conselho
«Dramatico não hesita em implorar, e tem ante-
«cipadamente a certeza de obter da munificen-
«cia de Vossa Magestade que o seu Governo seja
«autorisado a pôr á disposição do Commissario

«Regio junto ao theatro normal, as sommas ne-«cessarias para levar a effeito este pensamento al-«tamente nacional, apresentando previamente o «referido Commissario Regio para tal fim ao Go-«verno, o orçamento de despeza, conforme deter-«mina o regulamento alludido.

«O Conselho julga ter cumprido um dever, res-«peitando o direito incontestavel que assiste ao «autor do drama; e fôra indifferença mal cabida «pelas glorias da nossa scena, senão desprezo in-«qualificavel pelo insigne poeta que a sabe illus-«trar, se assim não procedesse.

«Deus Guarde, Conserve, e Dilate a preciosa vida «de Vossa Magestade.

«Inspecção do theatro de D. Maria II 5 de ju-«lho de 1856.

«O Presidente

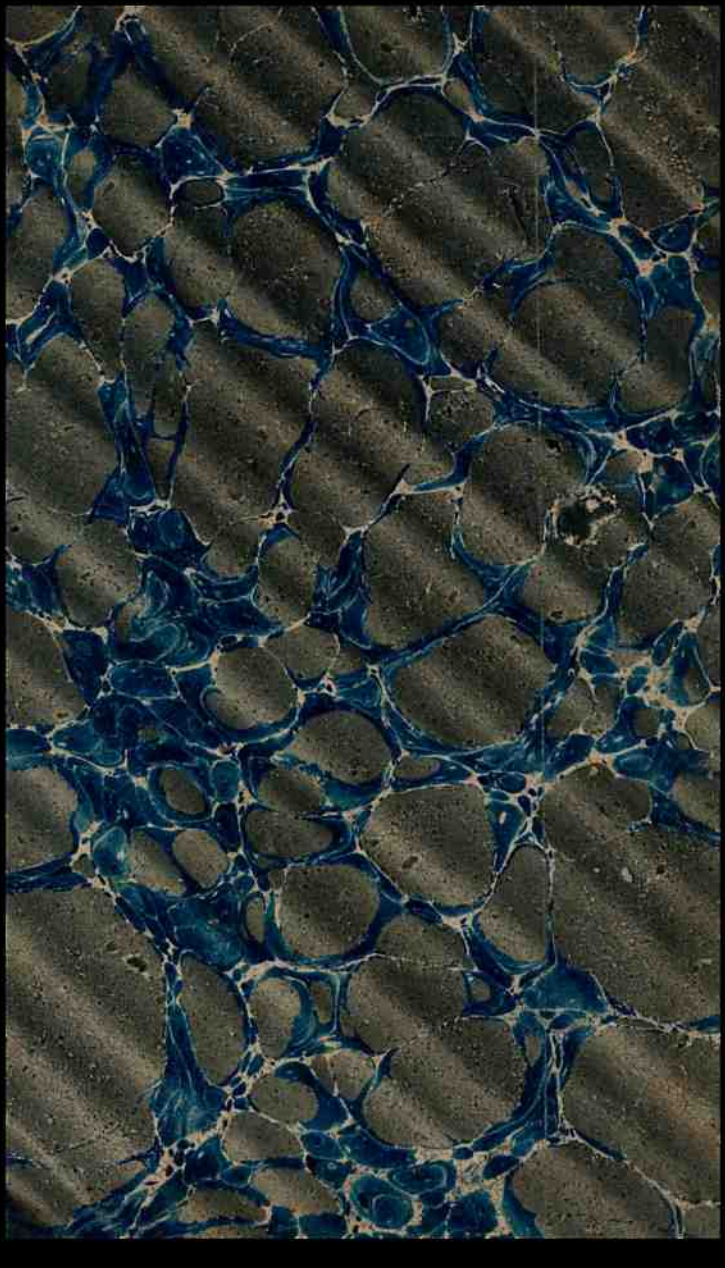
«*José Maria Grande.*»

Pareceu-me juntar para aqui todas estas noticias e peças documentaes, para que, se porventura algum dia um engenho curioso se lembrasse de és-

crever a historia litteraria do nosso theatro, tivesse á mão com que se inteirar de todo o occorrido ácerca de um drama a que o nome do protogonista só per si, á mingoa de qualquer outro merito, communicou uma importancia real e incontestavel.

FIM DO PRIMEIRO TOMO.

CENTRO DE ESTUDOS PORTUGUESES
ILCSE - ARARAQUARA
BIBLIOTECA N.º 1395

26.10.91

Ao Prof. Dr. Jorge Cury